

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA APARECIDA DE LIMA MADUREIRA

**COLÉGIO SANTA ESCOLÁSTICA: A EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA BENEDITINA EM SOROCABA**

SOROCABA/SP

2017



MARIA APARECIDA DE LIMA MADUREIRA

COLÉGIO SANTA ESCOLÁSTICA: A EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA BENEDITINA EM SOROCABA

Tese apresentada à Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Sorocaba, como
exigência parcial para a obtenção do título
de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Regina Boschetti

SOROCABA/SP

2017



Ficha Catalográfica

M159c Madureira, Maria Aparecida de Lima
 Colégio Santa Escolástica: a experiência pedagógica beneditina
em Sorocaba/ Maria Aparecida de Lima Madureira; 2017.
106 f.: il.

 Orientadora Prof. Dra. Vania Regina Boschetti.
 Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba.
Sorocaba, SP, 2017.

 1. Educação - História. 2. Educação - Finalidades e objetivos. 3.
Educação humanística. 4. Beneditinas. 5. Colégio Santa Escolástica -
Sorocaba, SP - História. I. Boschetti, Vania Regina. orient. II.
Universidade de Sorocaba. III. Título

MARIA APARECIDA DE LIMA MADUREIRA

**COLÉGIO SANTA ESCOLÁSTICA: A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
BENEDITINA EM SOROCABA**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Vania Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Wilson Sandano
Universidade de Sorocaba

Profa. Dra. Fatima Aparecida de Souza
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. José Roberto Garcia
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba



Às religiosas irmã Cecília Torres (*in memoriam*),
irmã Maria Elvira Bassini e irmã Hilde Martin –
exemplos da tradição beneditina de educar.

Aos meus pais Nelson e Josefina (*in memoriam*),
por me ensinarem a amar o ato educativo.



AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Vania Regina Boschetti, pelas longas conversas sobre a vida e a educação.

Ao Professor Dr. Wilson Sandano, e ao Professor Dr. José Garcia, pela paciência e pelas sugestões durante a qualificação da tese.

A todas as religiosas do Colégio Santa Escolástica e do Colégio Santo Amaro, pela atenção, confiança e carinho.

À secretária do Colégio Santa Escolástica, Sonia Maria Rodrigues Bellaz, pela companhia e apoio durante as visitas ao acervo.

À amiga Thereza Maria Pereira Urban pelo apoio, disponibilização do acervo pessoal de fotos, e pela cantoria no dia da defesa.

À ex-aluna e hoje professora Daniele Maria Pereira Urban Cassetari exemplo de amorosidade beneditina. Doce presença no dia da defesa.

Aos antigos alunos do Colégio Santa Escolástica e do Externato São Miguel: Roberto Luiz Ayres, Marina de Camargo Madureira, Maria Thereza de Camargo e Selma Maria Reze Bernardi – quantas histórias!

Aos antigos professores do Mestrado em Educação da UNISO, Jorge Luis Cammarano Gonzáles, Fernando Casadei Salles, Celso João Ferretti pelas contribuições e pelo aprendizado que ficou.

À Professora Dra. Fatima Aparecida de Souza suas observações sobre a tese foram essenciais, mas sua amizade é um presente que a educação me proporcionou.

Ao colega Flávio Benedito, pela correção final do texto – trabalho sem fim...

Aos homens da minha vida: Décio, André e Cássio. *Sem amor eu nada seria.*

À Paulinha, por fazer a gente tão feliz.

Aos meus irmãos, irmã, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, amor incondicional.

Aos meus amigos e colegas de vida docente do Colégio Santa Escolástica. Boas lembranças. Gratidão.

À Madre Adriana Ribeiro, priora da Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing em Sorocaba, pelo apoio, carinho e confiança.

A todos, enfim, que, direta ou indiretamente, me auxiliaram nesta pesquisa. Ficam aqui consignados meus sinceros agradecimentos; e, naturalmente, a advertência de que é apenas minha a responsabilidade pelas ideias apresentadas, bem como pelas deficiências e incorreções nas quais inevitavelmente incorri.



RESUMO

Tendo por objeto material de estudo o Colégio Santa Escolástica (centenária instituição escolar da cidade paulista de Sorocaba), esta tese traz o resultado de uma pesquisa historiográfica que se apropriou da trajetória da instituição com o objetivo de apreender as condições concretas em que a representação social de *escola tradicional* se concretizou em seu cotidiano pedagógico. Apoiada nas categorias epistemológicas presentes na obra de Justino Pereira de Magalhães: *materialidade, representação e apropriação* e delimitada pelos anos de 1905 e 1950, a pesquisa se realiza através de fontes primárias e fontes orais, e analisa a institucionalização do projeto educativo da Congregação Beneditina Missionária de Tutzing sob duas perspectivas principais: o *ideal missionário* da ordem religiosa e as *práticas pedagógicas tradicionais*. O aporte teórico que dá sustentação à pesquisa historiográfica conta com os estudos de Demerval Saviani e Franco Cambi. A institucionalização do Colégio se efetiva estabelecendo contato com um passado remoto, mas que repercute na modernidade: a condição *tradicional* não se sustenta apenas nas objetividades das práticas educativas antigas, que sofrem as alterações ideológicas da contemporaneidade, mas também, paradoxalmente, na finalidade singular de um fazer humanista cristão, que tem na educação um dos espaços para realização de seu projeto universal de humanidade e salvação.

Palavras-chave: Colégio Santa Escolástica; Escola de tradição; Irmãs beneditinas; Humanismo cristão;



ABSTRACT

Having as object of study the Santa Escolástica High School (a centennial institution of children's education at the city of Sorocaba, São Paulo), this work shows the results of a historiographical research that seeks to appropriate the trajectory of the institution with the objective of apprehending the conditions in which social representation of the traditional school materialized in its pedagogical routine. Based on the epistemological categories from Justino Pereira de Magalhães works: *materiality*, *representation* and *appropriation*, and delimited by the years 1905 and 1950, this research explores primary and oral sources, and analyzes the institutionalization of the educational project of the Missionary Benedictine sisters of Tutzing under two main perspectives: *the missionary ideal of the religious order* and *the traditional pedagogical practices*. The theoretical contribution that gives support to the historiographical research counts on the studies of Demerval Saviani and Franco Cambi. The institutionalization of that elementary-secondary school happens by establishing contact with a remote past, which has repercussions on modernity: the *traditional condition* is not only based on the objectivities of old educational practices, which undergo the ideological changes of contemporaneity, but also, paradoxically, based on the singular purpose of a Christian humanist work, which has in education one of the spaces for the realization of its universal project of humanity and salvation.

Keywords: Santa Escolástica High School; Traditional School; Benedictines, Christian Humanism;



LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Logo atual:.....	p. 10
Fig. 2: Medalha de São Bento 1930 a 1950	p. 20
Fig. 3: Medalha estilizada das décadas posteriores a 1980.....	p. 20
Fig. 4: Capa do livro “Regra de São Bento”	p. 30
Fig.5: Igreja do Rosário e Colégio Santa Escolástica.....	p. 41
Fig. 6: Sala de estudos.....	p. 41
Fig. 7: Fachada atual	p.55
Fig. 8: Vista aérea atual do Colégio Santa Escolástica.....	p. 55
Fig. 9: Desfile de alunas.....	p . 81
Fig. 10: Vista parcial atual do Colégio Santa Escolástica.....	p. 88



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A TRADIÇÃO HUMANISTA E OS IMPACTOS DA MODERNIDADE.....	21
3 O LUGAR DO PASSADO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS COLÉGIOS BENEDITINOS.....	31
4 A FORMAÇÃO HUMANA CRISTÃ.....	42
5 A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA BENEDITINA EM SOROCABA.....	56
5.1 Os primeiros tempos.....	56
5.2 O contexto histórico e educacional brasileiro nas primeiras décadas do século XX.....	63
5.3 O Colégio Santa Escolástica: uma escola de tradição.....	66
5.4 A cultura escolar, memórias, reminiscências e tradição.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
7 REFERÊNCIAS.....	89
8 ANEXOS.....	92

Anexo A – Frisa Temporal

Anexo B – Prólogo e Sumário da Regra de São Bento

Anexo C – Arquivos Digitalizados



Haja hoje para tanto ontem.

(Paulo Leminski)

Educar é apenas permitir a alguém ser digno de seus antepassados.

(Políbio)

Os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas por toda a eternidade.

(Antigo Testamento DN, 12,3)





Figura 1 - Logo Atual

Os arcos se reportam à fachada da Igreja e do Colégio Santa Escolástica atual e compõem à identidade material da instituição.

1 INTRODUÇÃO

O objeto material desta pesquisa – o Colégio Santa Escolástica – foi fundado em 1905, na cidade paulista de Sorocaba, por religiosas da Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing (Alemanha). Hoje, centenária, a escola mantém suas atividades pedagógicas no âmbito do ensino privado, prestando serviços a todas as etapas da educação básica, do berçário ao ensino médio. Nos dias atuais, atende por volta de mil alunos e permanece sendo uma das mais importantes instituições de ensino da cidade, atraindo alunos e profissionais também das regiões circunvizinhas. O desempenho da função de professora contratada de ensino médio no Colégio, entre os anos de 1996 e 2010, propiciou a oportunidade de convívio cotidiano com seu ambiente escolar, com suas práticas pedagógicas e com a gestão educacional. Ensejou também o contato pessoal frequente com as religiosas responsáveis pela congregação mantenedora da instituição. Das impressões pessoais e da observação empírica sistemática de seu cotidiano pedagógico ao longo desses anos, no qual se mesclavam ao trabalho propriamente didático as preocupações de ordem moral-religiosa da congregação, originou-se o interesse teórico pela história do Colégio, sobretudo no tocante à relação manifestada entre o tradicionalismo da orientação pedagógica e um certo *pragmatismo inovador* presente no trabalho cotidiano das religiosas. Dessas impressões, derivou uma sensação paradoxal, por assim dizer, de que o instituído ali encontrava (e encontra) suas raízes na tradição longínqua da religião, para, em seguida moldar-se aos objetivos concretos e cotidianos da formação cultural e moral das pessoas.

Por isso, deparou-se a questão: por que não investigar a história do Colégio Santa Escolástica? Afinal, enquanto instituição escolar longaeva, ela formou, instruiu e educou várias gerações de crianças e jovens da região. Nesse sentido, pois, sua gênese e seu desenvolvimento institucional permitem elaborar um diálogo com o contexto da educação ocidental, nacional e sorocabana. Suas concepções pedagógicas estruturadas a partir de um ideal tradicional de ensino possuem um sentido de formação humana que, ao ser investigado, permite a confrontação e a comparação com o que se faz no presente em termos de

trabalho educativo. A reflexão em torno disso é o que se pretendeu realizar nesta pesquisa.

O contato com o acervo institucional, aberto totalmente pelas religiosas, foi outro elemento que contribuiu para o interesse da pesquisadora, confirmando como o passado e a tradição da congregação mantenedora e da própria escola se embrenham, de forma sutil, no presente escolar. Há inúmeras reminiscências e memórias guardadas nos espaços da escola. Na secretaria, livros de matrículas, livros de visitas de inspetores e supervisores, livros de atas de reuniões pedagógicas, boletins, provas de alunos e regimentos escolares. Na biblioteca artigos de jornais, revistas, trabalhos escolares discentes sobre a história institucional. No espaço da diretoria inúmeros álbuns de fotografias. O prédio, ademais, abriga um museu não intencional de parte da história da educação em Sorocaba, e, conseqüentemente, da história da educação no Brasil. O conjunto arquitetônico onde se situa o Colégio reúne em si, além da escola, a Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Priorado de Sorocaba da Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing.

A congregação das religiosas que cuidam do Colégio é uma das inúmeras instituições católicas que têm como inspiração e fundamentação do trabalho religioso a Regra de São Bento. A Regra é um conjunto de princípios que regulam a vida comunitária de muitos mosteiros espalhados pelo mundo. Os beneditinos, como são chamados, estão em muitos países, organizados em mosteiros ou congregações, tanto femininos como masculinos, ramificações da instituição monástica criada por Bento de Núrsia no século VI. Atualmente, a residência do abade primaz da ordem beneditina é o mosteiro de Santo Anselmo, em Roma. O priorado de Sorocaba é sede de outras comunidades religiosas que a congregação mantém: Rio de Janeiro, Presidente Prudente, Itapetininga, Araçoiaba da Serra, Santa Rita do Oeste, além de Los Toldos e Buenos Aires, na Argentina.

Ao iniciar a pesquisa em 2013, com as visitas ao acervo, três religiosas se dispuseram solicitamente a contribuir com materiais escritos e depoimentos sobre aspectos da história do Colégio. Irmã Cecília Torres, irmã Maria Elvira Bassini e irmã Hilde Martin. Irmã Cecília Torres nasceu a 18 de junho de 1928, em Sorocaba. Ela estudou no colégio entre os anos de 1934 e 1942. Em 1944,

ingressou no curso normal numa escola pública em Sorocaba. Em 1946, foi morar no Colégio Santo Amaro, mantido pela congregação no Rio de Janeiro, e cursou pedagogia e teologia na Pontifícia Universidade Católica daquela cidade. Foi diretora do Colégio Santa Escolástica entre os anos de 1971 e 1977. Entre 1990 e 1998, foi priora da congregação no Brasil. Faleceu no dia 6 de março de 2016.

Irmã Maria Elvira nasceu a 12 de dezembro de 1921, em Vitória, no Espírito Santo. Foi aluna do Colégio Santa Escolástica, entre os anos de 1937 e 1941. Cursou, na década de 1940, no Rio de Janeiro, a Faculdade Santa Úrsula, onde concluiu as graduações em geografia, história e letras clássicas (setor linguístico). Voltou ao Colégio Santa Escolástica em 1952, exercendo a docência até 1955. Foi sucessivamente diretora pedagógica da instituição de 1960 a 1966, de 1979 a 1985 e de 1988 a 1991. Entre seus trabalhos, escreveu uma linha do tempo (Anexo A), que traz a síntese da história da congregação das religiosas no Brasil. Esse documento, aliás, deu suporte ao trabalho historiográfico desta pesquisa. Mora no Rio de Janeiro no Colégio Santo Amaro, escola que a congregação mantém. A troca de mensagens e informações contou com o apoio das religiosas mais jovens, que trabalham naquela casa: irmã Mary Helen Medeiros e irmã Mayara Aparecida dos Santos Silva.

Irmã Hilde Martin, nasceu a 23 de maio de 1938 em Augsburg, Baviera, Alemanha. Estudou na Universidade de Munique, onde se graduou em teologia e letras (alemão), recebendo, depois do estágio pedagógico, a licenciatura plena. Com 25 anos, ingressou na Congregação das Irmãs Beneditinas. Após o noviciado, trabalhou em vários setores da casa religiosa; fez os votos em 24 de outubro de 1966 e, em seguida, lecionou por cinco anos na escola de ensino fundamental e médio, ainda na sede da congregação na Alemanha. Em 1971 estabeleceu-se no Brasil chegando a Sorocaba em novembro desse ano. Trabalhou entre 1972 e 1981 como professora de religião no Colégio Santa Escolástica, além de colaborar com formação bíblica e teológica no priorado de Sorocaba.

A história do Colégio Santa Escolástica já foi tema de outros estudos acadêmicos, como a tese de doutorado de Og Natal Menon, de 2000, *A Educação Escolarizada em Sorocaba entre o Império e a República*. Nesse trabalho, seu autor descreve as circunstâncias históricas da fundação da escola pelas religiosas

em Sorocaba e dimensiona o feito como uma ação do catolicismo ultramontano. Outro trabalho – o artigo *Ora et Labora: A Educação feminina em Sorocaba na Perspectiva Beneditina*, de Vania Regina Boschetti, apresenta um panorama do labor educativo desenvolvido pelas religiosas beneditinas, sublinhando o aspecto da educação feminina na cidade. Também a tese de doutorado de Calil Siqueira Gomes, de 2015 – *Mulheres plurais: a educação feminina à luz da missão educativa da Igreja Católica* – aponta o Colégio Santa Escolástica como um exemplo de educação feminina atrelada ao contexto histórico da educação religiosa do catolicismo ultramontano, tendo por limites cronológicos o período entre 1859 e 1963. O catolicismo ultramontano, vale notar, constituiu-se

(...) numa política conservadora, empreendida pela Cúria Romana, entre os papados de Pio VII (1800-1823) e Pio XII (1939-1945), que visava combater a modernidade. Em poucas palavras, pode-se dizer que o ultramontanismo foi uma orientação política, uma autocompreensão desenvolvida pela Cúria Romana, após a Revolução Francesa, marcada pela centralização institucional em Roma, um fechamento sobre si mesma e uma recusa de contatos com o mundo moderno. (MANOEL, 1996, p. 40-41)

A instituição escolar é um constructo humano que se materializa tanto no plano pessoal (subjetivo), quanto no institucional (social). Tornar objeto da história uma instituição educativa pressupõe construir e reconstruir, no tempo e no espaço, as representações elaboradas pelos sujeitos que fizeram parte de seu projeto. Igualmente, exige discutir os inúmeros aspectos da realização do projeto como processo educativo. Nesse sentido, as representações dos sujeitos históricos em relação ao Colégio Santa Escolástica o definem e caracterizam como uma *escola tradicional*. *Tradicional* é uma qualidade, um atributo que o senso comum considera como contrário ou infenso ao que é moderno. O oposto àquilo que é novo. À luz disso, cumpre indagar: como uma instituição escolar assimila a qualidade de ser *tradicional* ante um contexto histórico de *modernidade*? Quais concepções e ideais pedagógicos norteiam, neste caso, o trabalho educativo institucional? São essas questões centrais que irão dirigir a perspectiva histórica desta investigação teórica. Outra representação dominante do Colégio Santa Escolástica é a de que se trata de uma escola

preponderantemente feminina – uma *escola para meninas* – que, cuidada por religiosas, constituía a *escola das madres*. Esses dois aspectos ligados a figuras femininas, contudo, foram perdendo expressão ao longo do tempo, e não têm, na atualidade, o mesmo sentido das primeiras décadas em que a escola foi instituída. Hoje há um equilíbrio no atendimento tanto de meninos quanto de meninas; todas as classes são mistas, em todas as etapas da educação básica. E, ainda que algumas religiosas atuem em atividades administrativas, já não há na escola nenhuma religiosa em funções de direção ou de coordenação pedagógica. Sob quais condições históricas essas qualidades existiram e se modificaram? Compreender as condições concretas em que essas alterações ocorreram compõe o quadro histórico no qual a instituição se insere.

O passado é uma categoria importante deste estudo: esse tempo perpassa as intenções dos fazeres educativos presentes em cada momento histórico, que aqui são evidenciadas para demonstrar o papel da tradição na educação ocidental e, especificamente, na forma beneditina de educar. Com uma história dirigida a formar seres humanos, de maneira intencional e organizada, e cujas origens remontam às chamadas *artes liberais* da Idade Média, os beneditinos estão presentes na tarefa educativa do ocidente há pelo menos 15 séculos.

A chegada das religiosas de Tutzing a Sorocaba, no princípio do século XX, não representou um episódio isolado desse propósito histórico; foi, na verdade, parte significativa dele. O caminho que as religiosas empreenderam (e continuam a empreender) na contemporaneidade é uma reverência à tradição de educar, entendida como integrando o trabalho missionário cristão da congregação beneditina. (A congregação mantenedora se reporta a uma ordem católica fundada por Bento de Núrsia no século VI; e que o nome do colégio é uma referência à vida do fundador da ordem: Escolástica foi irmã de Bento, e viveu próxima a ele, dedicando sua vida ao monastério.)

Durante a Idade Média, em alguns mosteiros beneditinos, a educação recebeu método e sistematização. Os monges, abertos à tradição clássica greco-romana, fundamentaram com ela as *artes liberais*. Estudiosos da história da educação, como Franco Cambi e Francisco Larroyo, descrevem essa sistematização como havendo sido efetivada através do *trivium* e do *quadrivium*. Ao organizarem-se as escolas monásticas com finalidade formativa de religiosos,

monges como Cassiodoro (490-585) deixam um legado educativo para o ocidente (LARROYO, 1974, p. 274). Também aos beneditinos se deve a organização definitiva das sete artes liberais. O *trivium* compreendia a gramática, a dialética e a retórica; o *quadrivium* a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. *Trivium* e *quadrivium* unidos constituíam o *septivium*.

Esse passado que remete à tradição em educar transmite um legado intencional constituído pela organização de áreas didáticas pedagógicas e trazem o momento instituinte de mecanismos de escolarização. A necessidade de organizar o processo pedagógico propiciou a criação da instituição educativa no interior dos mosteiros beneditinos. Saviani (IN:NASCIMENTO, 2007, p. 5), ao explorar o conceito *instituição*, elabora uma síntese que referencia este argumento da tese: as instituições nascem a partir de necessidades humanas e são criadas como “unidades de ação”, organizando sistemas de práticas tendo em vista finalidades que antes eram “espontâneas e assistemáticas”.

A vinda das religiosas a Sorocaba, em 1905, guarda certa relação com o passado da colonização brasileira sob o império português. Em grande medida, a organização administrativa colonial, a exploração territorial e o esforço de aculturação dos povos que aqui viviam contaram com o apoio da Igreja Católica e de suas ordens religiosas.

O catolicismo foi também aliado do bandeirante português Baltazar Fernandes, por ocasião da fundação da cidade de Sorocaba no século XVII. Baltazar Fernandes fizera então um acordo com a ordem beneditina, segundo o qual doaria terras aos religiosos em troca da assistência espiritual no novo povoado. Caracteristicamente, esse passado da colonização local tornou-se uma referência discreta, mas constante no cotidiano escolar posterior, visível através dos inúmeros símbolos que se encontram nas imagens distribuídas por todo o prédio da escola, nas figuras das religiosas com suas vestimentas (hábitos) e nas datas festivas.

Hobsbawn (1998, p. 22), ao analisar o sentido do passado para o fazer historiográfico apresenta essa noção temporal como uma “dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. Qual foi a importância desse passado para a construção da história de uma instituição escolar? Quais aspectos desse

passado foram assimilados, adaptados ou modificados diante do movimento histórico contemporâneo?

Passado, tradição e história sofreriam uma série de rupturas a partir do movimento revolucionário da burguesia europeia, no século XVIII. Daí em diante, o mundo não seria jamais o mesmo, recordando-se de que, desde o século XV, a modernidade vinha suplantando gradativamente a sociedade medieval, essencialmente agrária e pouco dinâmica. As *descontinuidades* históricas, segundo a conceituação de Giddens (1991), provocadas por esse movimento, chegariam ao Brasil no final do século XIX. No momento da fundação do Colégio Santa Escolástica, o movimento em curso da modernidade brasileira caracterizava-se por ser um período de mudanças expressivas no cenário político, econômico e social nacional. Havia pouco mais de uma década apenas, fora abolida a escravidão, e a sociedade brasileira recebia um contingente cada vez maior de imigrantes europeus e asiáticos. Em 1889, a República fora proclamada, pondo fim à monarquia de Bragança, e impulsionada por uma economia agrário-exportadora fundada, em sua maior parte na produção cafeeira, a qual deslocaria para o sul do país os centros de riqueza e de hegemonia política. Os meios de transporte e de comunicação também se modernizavam. É esse ambiente que as religiosas encontraram e em que foram acolhidas em seu propósito missionário e educativo.

O recorte temporal deste estudo abrange o contexto da fundação da instituição escolar em 1905, analisando o desenvolvimento do projeto pedagógico-religioso e a trajetória trilhada no campo educativo até ao ano de 1950. A narrativa trata da fundação de uma escola tradicional e se apoia nos estudos de Demerval Saviani (2008) sobre a história das ideias pedagógicas no Brasil. A análise desse autor traz uma periodização bastante pertinente das concepções pedagógicas dominantes no Brasil. Segundo ele, a influência da Pedagogia Tradicional se estendeu desde a colonização brasileira, no século XVI, até aproximadamente o ano de 1947. Desse modo, a narrativa aqui apresentada alcança o fenômeno investigado até 1950, buscando examinar a forma de organização da instituição escolar e sua relação com a concepção tradicional de ensino. Outrossim, as fontes que auxiliaram na construção da narrativa são os documentos escritos encontrados nos arquivos da secretaria da escola: livros de

matrículas, provas, boletins, livros de atas, livros de diplomas, regimento escolar, revistas da congregação e, em especial, os depoimentos das três religiosas a que fizemos alusão ao início. Uma frisa temporal, elaborada em 2012 pela religiosa Maria Elvira Bassini também constituiu um instrumento importante. (Ao tomar conhecimento da realização da pesquisa sobre a história do Colégio, a religiosa gentilmente enviou o documento por uma emissária a Sorocaba. A frisa inclui-se como anexo A neste estudo.) Ainda sobre as fontes, é importante esclarecer que o acervo do Colégio Santa Escolástica mantém os registros de outra instituição escolar. Entre os anos de 1910 e 1973, as religiosas mantiveram, gratuitamente, no mesmo espaço, mas em horários distintos, uma escola para meninas e mulheres pobres: o Externato São Miguel. No período diurno, o externato atendia a meninas da cartilha (etapa inicial da alfabetização) à 4ª série. No período noturno, atendia a mulheres que procuravam alfabetizar-se. Em 1965, extinguiu-se o curso noturno, e em 1973 o diurno. Em consequência, as crianças pobres (não só meninas) passaram a ser atendidas através de bolsas de estudos integrais, frequentando as mesmas salas e os mesmos períodos que aqueles que pagavam pelo serviço educacional. A título informativo, em 2015, mais de trinta por cento dos alunos frequentavam a escola com bolsa integral, sendo a seleção feita por assistente social segundo o critério principal de baixa renda.

No que tange à apresentação, este estudo dedica o primeiro capítulo “A tradição humanista e os impactos da modernidade” a descrever as condições históricas em que os beneditinos organizaram as *artes liberais* e deixaram ao ocidente uma tradição humanista na tarefa de educar as pessoas. Essa herança histórica será, contudo, questionada e modificada a partir do início da modernidade, no século XV, conquanto suas repercussões ressissem até à contemporaneidade. Os conceitos de *tradição* e *passado* serão aqui utilizados a partir dos estudos de Eric Hobsbawn e Terence Ranger. A educação liberal e suas repercussões no tempo e no espaço europeu, bem como sua relação com a modernidade encontram nos textos de Franco Cambi, Fausto Zamboni e Anthony Giddens seus principais referenciais teóricos.

No que se refere à história da Ordem de São Bento e da Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing a síntese apresentada no segundo capítulo “O lugar do passado na história da educação dos colégios beneditinos”,

o qual teve por base autores como Francisco Larroyo, Ruy Afonso da Costa Nunes, além da revista *Beneditinas para Missão*.

No que diz respeito ao terceiro capítulo “A formação humano cristã”, o humanismo cristão exerceu um papel importante como concepção filosófica para compreenderem-se os elementos ideológicos que embasaram a resistência católica ante as investidas da Pedagogia Renovada. Alguns fragmentos dos textos de Jacques Maritain e Alceu Amoroso Lima que trazem os princípios dessa concepção filosófica, foram entregues para duas religiosas analisarem, e o resultado está descrito e interpretado neste trecho do estudo.

O quarto capítulo traz “A experiência beneditina em Sorocaba. Todo o percurso e narrativa estão relacionados aos resultados da pesquisa. A abordagem metodológica apoiou-se na obra de Justino Pereira de Magalhães. No livro *Tecendo nexos: história das instituições educativas*, o autor problematiza o método historiográfico em educação:

Como descrever, simbolizar e representar a complexidade institucional e de institucionalização? A complexidade institucional corresponde em grande parte à complexidade educacional, daí que sistematizando, pode representar-se a complexidade institucional e biográfica da relação educativa por uma triangulação que agrupa nos seus polos (materialidade, representação, apropriação) entidades científicas, processuais e objetuais de natureza diferenciada quanto às suas identidade, prevalência, função. (MAGALHÃES, 2004, p. 43)

A proposta sistematizada em Magalhães (2004) – *materialidade, representação e apropriação* – permite organizar os dados levantados pelo trabalho de pesquisa, evidenciando aspectos históricos relevantes, constituintes das permanências e mudanças institucionais da escola em questão. A narrativa traz a institucionalização da escola a partir de sua fundação e adaptação ao espaço sorocabano, redundando nas condições materiais e de existência. Os referentes pedagógicos do trabalho educativo e as concepções e práticas pedagógicas ali desenvolvidas nas primeiras décadas proporcionaram representações e apropriações de que o Colégio Santa Escolástica é uma escola tradicional.





Figura 2 – Medalha de São Bento

A medalha traz as iniciais de uma oração a São Bento. Durante as primeiras décadas os alunos e alunas que tinham melhor desempenho recebiam como distinção a medalha que usavam no peito como reconhecimento. Perder a possibilidade de usá-la por atitudes impróprias ou mesmo queda de rendimento intelectual era motivo de frustração e de vergonha.



Figura 3 – Medalha de São Bento

Ao longo do tempo a medalha deixou de ser usada como prêmio meritocrático e passou por mudanças na forma trazendo ares modernizadores como a apresentada em verde, sem no entanto deixar de ter toda uma representatividade ligada ao sagrado.

2 A TRADIÇÃO HUMANISTA E OS IMPACTOS DA MODERNIDADE

A princípio, coloca-se a questão da *tradição* como algo que, no presente, faz sentido e é referência nas variáveis da vida humana. *Cultura revivida*, a tradição “foi inventada em algum lugar do passado”. (HOBSBAWN & RANGER, 1984, p. 9) A educação, em suas práticas de ensino e sendo um campo social, revisita no cotidiano as tradições que a história possibilitou. Enquanto análise historiográfica em educação, este primeiro capítulo dimensiona alguns parâmetros educativos que, ao serem escolhidos, remetem à tradição humanista no ato de ensinar, fazendo com que o objeto investigado institucionalmente assuma a qualidade de “colégio tradicional”.

O quadro institucional (educação-instituição) diz respeito à cultura material e simbólica, quer dizer, às condições materiais e de funcionamento, à gramática escolar e à escolarização, e refere-se à representação, à apropriação das aprendizagens e à qualificação e reconhecimento da mais-valia educacional pelos grupos, indivíduos e organizações, pelo que uma segunda observação, no plano epistemológico, corresponde à interrogação sobre: se a tônica dominante da educação-instituição diz respeito à mudança ou à permanência/consolidação; se tal diferenciação é sistêmica ou interna às instituições educativas; se a realidade institucional é de aplicação ou de construção. Efetivamente, o estabelecimento do tempo histórico na sua multifuncionalidade não pode deixar de traduzir essa dialética mais profunda entre invariantes, variantes e co-variantes. (MAGALHÃES, 2004, p. 112-113)

O tempo histórico é uma das variantes do quadro interpretativo historiográfico, ao remeter à *tradição*, que compõe parte importante da identidade institucional do nosso objeto de estudo. O Colégio Santa Escolástica tem como referência a tradição de um passado histórico longínquo como exposto em vários pontos deste estudo. O fundador da ordem beneditina, que dá origem à mantenedora da instituição, remonta ao século VI da Europa medieval. A Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing surge na Alemanha em 1895. E a fundação da escola em Sorocaba ocorre em 1905. Encontram-se aí informações que remetem ao peso de um passado de mais de 15 séculos no mundo europeu e mais de um século no Brasil, e especificamente na cidade de

Sorocaba. O percurso histórico desenvolvido aqui busca resgatar elementos do passado, bem como o valor da experiência institucional, ao demonstrar o peso da tradição no campo educativo.

Hobsbawn e Ranger (1984) observam que toda tradição foi inventada em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro. Nesses longos séculos, a educação e, por consequência, a formação humana, foi (e continua a ser) uma das principais atividades pelas quais o trabalho da ordem beneditina chega à contemporaneidade. A congregação beneditina de Tuting, em sua obra missionária no Brasil, instituirá o Colégio Santa Escolástica a partir de elementos filosóficos, humanistas e cristãos que se conservaram ao longo da história de formação da Europa. O aporte pedagógico e a experiência no ensino lançam raízes na antiguidade clássica e desenvolvem-se na Idade Média a partir do contato dos autores cristãos com o modelo greco-romano, recebendo a denominação de *artes liberais*. No livro *Contra a Escola*, encontram-se as informações do contexto histórico do período clássico:

O processo educativo se iniciava com os estudos da Gramática, da Retórica, da Literatura, da Aritmética, da Geometria e da Astronomia. Para o filósofo cristão Orígenes de Alexandria (185-253) “o conhecimento religioso alcança maior progresso quando se fundamenta nos estudos formais”. Os autores cristãos procuravam conciliar a fé com a cultura helenista: para Clemente de Alexandria (150-215), os ideais básicos do cristianismo já estavam implícitos na filosofia grega. Santo Agostinho (354-430), por sua vez, acreditava que “podem-se utilizar os clássicos como instrumentos, como auxiliares para a compreensão da fé, reconhecendo, no entanto, os limites da cultura clássica.” As artes liberais serviam, segundo ele, para aprimorar o domínio da linguagem, para encontrar a expressão exata no ato de dar respostas aos alunos. (ZAMBONI, 2016, p. 250)

A assim chamada educação liberal vai tomando forma na Idade Média, nos mosteiros e instituições que se ocupavam do trabalho educativo, e eram ligados à Igreja Católica.

Em geral, os educadores medievais seguiram as orientações de Santo Agostinho. Em 500, Boécio (c. 476/80 – 525) elaborou um compêndio das artes liberais, iniciando a “tradição enciclopédica”. Cassiodoro (c. 480-c. 575) deu forma à divisão em sete artes que seria usada nos séculos seguintes: a Gramática, a Retórica, a

Dialética, a Aritmética, a Música, a Geometria e a Astronomia.
(ZAMBONI, 2016, p. 250)

Nessa direção Franco Cambi, em sua *História da Pedagogia*, trata da formação da Europa a partir dos elementos históricos mais significativos e destaca o papel fundamental da Igreja Católica na elaboração de modelos e práticas educativas. O mundo europeu, como o conhecemos na atualidade, possui uma identidade cultural forjada no período medieval, quando a questão da formação humana representava um tema central.

No nível espiritual/cultural, foi a consciência cristã que alimentou a identidade da Europa, nutrindo seus ideais políticos, seus critérios econômicos, suas normas éticas e estruturando aquele imaginário social que os pregadores e os artistas evocavam, sancionavam, difundiam e que a instituição-chave dessa sociedade (a Igreja) reelaborava constantemente por meio de dogmas e ritos, organizações sociais e culturais, figuras carismáticas e obras de propaganda. A Igreja foi o “palco fixo” por trás do qual se moveu toda a história da Idade Média e um dos motores do seu inquieto desenvolvimento (ao lado do Império e das cidades), talvez o motor por excelência. A Europa, de fato, nasceu cristã e foi nutrida de espírito cristão, de modo a colocá-lo no centro de todas as suas manifestações, sobretudo no âmbito cultural. Caso exemplar é o da educação que se desenvolve em estreita simbiose com a Igreja, com a fé cristã e com as instituições eclesiásticas que – enquanto acolhem os *oratores* (os especialistas da palavra, os sábios, os cultos, distintos dos *bellatores* e dos *laboratores*) são as únicas delegadas (com as corporações no plano profissional) a educar, a formar, a conformar. Da Igreja partem os modelos educativos e as práticas de formação, organizam-se as instituições ad hoc e programam-se as intervenções, como também nela tanto se discutem as práticas e os modelos. (CAMBI, 1999, p. 145-146)

Voltando-se à idealização de um modelo de formação humana, a Igreja Católica dedicou-se intensamente aos campos filosófico e pedagógico. As orientações e parâmetros da filosofia, então utilizados na educação das pessoas, forjaram os traços essenciais da civilização ocidental. No entanto, o futuro chegaria com a modernidade, conduzindo a uma transição histórica que, de muitas formas, modificou em essência o modelo educativo e social erigido. Não obstante isso, aquilo que por muito tempo foi praticado no âmbito educacional permanece hoje sendo revisitado nas instituições que possuem em seu passado a

formulação humanista. A Igreja Católica, em que pese às críticas ao seu fazer educativo, promoveu, através de suas estratégias, modelos duradouros de formação humana, e por meio deles preservou e reverenciou parte importante da produção intelectual/espiritual greco-romana. As assim chamadas *artes liberais* possuíam uma finalidade em relação à formação: o centro, o objetivo precípuo era o homem em sua concepção integral: mente e corpo – concepção desvinculada das contingências de nascimento, mas não indiferente aos valores morais e políticos do homem enquanto *ser social*. Assim:

A tradição de vinte e quatro séculos de educação humanística, no Ocidente, apresenta uma distinção clara em relação às culturas orientais por não se restringir apenas à casta sacerdotal. Parte fundamental da vida comunitária, destinada a formar bons cidadãos e governantes na arte de pensar e persuadir, era essencialmente uma “Educação Liberal”. Com a queda do mundo antigo, essa educação – que nasceu na Grécia – manteve a sua vigência, subordinando-se à religião cristã. Juntas elas constituem os pilares que sustentam a nossa civilização. (ZAMBONI, 2016, p. 248)

A questão *presente/passado* coloca a educação em contato com o que se fez e com o que se faz num constante movimento dialético, no qual acontece o novo. Um dos escopos fundamentais da história é proporcionar a aproximação com fatos e contextos do passado e, através desse exercício intelectual, criar a possibilidade de as pessoas fazerem escolhas. Escolher qual tradição se deseje seguir é um elemento de toda e qualquer civilização. Com as mudanças trazidas pelo advento da modernidade, a base tradicional da educação liberal passa a ser questionada e modificada em muitos sentidos. A modernidade pode ser definida e estudada de muitas maneiras. O enfoque aqui adotado se articulará em relação à educação. O contexto de alterações é marcado por vários eventos históricos.

Com o fim do Quatrocentos (tomando 1453 como ano-chave e ano-símbolo, com a queda do Império do Oriente, ou 1492, com a descoberta da América, a morte de Lorenzo, o Magnífico, e a expulsão dos mouros de Granada, em 1494, com o início das dominações estrangeiras na Itália), fecha-se um longo ciclo histórico e prepara-se outro, igualmente longo e talvez ainda inconcluso, que é geralmente designado como Modernidade. Trata-se de um ciclo histórico que tem características profundamente diferentes do anterior, em relação ao qual ele



opera uma ruptura consciente, manifestando estruturas substancialmente homogêneas e orgânicas. (CAMBI, 1999, p. 195)

A modernidade trará inúmeras alterações históricas, mudanças que provocarão uma ruptura em relação à sociedade estática medieval. Franco Cambi (1999), ao contextualizar as rupturas ensejadas pela modernidade, apresenta-as como uma “*revolução em muitos âmbitos: geográfico, econômico, político, social, ideológico, cultural e pedagógico*”.

Do ponto de vista ideológico-cultural, a Modernidade opera uma dupla transformação: primeiro, de laicização, emancipando a mentalidade – sobretudo das classes altas da sociedade – da visão religiosa do mundo e da vida humana, e ligando o homem à história e à direção do seu processo (a liberdade, o progresso); segundo, de racionalização, produzindo uma revolução profunda nos saberes que se legitimam e se organizam através de um livre uso da razão, a qual segue apenas seus vínculos internos (sejam eles lógicos ou científicos, isto é, analíticos ou experimentais), opondo-se a toda forma de preconceito. Será o Iluminismo que caracterizará de modo orgânico e explícito este novo modelo de mentalidade e de cultura, com sua fé no **sapere aude** e na **raison** como **critique**; com sua oposição à metafísica e seu vínculo estreitíssimo com a ciência e o seu **iter** lógico e experimental. (CAMBI, 1999, p. 198)

Os aspectos até aqui explorados pelo historiador demonstram a passagem para a modernidade. A transição histórica começou no século XV, com inúmeros fenômenos históricos, e se consolidou com a Revolução Francesa (1789-1799). A forma de viver da assim chamada sociedade capitalista, que se originou na modernidade, avançou para além da Europa e incorporou todo o mundo. Com a modernidade, aos poucos desaparece a sociedade de ordens governada pela autoridade política, religiosa e cultural representada pela magnitude do imperador e do papa. Essa sociedade entrou em crise quando a Europa se laiciza economicamente (com a retomada do comércio) e politicamente (com a desarticulação do sistema feudal); a Europa se abriu para o mundo. A ascensão da burguesia e a circulação de dinheiro que o comércio provocou trouxeram novos pensamentos e comportamentos que se refletiram na educação: propostas pedagógicas diversas, seus princípios, metodologia e conteúdos. O acesso à



instituição escolar, entretanto, continuava restrito e o processo educativo não ocupava ainda o rol de preocupações do poder público.

A racionalização moderna, elaborada principalmente pelo Iluminismo, aponta para novas necessidades pedagógicas, e questiona a proposta tradicional religiosa para o campo educativo. O sociólogo Anthony Giddens, com um olhar contemporâneo, trata dessa relação complexa entre modernidade e tradição. Para o autor:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las. (GIDDENS, 1991, p. 14 e 15)

Até ao período moderno, a civilização ocidental absorveu os elementos filosóficos clássicos e cristãos, e investiu numa determinada forma de educação. Essa visão formativa contemplava aspectos fundamentais da educação liberal e da visão de homem que se buscava formar. Tem-se, então, o contexto histórico dessa modernidade, plena de permanências e mudanças, ou continuidades e descontinuidades, mantendo contato com o tradicional, transmutando-se num processo que tentava superar e avançar para algum lugar na história. No tocante ao Brasil, a modernidade significou a dominação e a incorporação de seu território e de sua população indígena ao projeto de colonização portuguesa. Assim, no contexto das grandes navegações (séculos XV a XVII), coube a Portugal a dominação e exploração do território brasileiro. O projeto de colonização portuguesa foi orientado por princípios mercantilistas e contou com o apoio

cultural da Igreja Católica. O respaldo religioso ao projeto de colonização no Novo Mundo assumiu a dupla função de levar a fé cristã aos povos conquistados e de ampliar o número de fiéis no cenário europeu, convulsionado pela Reforma Protestante. No Brasil, ao início da colonização no século XVI, os portugueses contaram com o apoio da ordem jesuítica, mas outras ordens católicas também iriam aos poucos compondo o plano de orientação cultural dos portugueses. Evangelização e aculturação ocorriam simultaneamente, como empreendimentos complementares desde os primeiros momentos da colonização. Demerval Saviani sintetiza os aspectos que envolvem *colonização e educação*:

O processo de colonização abarca, de forma articulada mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é, inculcação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores. (SAVIANI, 2008, p. 29)

Ao longo da colonização, os valores da cultura europeia foram para cá transplantados, e deixaram profundas marcas na história brasileira. Evidentemente, aqueles que aqui viviam antes da chegada dos europeus tinham uma concepção própria de mundo, de vida, de morte, de religião e de educação. O encontro de duas estruturas histórico-sociais diversas significou um violento choque cultural, e, nesse sentido, os portugueses utilizaram os recursos que possuíam em termos de conhecimento para que a conquista se concretizasse tão profundamente quanto possível. A educação foi uma das estratégias lançadas pelo projeto colonial português e contou, nesse âmbito, com o apoio das ordens religiosas católicas. Saviani (2008) evidencia a importância dos jesuítas nas ações educativas no Brasil, visto que foram eles designados oficialmente para tal tarefa pelas autoridades portuguesas. Esse estudioso denomina a pedagogia implantada pelos jesuítas no Brasil, entre 1549 a 1599, de *Pedagogia Brasílica*, e caracteriza o trabalho de José de Anchieta como sendo o de um “agente da civilização pela palavra” (SAVIANI, 2006, p. 6) O referido autor utiliza as

asserções de João Adolfo Hansen (2000, pp. 19-41) para explicar que o sistema pedagógico expresso na *ratio studiorum* tinha como elemento central a retórica:

A “civilização pela palavra” correspondia, no caso, à divulgação católica da Retórica antiga em duas frentes: de um lado, o ensino específico das técnicas e, ainda, das artes e das letras em geral, segundo o modelo generalizado da Retórica aristotélica e das suas versões latinas, nos colégios jesuíticos; de outro, o uso particular de seus preceitos, estilos e erudição pelos pregadores nas variadíssimas circunstâncias do magistério da fé. (SAVIANI, 2008, p. 46)

A periodização da escolarização brasileira, estruturada na obra de Saviani *História das Ideias Pedagógicas no Brasil* (2008), demonstra que os aspectos da educação liberal avançaram entre 1549 e 1759, já que, durante esses mais de dois séculos, os jesuítas controlaram a educação no Brasil ao instituir a *ratio studiorum*, um sistema de ensino que manteve, em muitos aspectos, a tradição clássica. Pode-se inferir do que foi até aqui apresentado que elementos da chamada educação liberal fizeram parte das práticas pedagógicas empreendidas no Brasil desde o início da colonização. Ao longo do tempo, o suporte teórico utilizado na escolarização brasileira buscou apoio e modelos baseados nessa forma clássica de formar pessoas. A tradição das artes liberais, inventada ainda na Idade Média europeia, foi transplantada como modelo pedagógico para o Brasil durante a colonização. O período entre 1549 e 1759 projetou um campo histórico transitório e, ainda, um passado que não permite deixar-se abandonar.

Os fundamentos da educação liberal, oriundos da antiguidade greco-romana, atravessa a Idade Média e vive na Idade Moderna através do sistema jesuítico. Essa concepção pedagógica passou a ser conhecida como Pedagogia Tradicional. Segundo Saviani, essa maneira de educar “(...) caracteriza-se por uma visão essencialista de homem, isto é o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano.” (SAVIANI, 2008, p. 6) Síntese de um longo processo histórico, o Colégio Santa Escolástica possui uma identidade forjada na concepção tradicional de formação humana. A modernidade trouxe outros valores educacionais, outras práticas pedagógicas; porém, a herança das *artes liberais* se

fez e se faz presente na finalidade da formação humana idealizada pela instituição escolar:

O imaginário, a cultura e a gestão escolares estruturam-se e definem-se no quadro sociocultural, cumprindo objetivos políticos, sociais, antropológicos. A instituição educativa apresenta uma identidade que não varia significativamente com as circunstâncias geográficas ou com as circunstâncias históricas. É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura escolar interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. Deste modo, ainda que segmentadas e especializadas, articuladas ou não de forma sistêmica, as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na relação com o contexto. (MAGALHÃES, p. 68)

As mudanças sociais e econômicas trazidas pela modernidade colocaram em xeque a Pedagogia Tradicional e suas práticas. As finalidades da educação passam a considerar o indivíduo e seu papel ativo na sociedade, munido de uma “fé laica” (CAMBI, 1999,p.198), fazendo uso de sua racionalidade. Lentamente a sociedade expande o conceito de instituição formativa. Família, igreja; organismos de segurança são agregados a esse conceito educativo que vai definindo a escola como seu elemento central. De certa forma a modernidade é o berço da ciência pedagógica delineada como saber teórico e atividade prática ligadas à condição natural do homem.

A despeito disso, o Colégio Santa Escolástica mantém na atualidade a qualificação de “escola tradicional”. Para além do senso comum, essa escola, ao longo de sua existência, adaptou-se à legislação educacional brasileira, buscou estratégias tecnológicas e métodos pedagógicos modernos, atualizou seus quadros humanos (tanto no âmbito administrativo quanto na docência), reformou e modernizou suas instalações, mas não abandonou seu objetivo missionário de formação humana: ao se articular ao novo, não abandonou o ideal cristão de formação oriundo de um passado tão distante.

A história da ordem católica beneditina tem uma relação profunda com a história da educação ocidental, esse passado eloquente é tratado no próximo capítulo.

A Regra de São Bento

“Escuta filho os preceitos do mestre”



Figura 4 - Capa do livro “Regra de São Bento” (Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora MG – Brasil, 1999)

Tendo como lema “ora et labora” os religiosos e religiosas que adotam a vida beneditina seguem uma regra, elaborada num passado remoto. A Regra é conjunto de princípios e normas que regulam e organizam a vida comunitária nos monastérios e congregações beneditinas desde o século VI.

3 O LUGAR DO PASSADO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS COLÉGIOS BENEDITINOS

Este capítulo traz a genealogia da Ordem de São Bento, sua institucionalização e organização na Idade Média europeia, ações históricas que desembocarão num fazer educativo que influenciará significativamente a educação ocidental.

A religiosidade cristã da Idade Média está fortemente vinculada à presença das ordens religiosas que desde o século VI se espalharam pela Europa. Mosteiros e abadias constituíram-se no lugar privilegiado das escolas e bibliotecas da época.

Considere-se inicialmente a seguinte afirmação:

Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagético e projetivo, representações, tradição e memórias práticas, envolvimento, apropriação. (MAGALHÃES, 2004, p. 58)

A origem das instituições remete, quase sempre, à forma não intencional de organização social, na medida em que constrói uma história as instituições se apropriam das experiências práticas vividas no presente e estabelecem com o passado um diálogo constante. Ao criarem suas histórias as instituições desenvolvem um todo organizado que interage, cria mecanismos de comunicação, “projetando e permitindo discernimento da orientação e da coerência, da participação e da responsabilização dos membros (cuja ação se traduz em produtos sociais)” (MAGALHÃES, 2004, p.39).

A organização das ordens religiosas na Idade Média europeia são exemplos de cultura institucional que demonstram uma espécie de resposta a uma dada realidade temporal. O início da Idade Média se apresenta como um momento de transição ao mundo antigo europeu e toda a desorganização social, política e econômica causadas pelas invasões bárbaras propicia o surgimento de uma forma organizacional: as ordens religiosas, como uma resposta às situações históricas daquele momento.



Mantenedora do Colégio Santa Escolástica, a Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing é uma das inúmeras instituições católicas que têm como princípio de organização a Regra de São Bento (O sumário e o prólogo do documento encontram-se no Anexo B deste estudo). A regra é um instrumento que normatiza a vida em comunidades (monastérios femininos e masculinos e congregações). Aqueles que a seguem são também coligados institucionalmente através da Ordem de São Bento, cuja sede, atualmente, fica em Roma. O fundador da ordem, Bento de Núrsia, tem sua vida transmitida na obra literária de São Gregório Magno, papa entre os anos de 590 e 604. São Gregório, no início de sua vida religiosa, foi monge (assim como Bento) e nutria por ele grande admiração. Em seus estudos sobre a vida dos santos, escreveu o Livro II dos Diálogos, no qual traz a biografia de São Bento.

Bento nasceu em 480, em Núrsia (Itália), e faleceu em 547 na abadia de Monte Cassino. Vivendo o conturbado período da Alta Idade Média, estudou em Roma. Mas, insatisfeito com a vida decadente na cidade, migra no ano 500 para a região de Subiaco, onde funda um mosteiro. As repercussões dessa atitude, a elaboração da regra, os procedimentos organizativos da vida monástica e a expansão desse modelo para toda a Europa marcaram profundamente a história do ocidente. Em 2005, ao ser eleito papa, o Cardeal Ratzinger escolheu para seu ofício o nome de Bento XVI, em homenagem a São Bento. Essa atitude foi explicada pelo sumo pontífice em uma solenidade no dia 11 de Julho de 2005, destacada aqui com a intenção de demonstrar a relevância histórica dos feitos de Bento para a civilização ocidental:

Queridos irmãos e irmãs: amanhã celebra-se a festa de São Bento abade, patrono da Europa, um santo pelo qual sinto um amor particular, como se pode intuir por ter elegido seu nome. Nascido em Núrsia, em torno ao ano de 480, Bento realizou seus primeiros estudos em Roma, mas decepcionado pela vida na cidade, retirou-se a Subiaco, onde permaneceu durante uns três anos no famoso “Sacro Speco”, dedicando-se totalmente a Deus. Em Subiaco, servindo-se das ruínas de uma grande vila do imperador Nero, junto a seus primeiros discípulos, construiu alguns mosteiros, dando vida a uma comunidade fraterna fundada na primazia do amor de Cristo, na qual a oração e o trabalho se alternam harmoniosamente em louvor a Deus. Anos depois, em Montecassino, deu plena forma a este projeto, e o pôs por escrito na “Regra”, sua única obra que chegou até nós. Entre as cinzas do Império Romano, Bento, buscando antes que nada o Reino de

Deus, semeou, talvez sem nem sequer dar-se conta, a semente de uma nova civilização que se desenvolveria, integrando os valores cristãos com a herança clássica, por uma parte e das culturas germânica e eslava por outra. (ZAMITH, OSB, 2017,p.1)

O surgimento da ordem beneditina na Alta Idade Média compõe a história da Igreja Católica no mundo ocidental. Contudo, suas repercussões e a expansão da vida monástica atravessam o âmbito religioso e promovem concomitantemente práticas formativas que serão um legado para o campo educativo moderno e contemporâneo. As noções educativas desenvolvidas nos mosteiros contavam com uma tradição formativa conquistada ao longo da expansão do cristianismo. Franco Cambi aponta o cristianismo como uma “revolução educativa” (CAMBI, 1999, p. 121) por toda a transformação cultural que promoveu desde a morte de Cristo, no século I.

A organização de comunidades que relembavam os ensinamentos de Cristo e o ensino dos evangelhos fizeram que, nesses espaços, surgissem estudiosos que, ao divulgarem os ideais cristãos, fossem adquirindo e ampliando experiências e práticas na formação de pessoas. Bento de Núrsia, por sua vez, a partir de seus conhecimentos sobre o cristianismo e da experiência que adquiriu ao organizar mosteiros, projetou uma forma de viver os ensinamentos cristãos e fundou uma ordem religiosa que incorporou alguns elementos fundantes de outras experiências monásticas, reunindo num só regulamento os procedimentos essenciais para aqueles que desejassem viver nas comunidades beneditinas. Exortava: “Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom.” (*Prólogo da Regra Beneditina*). A Regra de São Bento é um código de vida monástica que, composto há mais de 15 séculos, é seguido por todas as instituições beneditinas, atuantes em inúmeros países. Mosteiros e congregações femininas e masculinas adotam os procedimentos previstos nessa elaboração medieval. O lema da regra *ora et labora* é a síntese desse documento que unifica os beneditinos.

A chamada Regra dos monges (ou dos Mosteiros), também conhecida como “Regula Benedicti” é a única obra conhecida de São Bento. Pode-se dizer que ela é o testamento espiritual que Bento deixou como herança aos seus filhos e filhas. Embora tendo sido interpretada de maneiras diferentes, em diversos aspectos,

no decurso da História, é a Regra, no entanto, como um documento autêntico e fielmente transmitido, que tem sido responsável pela uniformidade dos princípios e a garantia de um estilo ou forma de vida monástica denominada “beneditina”. (ZAMITH OSB, 2017, p. 5)

A regra normatiza aspectos da vida cotidiana de uma comunidade dedicada a Deus. Prevê a organização estrutural de um mosteiro e as relações humanas ali estabelecidas. Uma vida que deve perseverar na espiritualidade, obediência e humildade. Encontra no silêncio uma virtude. Disciplina a organização interna dos mosteiros e dos monges, como, por exemplo, a de que o monge nada possui individualmente, havendo de sempre prevalecer a coletividade. A regra também prevê momentos de trabalho, leitura e oração. Ao disciplinar a vida monástica, a regra contribuiu para que práticas educativas se desenvolvessem no interior dos mosteiros, e essas práticas se estenderam para além dos espaços religiosos. Um historiador que se dedica à história da ordem beneditina, o espanhol Antonio Linage Conde, em uma entrevista de 1998, ao ser indagado sobre quê relação via entre o espírito beneditino e a educação, ou o que havia no espírito beneditino que o tornava uma ordem educadora, explicou:

Bem, a Regra diz que toda a vida é uma escola a serviço do Senhor: sempre se deve estar aprendendo (e também ensinando...). Por outro lado, a história do monacato está feita de paradoxos. Um paradoxo é o de que a vocação do monge é uma vocação de retiro e, no entanto, os monges exerceram uma grande influência social. O monge, sim, tem uma vocação de retiro, mas, para ele, é essencial - sobretudo para o monacato beneditino - a hospitalidade: eu vejo a educação, o ensino beneditino, de certo modo como uma emanção dessa hospitalidade. Se há o dever de receber o forasteiro, se o monge deve receber os que não são monges, o normal é ensinar-lhes alguma coisa também. E assim, ainda que não tivesse havido aquele particular contexto histórico em que os monges eram os depositários da cultura (e não tinham mais remédio que ensiná-la aos outros), necessariamente teria havido algum ensino monástico. (CONDE, 1998, p. 2)

A expansão do monacato é um fenômeno que acompanha toda a formação da Europa. São Bento, em seu mosteiro no Monte Cassino, funda um modelo de vida comunitária que transcende à região italiana. Ao elaborar a regra para seus discípulos, não tinha a intenção de influenciar a educação ocidental, mas o



manual que elaborou segue orientando aqueles e aquelas que têm no trabalho educativo uma maneira de cumprir os preceitos da regra.

Irmã Hilde, religiosa que se dispôs a contribuir com depoimentos para esta pesquisa, elaborou um pequeno texto, no qual relaciona alguns itens da regra ao trabalho nas escolas:

Não é à toa que numa das primeiras páginas da “Regra de São Bento” (RB), escrita há mais ou menos 1500 anos, se fala de escola, embora seja “escola a serviço do Senhor” (prólogo, 45). São Bento foi um grande pedagogo e aprendi dele muito para minha vida de professora. Por exemplo, diz do abade que dirige a comunidade de monges, que “se esforce por ser mais amado que temido” (RB 64,15); sem dúvida, professora amada tende a ter bons resultados. E ainda, “um (dos membros da comunidade) não seja mais amado que outro” pelo abade (RB 2, 17), quer dizer, não é para cultivar preferências, processo prejudicial à aprendizagem. O mesmo princípio aparece em RB 3 que manda ouvir o conselho de todos, também dos mais jovens – Deus pode se manifestar por qualquer um – o que significa não excluir ninguém. Não é nada fácil lidar com pessoas de temperamentos diferentes e capacidades diferentes, sejam membros de uma comunidade religiosa ou de uma turma de alunos. Aí pude aprender de São Bento que pede para se adaptar a todos, “a este com carinho, àquele com repreensões, a outro com persuasões segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada uma” (RB 2, 31s). E em tudo valha a “discrição, mãe das virtudes,... assim que haja o que os fortes desejam e que os fracos não fujam” (RB 64,19). (IRMÃ HILDE. Depoimento escrito em dezembro de 2015)

Há nessas palavras de Irmã Hilde vários elementos que constituem pontos importantes encontráveis em propostas educativas contemporâneas. Por exemplo, a visão de educação inclusiva, na qual todos devem ser atendidos na aprendizagem a partir de suas capacidades e condições. Isso pode ter inúmeros sentidos para uma análise historiográfica. O documento não foi escrito com a finalidade de se educar as pessoas no século XXI; no entanto, mesmo para aqueles que não são beneditinos, os aspectos trazidos pela religiosa através da análise da regra são coerentes com a atitude de quem quer ensinar e formar as pessoas.

A história da ordem de São Bento e sua regra trazem sustentação à tradição em formar pessoas. Esse passado instituído foi dando forma a uma longa história que teve na formação humana um lugar privilegiado de construção

cultural e religiosa. O passado é revisitado todas as vezes que se diz o nome da instituição escolar pesquisada. O nome institucional deve dizer alguma coisa sobre o que se diz. Deve ser referência, memória, tradição. Deve refletir o espaço, o tempo, as pessoas e o que realizaram. O nome de uma escola tradicional deve dizer muito sobre ela. *Santa Escolástica* é uma homenagem a São Bento. Escolástica era irmã de Bento, a história dela está profundamente ligada à vida do irmão. Provavelmente eram irmãos gêmeos. Escolástica viveu no mesmo local de Bento, mas em mosteiros distintos. A biografia dela encontra-se no mesmo livro de Gregório Magno. Ambos foram parecidos em vida e morreram no mesmo ano, com diferença de 40 dias.

Escolástica desde jovem se consagrou a Deus e seguiu o irmão ao Subiaco e depois Cassino, onde estabeleceu o seu mosteiro ao pé de uma montanha. Estavam bastante próximos, mas Bento descia uma vez por ano para ver a irmã. Escolástica queria prolongar o colóquio, mas o irmão era rigoroso na observância da Regra. No último encontro, na quaresma de 547, Deus quis mostrar aos santos irmãos que preferia o amor ao rigor da observância. Refere-nos São Gregório que Escolástica insistiu para o irmão ficar a noite toda para tratarem de assuntos celestiais. O santo repreendeu-a severamente, pois ele transgrediria a Regra se ficasse. Escolástica juntou as mãos e orou intensamente. Logo desabou uma violenta e prolongada tempestade. Bento teve de ficar, mas culpou a irmã. Ela disse: “Pedi a você e você não me ouviu; pedi ao Senhor e ele me ouviu. Vá embora, se puder, volte ao seu mosteiro”. No lugar do prodígio edificaram a igreja do colóquio. (GIOVANNINI e SGARBOSSA, 1983, p. 49)

A influência do legado pedagógico da ordem beneditina possui inúmeras análises e estudos, alguns de historiadores da educação, outros de historiadores do catolicismo. Caracteristicamente, há entre ambos os grupos um ponto em comum: a organização monacal trouxe uma experiência que construiu a pedagogia ocidental. Teorias e métodos vão estruturando o arcabouço de orientações formativas institucionais. Nunes (1978), ao analisar o movimento histórico na Europa medieval, traduz a ruptura em que ocorre o declínio do mundo clássico e, por outro lado, o elemento fundante de um novo momento histórico orientado pelo cristianismo, em que o cenário é o campo educativo:



“(...) no ano de 529, em que foi fundado o mosteiro no Monte Cassino, Justiniano fechou as escolas de Atenas. Sublime coincidência: cessava a função docente da escola pagã e principiava a atividade educacional da escola cristã!” (NUNES, 1978, p. 90)

Diz outro pesquisador: “A nova estrutura educativa elaborada pelo cristianismo, aquela que, talvez, mais profundamente – e historicamente – deixou uma marca fundamental no Ocidente foi o mosteiro.” (CAMBI, 1999, p. 146). A educação, enquanto campo social, existe desde os tempos mais remotos e tende ao padrão de adotar no presente práticas e fundamentos do passado com variadas funções sociais de preservação. Preservação da espécie humana, preservação de valores e cultura, que muitas vezes serão questionados nos períodos posteriores, possibilitando aos seres humanos escolhas, trajetórias, projetos, ideais, que se organizam a partir desta ou daquela experiência. Nesse sentido, constroem o novo. Esse percurso dialético de revisitar no presente o passado e projetar o novo constitui a grande crônica do homem, sua história. Na medida em que existam condições analíticas de orientar o novo a partir de elaborações anteriores, é possível analisar criticamente o passado adotando uma distância do fenômeno, mas com os resultados do que foi vivido.

A elaboração educativa empreendida pelo catolicismo fez o trajeto de se apropriar dos elementos estruturantes do passado clássico. Utilizou inúmeros conhecimentos elaborados pelos gregos e romanos e trouxe-os para o centro de seu fazer formativo, além do conhecimento científico, os novos valores humanistas cristãos. É comum a todo movimento transformador e revolucionário, a partir de seu momento de consolidação, querer conservar os espaços de conquistas. Com o campo educativo não foi diferente.

A Igreja Católica, durante todo o período medieval, construiu suas condições históricas de expansão do cristianismo a partir de um movimento *escolarizante* – num primeiro momento, para formar aqueles que teriam uma função religiosa; depois, para expandir o modelo aos leigos. Esse feito deu sustentação ideológica e cultural à civilização ocidental. Francisco Larroyo, em sua *História Geral da Pedagogia*, no capítulo em que trata da *Educação para a Virtude*, analisa o surgimento da ordem beneditina e o papel de São Bento. A vida

comunitária dos mosteiros se constitui em célula de organização social e educativa, os ideais propostos pela regra precisam ser ensinados e transmitidos:

(...) o mosteiro onde Bento pode reunir, por sua virtude e eloquência, um grande número de fiéis, que conviveram com ele, submissos a uma série de regras que expressavam e regulamentavam os grandes ideais da vida monástica a saber: castidade, pobreza e obediência. (LARROYO, 1974, p. 253)

A concepção da regra beneditina exigia dos monges oração e algumas horas de estudo. A organização dos mosteiros propicia elementos intencionais em relação ao fazer educativo, dando origem a uma atividade organizada de ensino. Larroyo caracteriza a organização de “duas escolas” nos mosteiros desse período histórico:

Visto como a Regra (que constava de 73 prescrições) exigia dos monges algumas horas de estudo, e por outro lado, era necessário dar formação ascética aos noviços, com o tempo foi-se organizando um tipo característico de ensino. Além disso, numerosas famílias cristãs pediram que o próprio mosteiro se encarregasse da educação de seus filhos; o que se fez com solicitude, respeitando a tradição da Igreja de amparar a instrução dos filhos dos servos e dos homens livres. Assim se formaram, nos conventos, duas escolas: uma interna para os oblatos e noviços e outra externa para outros meninos. As congregações dos beneditinos adotaram, em suas escolas, esta organização. Os oblatos (*pueri oblati*) eram meninos que os pais consagravam a Deus. Permaneciam em mosteiros a vida toda (o que prova o pouco respeito que se tinha, então, pela livre decisão do indivíduo). Os noviços eram os jovens já a ponto de professar; uns e outros vestiam o hábito do mosteiro e se iam incorporando, aos poucos, ao regime monástico. (LARROYO, 1974, p. 271)

Há outros elementos apontados por Francisco Larroyo sobre a organização das escolas monásticas em seus primórdios. A disciplina era rígida e o processo de aprendizagem lento. A escassez de livros fazia que os alunos escrevessem os textos ditados e depois comentados; e, finalmente, aplicavam-se às regras em exercícios. Pela primeira vez, o trabalho educativo manual era valorizado, em função das exigências que a regra apresentava para o desenvolvimento das atividades no interior do mosteiro. O monacato feminino aparece, segundo Larroyo, no século VI. Esse autor faz menção às limitações para o ensino das

mulheres: é possível inferir que só as meninas que se dedicavam à vida religiosa eram instruídas ou recebiam formação e ensino. No entanto, as monjas beneditinas, desde o período medieval, dedicavam-se à educação formal.

São Basílio, em sua Regra, estabelecia que se recebessem as meninas para instruí-las; porém, não se pode levar a cabo esta ideia antes do século VI. Com efeito, por esta época (século VI), começam a ser recebidas nos mosteiros, para educá-las, meninas consagradas a Deus (oblatas). São Gregório Niceno, na **Vida de Santa Macrina**, diz que ali se educavam meninas órfãs. O mesmo se praticou nos mosteiros do Ocidente. De acordo com a regra de São Cesário de Arles (470-542), todos os mosteiros deviam ensinar a ler e escrever e aceitar meninas dedicadas ao Senhor (porém, não antes de 6-7 anos). As beneditinas abraçaram a mesma prática, mas somente mais tarde o ensino se estendeu às meninas externas, Santa Lioba e outras monjas saxônicas, levadas à Alemanha por São Bonifácio, educaram muitas filhas dos nobres tudesco. Não faltaram disposições que proibiam ou limitavam esta atividade pedagógica, porém, as circunstâncias voltavam a impô-la. Somente séculos depois, abriu-se a passagem definitivamente, à educação feminina. (LARROYO, 1974, p.272)

Nos estudos historiográficos sobre a educação beneditina, é possível perceber uma relação intencional para que o fazer educativo se concretizasse, mesmo que fossem necessárias adaptações e mudanças. Isso é citado nesse texto em relação à “novidade” instituída por Cassiodoro (480-572), no século VI, na região da Calábria:

Mas foi no Ocidente, no século VI, que o monasticismo teve seus modelos mais significativos, também no sentido cultural e educativo. Com Vivarium, fundado na Calábria em torno de 552 por Flávio Magno Aurélio Cassiodoro (480-572), alto funcionário do reino de Teodorico e depois sob o domínio de Justiniano, onde se desenvolvia um “trabalho erudito” de “conservação do passado”, e se favorecia uma vida espiritual culta e disciplinada às atividades físicas, mas sobretudo à instrução, submetida a uma regra que punha a leitura da Bíblia e dos Padres em primeiro lugar. Para guiar a formação dos monges, Cassiodoro desenvolveu um tratado (*Institutiones divinarum et saecularium litterarum*) em que se indicavam as escrituras e as “artes liberais” como instrumento de cultura. (CAMBI, 1999, p. 131-132)

As *artes liberais* indicadas por Cassiodoro aos monges, tiveram sua origem no mundo clássico, seguindo os trabalhos eruditos de outros filósofos



cristãos, como Orígenes de Alexandria (185-253), Clemente de Alexandria (150-215) e Santo Agostinho (354-430). O monge estabelece um diálogo com estes autores que buscam conciliar a fé cristã aos conhecimentos helenistas, para que (a exemplo do que propunha Orígenes) “(...) o conhecimento religioso alcance maior progresso quando se fundamenta nos estudos formais”. (GILES, 1987, p. 59) Essa articulação entre o clássico e o cristão fundamentou o trabalho educativo desenvolvido nos monastérios a partir da Idade Média.

Consideradas as limitações que o campo educacional certamente viveu ao longo do processo de formação da Europa no período medieval – apontando “para uma educação conservadora e pouco criativa” (CAMBI, 1999, p. 163, o fato de os mosteiros terem guardado e compilado os estudos clássicos e terem organizado definitivamente as sete artes liberais (o *trivium* e o *quadrivium*) já representa uma herança respeitável. A educação esteve, desde sempre, no âmbito do trabalho beneditino. Ao longo do tempo, as várias congregações e mosteiros religiosos, orientados pela regra de Bento de Núrsia, alcançaram a contemporaneidade e construíram uma memória sobre formação humana sob um arcabouço educativo. O Colégio Santa Escolástica, no seu fazer educativo, traz esse passado, que é parte de sua identidade institucional. Esse construto é explicado em Magalhães:

A educação, quer no plano pessoal e antropológico, quer no plano institucional, como ainda no plano grupal e comunitário, é uma atualização de valores, conhecimentos, práticas, capacidades e comportamentos. Ação presente com orientação prospectiva, a educação está profundamente correlacionada com as memórias que informam e enformam o presente. (MAGALHÃES, 2004, p. 28)

A tradição, observada na descrição do fenômeno histórico da ordem beneditina, é inegável. Por isso parte do interesse desta tese é encontrar as referências desse passado no presente instituído. A ordem beneditina e sua tradição em educação revivem nas ações daqueles e daquelas que, presentes no campo educativo, possuem esse aporte de experiência pedagógica construída e em construção no desenvolvimento de sua história.



“A educação é o grande caminho que assegura a herança do humanismo do passado para o futuro.” Daisaku Ikeda



Figura 5

Fachada do edifício que abrigou o Colégio Santa Escolástica de 04 de julho de 1908 até 1965, com destaque para a antiga Igreja do Rosário.

Fonte: Arquivo Digital do Museu Histórico Sorocabano



Figura 6

Sala de estudos do internato

Acervo do Colégio Santa Escolástica (sem data)

4 A FORMAÇÃO HUMANO CRISTÃ

O objetivo deste capítulo é trazer os elementos filosóficos que constituem a base teórica e ideológica que norteia o trabalho formativo desenvolvido pelo Colégio Santa Escolástica. A análise apresenta a essência formativa defendida pela teoria da pedagogia tradicional e conta com as reflexões das religiosas irmãs Cecília Torres e Hilde Martin em relação aos princípios educativos defendidos por Alceu Amoroso Lima. Além disso, é possível compreender nesta parte da análise a distinção entre escola de tradição e pedagogia tradicional.

De todas as tradições criadas, a de mais longínquo passado é a que se assenta na educação, ou seja, na forma como as pessoas se apropriam daquilo que foi elaborado por outras pessoas em tempos pretéritos. No que tange à cultura ocidental, a educação formal ocupa um lugar central no desenvolvimento humano. De acordo com Antônio Joaquim Severino:

Na cultura ocidental, a educação foi sempre vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano. (SEVERINO, 2006, p. 621)

Humanizar o homem é um ideal axiológico. O resultado da ação humanizadora empreendida pelas instituições educativas só se revela a partir de ações concretas daqueles que foram humanizados. Esse ideal educativo-valorativo de transformar o homem encontra-se no centro da Pedagogia Tradicional. Sobre ela, Saviani aduz uma reflexão importante:

(...) entendida a pedagogia como “teoria da educação”, evidencia-se que se trata de uma teoria da prática: a teoria da prática educativa. A prática educativa na educação escolar é analisada a partir da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. (SAVIANI, 2006, p. 4)

Suposto isso, Saviani explica que, entre as concepções pedagógicas, há duas tendências que se distinguem: a primeira, que prioriza a teoria,



subordinando a prática; e a segunda, que subordina a teoria, priorizando a prática (SAVIANI, 2006, p. 6). A Pedagogia Tradicional faz parte da primeira tendência, ou seja, prioriza-se a teoria. A Pedagogia Tradicional tem como preocupação central as teorias de ensino. Outra concepção, a pedagogia nova prioriza a prática, e trata com maior atenção a aprendizagem:

Em termos históricos, a primeira tendência foi dominante até o final do século XIX. A característica própria do século XX é exatamente o deslocamento para a segunda tendência, que veio a se tornar predominante, o que, entretanto, não exclui a concepção tradicional que se contrapõe às novas correntes, disputando com elas a influência sobre a atividade educativa no interior das escolas. (SAVIANI, 2006, p. 8)

A opção por práticas pedagógicas tradicionais é preservada ao longo da história institucional da escola que estamos estudando. Considerando-se o período entre 1905 e 1950, é lícito afirmar que vários elementos e características nascidos do ensino no Colégio Santa Escolástica estão relacionados à definição de Pedagogia Tradicional:

A denominação "concepção pedagógica tradicional" ou "pedagogia tradicional" foi introduzida no final do século XIX como advento do movimento renovador que, para marcar a novidade das propostas que começaram a ser veiculadas, classificaram como "tradicional" a concepção até então dominante. Assim, a expressão "concepção tradicional" subsume correntes pedagógicas que se formularam desde a Antiguidade, tendo em comum uma visão filosófica essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização. Distinguem-se, no interior dessa concepção, duas vertentes: a religiosa e a leiga. (SAVIANI, 2006, p. 9)

No decorrer da pesquisa, as concepções a respeito de homem, educação, formação, pedagogia e tradição orientaram o percurso da narrativa e o desenvolvimento da própria investigação. No primeiro encontro com irmã Cecília Torres (15 fevereiro de 2013), numa das salas da recepção do Colégio Santa Escolástica, solicitada a opinar sobre as características do trabalho educativo da instituição, a freira refletiu alguns instantes e respondeu que a educação ali tinha o objetivo de ser *integral*. A essa resposta, foi apresentada a ela a definição

contemporânea de *educação integral*, que orienta diversas políticas públicas no campo educativo brasileiro propiciando um tempo escolar estendido. O Decreto n. 7083/2010 que dispõe sobre o Programa Mais Educação define a escola de tempo integral “considera-se educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola”.

A religiosa então definiu a concepção de educação integral que o Colégio Santa Escolástica idealiza: a proposta é a de formação intelectual com base sólida nos conhecimentos científicos e uma formação humanista-cristã, para que as pessoas tenham tanto formação intelectual como moral. Estas reflexões sugeriram à pesquisadora buscar as concepções da vertente religiosa dentro do campo educativo.

Demerval Saviani (2006), em seus trabalhos sobre a história das ideias pedagógicas no Brasil, apresenta a visão essencialista de homem na Pedagogia Tradicional, que teria sido trazida pelos padres jesuítas, no período colonial, e na elaboração da *ratio studiorum*. Essa visão de homem se aproxima do ideal formativo esboçado pela religiosa em seu depoimento:

Essa concepção pedagógica se caracteriza por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência humana é considerada, pois, criação divina. Em consequência, o homem deve se empenhar em atingir a perfeição humana na vida natural para fazer por merecer a vida sobrenatural. (SAVIANI, 2006, p. 6)

Segundo o estudioso citado, a visão de homem projetada na *ratio studiorum* se apoia no tomismo, “que consiste numa articulação entre a filosofia de Aristóteles e a tradição cristã” (SAVIANI, 2006, p. 7). A visão essencialista de homem, somada às experiências metodológicas e formativas que teve a Igreja Católica ao longo de sua história, possibilitou a implantação de uma instituição escolar que, no processo de sua institucionalização, tornou-se uma escola tradicional. É, historicamente, o caso do Colégio Santa Escolástica. O suporte

filosófico e teórico do trabalho das religiosas na missão de educar é centrado numa visão de homem cuja importância é maior do que as práticas e os métodos aplicados ao ensino. O trabalho educativo tem um propósito missionário cristão. E, nesse sentido é que repousa a tradição beneditina de educar.

A síntese desse suporte filosófico é apresentada por Saviani ao explicar a *concepção tradicional de vertente religiosa*: proporcionar às pessoas informação e formação para que possam atingir a perfeição na vida terrena. A base filosófica do trabalho educativo desenvolvido pelas religiosas de Tutzing em Sorocaba tem uma finalidade moral: formar o homem para que ele alcance um merecimento sobrenatural. Essa base filosófica é defendida por dois autores: Jacques Maritain – filósofo francês, de orientação católica (tomista) – e Alceu Amoroso Lima – pensador e líder católico brasileiro. Ambos, no século XX, dedicaram-se aos estudos e a publicação de textos sobre o humanismo cristão. Ambos viram na educação um caminho essencial para *humanizar o homem*. No livro *Humanismo Integral*, Maritain sintetiza os traços do humanismo idealizado pela religião católica:

O humanismo tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano, e a manifestar sua grandeza original, fazendo-o participar de tudo o que, na natureza e na história [...] o possa enriquecer; suas exigências são exaustivas, levando o homem a desenvolver suas virtualidades intrínsecas, suas forças criativas e a vida da razão, se esforçando também a transformar as forças do mundo físico em instrumentos de sua liberdade. (MARITAIN, 1945, p. 198).

Seu pensamento segue sendo um referente para os católicos. Francisco Borja Ribeiro Neto comenta que, recentemente, o Papa Bento XVI retomou o conceito do humanismo integral, na encíclica *Caritas in veritate*, 2009, em que aponta os pontos principais da filosofia de Maritain:

a. O primado da pessoa sobre as coisas (numa crítica à mercantilização da vida realizada pelo capitalismo) e sobre os processos sociais (crítica à filosofia da história marxista). O bem comum não se confunde com uma situação de equilíbrio entre os interesses individuais (como supõe a filosofia política liberal) nem pode ser construído em oposição ao bem pessoal (como supõe o coletivismo socialista).



b. A pessoa é uma totalidade que não pode ser reduzida às suas várias dimensões (econômica, cultural, social, etc.). Entre estas dimensões, se sobressai a religiosa, pois a vida humana é forçosamente relação com o Mistério, e o coração do homem não se satisfaz enquanto não descansa em Deus, como lembrava Santo Agostinho.

c. O objetivo último de todas as ações que acontecem na vida social é a construção do bem comum, que coincide com a plena realização de cada pessoa.

d. A dimensão ética, enquanto manifestação da liberdade da pessoa, está presente em todas as esferas da vida (pessoal, econômica, política) e é necessária para a construção do bem comum. Portanto, não se pode pensar em progresso, desenvolvimento ou justiça social sem uma atenção particular para com a ética pessoal. (RIBEIRO NETO, 2016, p. 2)

O trabalho educativo é visto pelas religiosas como uma missão beneditina. Nos contatos com as freiras buscou-se compreender a partir de que ideais a educação e a formação humana se relacionam com a missão beneditina. Na pesquisa, duas religiosas, já apresentadas na Introdução desta tese (irmã Cecília Torres e irmã Hilde Martin) foram indagadas a respeito do que pensavam sobre a finalidade da educação. Seus depoimentos demonstram a preocupação de que os apelos formativos devem, antes de tudo, ser praticados pelos formadores a fim de que possam constituir-se pelo exemplo a ser dado de si. A educação deve proporcionar uma vida humana plena.

Falar em Educação não é só partir de Escola. É um processo contínuo que exige o despertar para tudo o que está ao nosso redor, aprender a lidar com a vida. Já São Bento colocou em sua Regra que ao discutir alguma situação a resolver, chamar também os jovens que certamente teriam algo a propor. Saber levar em consideração o ponto de vista do outro. Educação é uma ARTE a conquistar, deixar-se enriquecer-se interiormente. Colaborar para o desenvolvimento material, espiritual, técnico, científico. Se você é formador, cumpra sua missão de forma ética para formar pessoas éticas, através de conhecimentos sólidos e exemplo de retidão. (IRMÃ CECÍLIA TORRES. Depoimento em janeiro de 2014)

Nossa missão é anunciar o evangelho de Jesus Cristo, em primeiro lugar por nosso exemplo. Disse Jesus: “Eu vim para que tenham vida em abundância.” (João 10,10) Para ter vida em plenitude é necessária uma boa educação que ajude a desenvolver todas as dimensões da pessoa humana, inclusive a espiritual. Formando crianças e adolescentes nos valores do

evangelho, nós contribuimos para uma sociedade solidária e fraterna – o que Jesus chama o Reino de Deus.” (IRMÃ HILDE MARTIN. Depoimento em janeiro de 2014)

Os dois posicionamentos traduzem a visão formativa idealizada pela instituição escolar. A concretização da educação na vida das pessoas depende de inúmeros fatores e aspectos relativos ao projeto-processo formativo, mas, sem dúvida, é essencial para a construção antropológica. Boschetti explora, em seu estudo, a fala de uma ex-aluna:

Sempre costumo dizer que se consegui ser “alguém” hoje em dia, devo isso também ao Colégio Santa Escolástica. Dentro dessa escola, aprendi o valor da verdadeira amizade, cresci, convivi, brinquei, ri, chorei... enfim, tudo o que aprendi, me fez acreditar nas pessoas e, principalmente, na vida. (BOSCHETTI, s/d, p. 6)

A aprendizagem é um conceito que se consolida quando ocorre a apropriação das práticas pedagógicas idealizadas e institucionalizadas por aqueles que as vivenciaram. Outro autor que traz um aporte sobre humanismo é Alceu Amoroso Lima. Defensor de uma pedagogia integral, participou ativamente, entre as décadas de 1920 e 1940, de debates sobre a renovação pedagógica na educação brasileira, defendendo as posições do núcleo católico e combatendo o que, para ele, era o *modernismo agnóstico*. Demerval Saviani assim analisa o pensamento de Amoroso Lima:

Entende ele que o problema pedagógico deve ser considerado sob três aspectos: a) o ideal pedagógico; b) a realidade pedagógica; c) o método pedagógico. O primeiro aspecto diz respeito aos princípios que devem orientar todo o trabalho educativo. O segundo se refere ao próprio objeto da educação, ou seja, a criança. O terceiro aspecto envolve a busca dos meios pelos quais poderemos aplicar o primeiro ao segundo (o ideal à realidade). Para Alceu de Amoroso Lima, sendo a pedagogia a formação do homem, quer dizer, preparação para a vida e considerando que para se preparar é preciso saber para quê, é necessário, na pedagogia, que haja previamente uma finalidade, um objetivo, um ideal a atingir. Daí que, para ele, o problema da pedagogia no Brasil é a ausência completa de um ideal educativo. (SAVIANI, 2006, p. 12)



A pesquisa proporcionou o contato mais demorado com a obra de Alceu Amoroso Lima (sobretudo, *Humanismo Pedagógico – Estudos de Filosofia da Educação*). Utilizou-se parte deste texto para que as duas religiosas (irmã Cecília e irmã Hilde) pudessem dialogar com o pensamento do autor. Foi entregue às duas religiosas cópias do capítulo 1 do livro de Alceu para que as mesmas pudessem refletir sobre os princípios educativos defendidos pelo autor. Na sequência são apresentados os princípios e as análises das religiosas a esse respeito.

No capítulo 1, o autor trata dos princípios pedagógicos da educação. Lembra ele: “Começar pelo princípio é sempre começar pelos princípios. Onde eles faltam, falta a ordem, subvertem-se os meios e a finalidade visada não se alcança”. (LIMA, 1944, p. 15) Eis, então, o primeiro dos princípios gerais elencado por Amoroso Lima para a educação brasileira: “A educação existe para o homem e não o homem para a educação. Corolário: a educação é um meio e não um fim. (...) A tarefa educativa não se justifica por si mesma e sim pela orientação que tiver”. (LIMA, 1944, p. 16) Sobre esse primeiro princípio, irmã Hilde faz a seguinte observação:

A educação é um meio para o ser humano desenvolver suas potencialidades e assim ser feliz. [Citando um trecho da Regra de São Bento:] “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?” Se responderes: “Eu”, Deus te dirá: “Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal, afasta-te do mal e faze o bem, procura a paz e segue-a.” (RB Prólogo 15-17). (IRMÃ HILDE MARTIN. Depoimento em janeiro de 2014)

Cita, também, parte das Constituições da Congregação das Beneditinas Missionárias de Tutzing: “Com paciência, despertamos os talentos escondidos, conduzindo-os progressiva e constantemente a uma autonomia. Como educadoras da fé, estamos dispostas a nos retirarmos, no tempo devido. CV. 5, 2004.” (*Idem*) A religiosa compreende a educação como sendo um meio para que as pessoas possam explorar suas potencialidades. Faz com que o texto do teórico dialogue com suas referências religiosas, articulando sua missão de fé à educação. Tem consciência dos limites temporais e institucionais educativos: “(...) como educadoras da fé, estamos dispostas a nos retirarmos, no tempo devido.”



Ela percebe a educação como um caminho para que as pessoas tornem-se autônomas e façam escolhas perante a vida.

O segundo princípio de Alceu Amoroso Lima afirma: “A educação tem por fim levar o homem à plenitude de sua humanidade. Corolário: A educação é ciência e uma arte.” (LIMA, 1944, p. 19) Sobre este segundo princípio, irmã Hilde comenta:

(...) é preciso saber como levar o ser humano à plenitude de sua humanidade e dominar a arte da prática educacional. RB 2,31: O abade/mestre saiba que coisa difícil recebeu: servir os temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele com repreensões, a outros com persuasões, segundo a maneira de ser ou inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos.” RB 64,13: Lembre-se que não deve esmagar o caniço já rachado” (*Idem*)

RB 4,70-71.75 “venerar os mais velhos, amar os mais moços, eis aí os instrumentos da arte espiritual.” (*Idem*)

CV.2 Colaboramos na libertação e no desenvolvimento integral da pessoa. (*Idem*)

Desenvolvimento integral compreendido dentro das práticas pedagógicas tradicionais. Cultuar os mais velhos e amar os mais jovens. A arte educativa consiste em enxergar as qualidades das pessoas para que, a partir de ações educativas, possam elas alcançar a plenitude. Novamente, a educação beneditina assume um compromisso moral e religioso, e é nesse sentido que a integralidade da pessoa humana é buscada.

O terceiro princípio: “A educação prepara o indivíduo para a comunidade e esta para a pessoas. Corolário: A educação, é simultaneamente, obra individual, coletiva e pessoal.” (LIMA, 1944, p. 22) Irmã Hilde assim o comenta:

Toda educação é um processo comunitário, que, ao mesmo tempo, necessita da disciplina do indivíduo. RB 72,5.7: “O zelo bom: tolerem com paciência suas fraquezas quer do corpo quer do caráter; rivalizem em prestar mútua obediência; ninguém procure aquilo que julgar útil para si, mas principalmente, o que é para o outro”.

C/N 504 “Trabalhamos pela justiça, paz e solidariedade fraterna, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais humana”.



C/N 504.2 “Esforçamo-nos em promover o respeito pela dignidade da pessoa humana e trabalhamos pela defesa dos direitos humanos.” (*Idem*)

Vista como obra, a educação é um trabalho em prol da vida coletiva e em sociedade. Como a vida em sociedade depende de cada indivíduo, cumpre às instituições educativas formar as pessoas para que cada uma contribua ao propósito de uma sociedade mais humana.

Quarto princípio de Amoroso Lima: “A educação hierarquiza as atividades naturais e sobrenaturais do homem. Corolário: A técnica, a ação, a ciência, e a sabedoria, isto é, o homem e a natureza; o homem e a sociedade; o homem e o conhecimento; o homem e Deus constituem os quatro momentos capitais de uma educação integral”. Sobre o quarto princípio, Irmã Hilde explora os aspectos da formação integral no sentido moral e religioso. Observa que:

(...) todas as dimensões da personalidade humana devem ser desenvolvidas, mas a dimensão espiritual é de suma importância. CI,5: Somos desafiados a suscitar o sentido de Deus na nossa seriedade contemporânea e fazer com que outros despertem para a salvação integral do mundo, oferecida por Deus em Jesus Cristo. (*Idem*)

Quinto princípio: “As autoridades educativas são, na ordem natural, a Família e o Estado; na ordem sobrenatural a Igreja, em ambas - a Pessoa. Corolário: A Escola é um grupo social subsidiário, se bem que autônomo, e não independente e completo.” Para o quinto princípio a religiosa coloca a questão de que

(...) a escola nunca vai poder substituir a família, mas nós nos esforçamos para subsidiá-la, dando todo o nosso amor aos “mais novos”, aos pequenos nos quais Jesus está presente (Mt 25,40). RB, 30,1 Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias. RB, 63,10 Honrem os mais moços aos mais velhos que eles, e os mais velhos amem aos irmãos mais moços. C/N 502 Abertas a todas as atividades compatíveis com nossa vida beneditina de comunidade e oração, assumimos diversas formas de compromissos apostólicos, tais como a educação (...) (*Idem*)



Prevalece para a freira a missão de educar nos ideais cristãos, sem, no entanto, querer substituir a ação educativa da esfera familiar. Demonstra que a regra beneditina coloca a missão de educar na reciprocidade social humana, nos relacionamentos entre mais velhos e mais novos, deixando evidente a necessidade de que o ato educativo deva honrar as pessoas.

Por sua vez, a resposta da Irmã Cecília Torres sobre os princípios defendidos por Alceu Amoroso Lima foi organizado num texto argumentativo que, transcrito abaixo, revela uma visão amorosa do ato educativo:

O Prof. Alceu A. Lima nos deixa pontos essenciais para a ciência e arte na Educação. Foi grande educador no falar, escrever e, sobretudo, viver. Como já falei anteriormente Educação é processo contínuo, e o que é muito importante, nos primeiros doze anos é que a aprendizagem e aquisição de conhecimentos são um grande fator de “tomada de posse” da criança. O que a família transmite é de suma importância para o cabedal de conhecimento e formação da personalidade. Oportunidades oferecidas, diálogos que despertem o saber, a curiosidade; o experimento, o que é possível em cada idade.

Pessoa – persona! O que cada um traz em si para transmitir, o que cada um conquista através das possibilidades e atingem as oportunidades que lhe são oferecidas. Contato com a natureza, com as culturas, com a beleza de um Jardim Botânico, por exemplo.

Aprender é inserir-se numa tradição plural que lhe oferece um leque de escolha, que se adapte aos seus dons. À medida que se cresce, recebe-se conhecimentos através de revistas, livros, cursos especiais (línguas, artesanato, individual ou em grupos, lidar com aparelhos eletrônicos, comunicação, etc.). Enfim, das ocasiões de conversas, brincadeiras, passeios... A criança precisa de contatos e cuidados paternos onde hajam trocas de ideias, afeto e até manifestação de agressividade (que deve ser entendida, e aprender a pedir desculpas, perdão.)

Escola é o novo ambiente (que não substituí a família) mas oferece meios de descobrimento, encaminha à plenitude da pessoa, a ser pessoas bem formada, encaminhada para querer ser alguém que desempenha algo de valor na vida. Escola onde irão se desenvolver talentos e capacidades. Irão desabrochar com os vários impulsos dos colegas, dos professores, dos eventos propostos, programas, escolha de amigos. Importante a escolha da Escola e sua filosofia. O Estado deve oferecer vaga para todos que procuram e infelizmente não acontece, pois há muitos pais que não conseguem. O Colégio que estudei ofereceu-me uma educação integral (em horário integral) com verdadeiro ambiente formativo: intelectual, letras, línguas, artística, esportiva, religioso.



E acontece até agora. Ambiente sadio, disciplina consciente.
(IRMÃ CECÍLIA TORRES. Depoimento em janeiro de 2014)

Avaliando os posicionamentos de Alceu Amoroso Lima e das duas religiosas, é possível compreender-se que, quanto ao que é ponderável nos princípios elaborados pelo pensador e na argumentação das religiosas, as apropriações levaram a uma concepção tradicional de educação. Essa concepção foi questionada ao longo do século XX, e no desenvolvimento histórico institucional foi, em muitos aspectos, modificada, principalmente em relação aos métodos. Hoje a instituição adota como modelo pedagógico um método apostilado, por exemplo. O corpo docente é leigo (não há religiosas que desempenham a função docente), com pouquíssima participação das freiras. As modalidades oferecidas contemplam todas as fases da educação básica. Encontra-se, no site institucional, os fundamentos filosóficos, atuais do Colégio Santa Escolástica:

A proposta de trabalho concretiza-se através de uma metodologia ativa, onde o desenvolvimento do discente é marcado por uma autonomia crescente em relação ao seu desempenho. O trabalho docente é sistematizado por propostas individuais ou coletivas. Importante se torna, portanto, que atividades e programas previstos no planejamento sejam efetuados e periodicamente revistos, para que haja na aprendizagem um processo contínuo e integrado à comunidade.

Direção, Coordenação Pedagógica, Apoio Educacional e Psicológico deverão atuar de maneira discreta, de modo a promover um ambiente de trabalho, de cultura e de formação, em que educadores e educandos se sintam responsáveis, não apenas seguindo os planos traçados, mas também propondo atividades que levem novas possibilidades de desenvolvimento integral.

MISSÃO:

Oferecer educação de excelência e ser referência em formação moral, desenvolvendo e preparando integralmente o aluno para alcançar seus propósitos.

VALORES:

- Educar com amor e respeito;
- Espírito de família e amizade;
- Solidariedade e cooperação;
- Competência com resultados;
- Disciplina (liberdade com responsabilidade);
- Ouvir e refletir;
- Bom clima de convívio e espírito de equipe.

DIFERENCIAIS PRINCIPAIS:

- Tradição;
- Ensino de alta qualidade e resultados;
- Formação moral.

(site institucional: www.santaescolastica.com.br)

Observando-se as permanências em relação aos ideais filosóficos e a proposta de trabalho educativo na atualidade do Colégio Santa Escolástica, há alguns aspectos interessantes a serem destacados. Quanto aos ideais do humanismo cristão, estão presentes a formação cultural e a formação moral. Entre os ideais e valores beneditinos, surgem o trabalho, o espírito de família e amizade, a cooperação e o ouvir e refletir. E a missão institucional: "oferecer educação de excelência e ser referência em formação moral, desenvolvendo integralmente o aluno para que o mesmo alcance seu propósito". O Colégio Santa Escolástica possui uma identidade construída historicamente a partir de uma herança filosófica clássica, fundamentada na Idade Média e estruturada numa base conservadora e tradicional, que estabelece o diálogo com as circunstâncias contemporâneas e realiza o trabalho educativo para aqueles que procuram a formação institucional. O ensino-aprendizagem sempre foi um dos propósitos da instituição. Essa relação ocorre no âmbito intersubjetivo das relações humanas:

A educação não é nem uma justaposição de formações, nem aprendizagens, gradativas e orientadas sob um espiral de complexidade: é uma construção, um desenvolvimento e um envolvimento pessoal, com intuito de uma maior partilha de humanidade, muito embora possam existir processos humanamente negativos que não deixem de orientar-se por parâmetros educacionais, como sucede com o processo de viciação. A aprendizagem é um conceito que pode ser trabalhado por analogia e por contraponto entre humanos e os animais, por comparação de processos e de saberes de natureza diversa, por gradação de estádios do conhecimento, mas como estratégia educacional é exclusivo dos humanos. Construção antropológica, a educação é uma prerrogativa humana. (MAGALHÃES, 2004, p. 27)

A proposta idealista humanista-cristã das pessoas envolvidas no projeto-processo educativo do Colégio Santa Escolástica resiste, no tempo e no espaço, a outras propostas modernas e de qualidade. Igualmente, a essência das

orientações humanista e beneditina permanece muito próxima daquela das primeiras décadas – o que é visível nos depoimentos das religiosas e nos apelos do *site* institucional. Os princípios humanistas cristãos fazem parte da identidade histórica institucional por meio da ação dos sujeitos que tornam possível articular entre si esses fundamentos do trabalho educativo no Colégio Santa Escolástica. Ao confrontar as palavras das religiosas e as informações da proposta pedagógica atual com os ideais do humanismo cristão, é possível perceber as inúmeras permanências mantidas como referência e representação. A questão fundamental para a formação beneditina é a finalidade educativa, cujo objetivo se materializa no ideal do *homem humanizado* segundo os valores da moral cristã. A educação é vista como o processo pelo qual o homem é conduzido à sua realização, que será mais vital

(...) quando tender com mais energia ao seu fim, sem se deter em algum degrau intermediário. Nosso primeiro dever é nos tornarmos aquilo que somos; nada mais importante, nem mais difícil, do que nos tornarmos homem. (MARITAIN, 1968, p. 26)

O trabalho pedagógico desenvolvido no Colégio é uma totalidade, na medida em que é um produto social histórico que traz concretude à instituição. Esse produto social histórico articula tradição e modernidade com a finalidade de, a partir da visão cristã, humanizar o homem. Ao manter vivo o ideal humano cristão em suas ações pedagógicas a instituição estudada fixa a características de escola de tradição sejam os métodos pedagógicos tradicionais ou não. A essência tradicional reside na finalidade formativa defendida institucionalmente.

Encontra-se no próximo capítulo a experiência pedagógica beneditina em Sorocaba. O trabalho educativo das religiosas de Tutzing desde a fundação do priorado em 1905 até 1950 está ali explorado.



Figura 7
Fachada atual
Acervo Digital do Colégio Santa Escolástica



Figura 8 - Vista Aérea do prédio atual do Colégio Santa Escolástica
Acervo digital da instituição

5 A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA BENEDITINA EM SOROCABA

Neste capítulo, apresenta-se uma narrativa historiográfica que alcança a fundação da instituição escolar Colégio Santa Escolástica em 1905 até o ano de 1950.

A história de uma instituição escolar abrange múltiplas dimensões humanas; requer, ademais, observar-se a causa de sua fundação e a forma pela qual procede ao fazer educativo. A construção de uma sociedade se faz e se perpetua, em geral, através das experiências passadas, de memórias coletivas, de como se deve viver do ponto de vista prático e do ponto de vista ideológico. As experiências vividas são transmitidas de inúmeras maneiras para as gerações que virão. A educação escolarizada, na contemporaneidade, é um dos âmbitos da ação humana que possui essa função social de apresentar e ensinar aos mais jovens o conhecimento desenvolvido por gerações passadas. A forma, o método e as práticas pedagógicas acerca dessas experiências tornaram-se objeto de estudos e de debates. O campo educativo estabelece essa relação com o devir, revisita o passado, vivencia as experiências do tempo anterior, o qual, contudo, se projeta no presente, para que o futuro chegue a partir de alguma base prática e teórica coletivamente assentada.

5.1 Os primeiros tempos

Na época em que o Colégio Santa Escolástica foi instituído (começo do século XX), as orientações metodológicas ao fazer educativo se baseavam na concepção (então predominante) da Pedagogia Tradicional – orientação que aos poucos, todavia, foi sendo suplantada por outros modelos e propostas, modernos e modernizantes. A institucionalização do Colégio Santa Escolástica como uma escola tradicional foi sendo construída pelas práticas pedagógicas ali desenvolvidas e, para além dos métodos, pelo ideal formativo elaborado no passado clássico – o humanismo antigo, acrescido da ética e da moral cristã. Demais disso, uma instituição escolar é parte do cenário de um lugar concreto; compõe um espaço real e estabelece um diálogo com a história quer de uma rua ou de um bairro, quer de toda uma cidade. Na foto antiga da abertura deste



capítulo (Figura 6), vê-se parte do Colégio Santa Escolástica, situado à rua Souza Pereira. O Colégio, construído por um grupo de religiosas alemãs no início do século XX, situa-se ainda hoje no mesmo logradouro, porém com outra estrutura arquitetônica, configurada a partir de grande reforma geral na década de 1960.

Uma das fontes documentais utilizadas para na narrativa é uma frisa cronológica (Anexo A), de autoria da religiosa, ex-aluna, ex-professora e ex-diretora do Colégio Santa Escolástica, irmã Maria Elvira Bassini. A frisa traz os principais eventos da Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing no Brasil entre 1905 e 2000. A religiosa elaborou esse documento com base em informações contidas em livros e anais do priorado de Sorocaba, que, em alguns casos, não estão disponíveis no acervo da instituição pesquisada. Além da frisa, há os depoimentos da irmã Maria Elvira Bassini e da irmã Cecília Torres, que apoiaram a escrita da narrativa (e encontram-se nos Anexos, como arquivos digitalizados). Os depoimentos foram feitos entre os anos de 2013 e 2016. As religiosas preferiam responder por escrito às dúvidas que surgiam no decorrer da pesquisa, em pequenos relatos, alguns escritos manualmente, outros datilografados a partir de arquivos pessoais. Outros dados, ainda, foram coletados junto ao acervo disponível na secretaria da escola, principalmente em livros de matrículas, arquivos de provas e exames, livros de chamadas, livros de atas de inspetores e atas de reuniões pedagógicas.

A criação do Colégio Santa Escolástica se entrelaça com a fundação do priorado da congregação beneditinas de Tutzing, em Sorocaba. A congregação das religiosas alemãs é uma das instituições católicas ligada à ordem de São Bento. Fundada em 1895, na Baviera, a congregação enviou religiosas ao Brasil em missão, no ano de 1903 e a Sorocaba em 1905. A escolha da cidade fazia parte de uma história antiga. Os beneditinos foram escolhidos pelo fundador de Sorocaba para prestar serviços religiosos e educacionais, e em troca receberiam terras, nas quais depois erigiriam o mosteiro de São Bento:

Em 1654, nas paragens do hoje município de Sorocaba, foi fundada uma Vila de nome Itavovú, que mais tarde passou à Vila de Nossa Senhora da Ponte, a pedido de Balthazar Fernandes. O pedido foi acolhido por Salvador Correa de Sá Ibenavid em 03 de março de 1661, ocasião em que o Administrador Geral nomeou provisoriamente até que se desse eleição nos termos dos Foraes, para juízes: o próprio Capitão Balthazar Fernandes e Paschoal

Leite Pais; para Vereadores: André de Zuniga e Claudio Furquim; para Procurador: Domingos Garcia, e para Escrivão da Câmara: Francisco Sanches. No mesmo ano de 1661, aos 21 de abril, o Capitão Balthazar Fernandes doou a Igreja de Nossa Senhora da Ponte, hoje Mosteiro de São Bento, aos frades beneditinos existentes na Vila de Parnaíba. Das obrigações impostas, percebe-se pelos relatos históricos que os monges realmente tomaram posse das terras, de fato, apenas em 1667, portanto, seis anos mais tarde. Quanto às construções, realizaram-nas parceladamente, vez que não tinham recursos para tanto; já as outras obrigações não se encontra relato algum, mas sabe-se que lá realizavam atividade missionária, catequizando os índios e pregando a palavra da salvação, além das aulas de latim e cantochão a todos os filhos de moradores que quisessem estudar uma e outra coisa. Ainda, celebravam missas, sacramentos e solenizavam as festividades. Também, a primeira escola de Sorocaba foi instalada no Mosteiro em 1667. Nela se ensinava canto, latim e português. Em 1816, os religiosos criaram um curso de filosofia e teologia para seminaristas e leigos, que só parou de funcionar quando o governo proibiu a admissão de novos religiosos à ordem monástica – Lei Imperial de 1855. (ALMEIDA, 1965, p. 23-24).

A vida das ordens religiosas no Brasil experimentou inúmeras dificuldades políticas. No governo imperial de Pedro II, uma lei (de 1855) proibiu a entrada de noviços nas ordens religiosas, bem como a vinda de religiosos estrangeiros para o país. Por conseguinte, o mosteiro beneditino em Sorocaba, a partir de 1893, viu-se obrigado a fechar as portas. A proclamação da República, em 1889, alterou essa legislação:

Uma lei imperial assinada por D. Pedro II proibia a entrada de noviços nas ordens religiosas e a vinda de religiosos estrangeiros para o Brasil. Em Sorocaba, com a morte do último monge beneditino Frei Baraúna, em 1893, cerraram-se as portas do Mosteiro de São Bento, por 20 anos. Com a proclamação da República foi suspensa a lei imperial. Dom Geraldo von Caloen, Bispo Titular de Fócea, Abade da Abadia Nullus de Monte Serrat no Rio de Janeiro e Prelado do Rio Branco, Amazonas – hoje Roraima – fez vir de Tutzing, Baviera – Alemanha as Beneditinas Missionárias, que se estabeleceram em Pernambuco em 1903. Lutaram com sérias dificuldades financeiras. D. Miguel Kruse, prior em S.P., ofereceu-lhes, então, o Mosteiro em Sorocaba, para a fundação de uma escola. (IRMÃ MARIA E. BASSINI, Depoimento em 2013)



As religiosas, vindas da Alemanha em 1903, dirigiram-se primeiramente a Olinda. Porém, a situação econômica da região nordestina não oferecia condições de ampliarem a comunidade missionária. As autoridades beneditinas ligadas ao mosteiro de São Bento, em São Paulo, sabendo da necessidade de manter o vínculo com Sorocaba, ofereceram às irmãs uma casa no interior paulista – região, aliás, que iniciava então sua industrialização. Nesse cenário, revelava-se interessante à congregação ampliar seu trabalho missionário e educativo.

Em 1903, chegaram as primeiras irmãs em Olinda, no Estado de Pernambuco. Em 1905 foi planejada uma fundação no Quixadá. Oito irmãs partiram da Casa Mãe na Alemanha, para esta fundação, mas ao chegarem em Olinda, após sérias ponderações, concluiu-se ser inviável esta fundação. Em Olinda, os escassos meios de subsistência tornavam impossível o aumento da Comunidade. A solução encontrada foi aceitar a oferta de D. Gerardo von Coloén e D. Miguel Kruse, Superior e mais tarde Abade do Mosteiro de São Paulo, “ofereceram por 3 anos, à então Priora Geral Madre Birgitta Korff, o Mosteirinho nas dependências do Mosteiro da então pequena cidade industrial de Sorocaba, SP. (*Idem*)

O relato acima, da chegada das religiosas a Sorocaba no começo do século XX, apoia-se nas fontes encontradas na frisa temporal e no relato da religiosa. Outros estudos demonstram, no entanto, que a então vinda das missionárias ao Brasil apresentava-se como uma política expansionista e conservadora do catolicismo, em razão das alterações promovidas após a Revolução Francesa – principalmente o avanço das ideologias laicas. Ante o contexto modernizador ocidental, a Igreja Católica organizou ações que visavam a defender os ideais cristãos e a resguardar sua função educativa e formativa, conquistada desde a Idade Média. Menon (2000) e Gomes (2015) citam a articulação do ultramontanismo católico como uma fundamentação ideológica da parte conservadora da Igreja empenhada no combate às inovações políticas e sociais advindas do movimento burguês:

O ultramontanismo, portanto, aparece como reação ao mundo moderno, ao capitalismo, ao iluminismo, ao liberalismo e a todo o conjunto de novas ideias a que, começando a se esboçar nos séculos XV e XVI, adquiriram contornos definitivos após a Revolução Industrial e Revolução Francesa. Segundo a

interpretação do catolicismo ultramontano, o mundo moderno se constituía em um imenso perigo para a salvação da alma, porque se fundamentava na liberdade de pensamento e consciência, liberdade social e liberdade política. Em outros termos, o mundo moderno se desenvolvia sem obedecer aos preceitos católicos e controle da Igreja. (MANOEL, 1996, p. 41)

O empenho em resguardar o poder ideológico da Igreja teria feito com que, naqueles primeiros anos do século XX, algumas mulheres alemãs, imbuídas de um ideal missionário cristão, aportassem nas terras brasileiras para defender as prerrogativas longamente conquistadas pela Igreja Católica. A defesa desse projeto – embora esse ideal não apareça nas fontes – foi cumprida à maneira beneditina, com o trabalho e a adaptação das freiras ao contexto social e educativo de Sorocaba. Existem duas possíveis causas da vinda das religiosas a Sorocaba e, por conseguinte, da fundação de uma instituição escolar na cidade: primeiro, resgatar e dar continuidade ao trabalho beneditino prometido a Baltazar Fernandes, de prestar assistência espiritual e intelectual à população; e, segundo, defender a visão conservadora do catolicismo ultramontano, através de um trabalho educativo missionário cristão (ALMEIDA, 1965).

As intenções das mulheres que realizaram o projeto do priorado e da escola não aparecem nas duas perspectivas. As razões pessoais e as vozes das religiosas seguem diluídas na sonoridade ideológica da Igreja e da ordem que representam. Os elementos encontrados na pesquisa também são limitados nesse sentido. As apropriações das religiosas têm como resultado concreto o trabalho de construção do priorado da congregação beneditina de Tutzing e do Colégio Santa Escolástica. A institucionalização tanto do priorado quanto da escola foi, possivelmente, uma estratégia em defesa da tradição cristã em educar diante do cenário de modernização laica que estava ocorrendo no momento da fundação.

O depoimento e as anotações de anais realizadas pela irmã Maria Elvira – nos quais, ademais, baseia-se grande parte das informações dos parágrafos seguintes – apontam que as primeiras religiosas chegaram a Sorocaba entre os dias 28 de setembro e 29 de outubro de 1905. Encontravam-se então na cidade as irmãs Alfonsa Kellenberger (superiora), Ermentrudis Helman, Anastacia Tepest, Menodora Vesper, Regina Eiselle e Lioba Schledorn, além da madre

prioressa geral Birgitta. Exceto a irmã Regina, todas elas já estavam em Olinda desde 1903 e, por essa razão, tinham algum domínio da língua portuguesa. Ainda segundo essas informações, as religiosas hospedaram-se em uma casa próximo ao mosteiro e, depois, alojaram-se na residência da Família Vergueiro à praça Frei Baraúna. A nova fundação teria a assistência do padre Luiz Augusto Scicluna, capelão de Santa Clara. Como era de esperar, os primeiros anos foram difíceis para as religiosas. Menon ilustra esse período:

Enquanto se preparavam para abrir a escola, plantavam os primeiros legumes para a cozinha, bordavam os paramentos e confeccionavam a roupa da Igreja para os beneditinos em São Paulo e do Rio. Algumas irmãs davam aulas particulares. Outras faziam trabalhos de costura e consertavam roupas para os quais a M. Afonsa tinha um jeito especial; e desta forma chegavam muitas encomendas. Às vezes, uma e outra trabalhavam 17 a 19 horas por dia. Um pequeno semi-interno viu um dia que as Irmãs compravam, na portaria, 2 garrafas de leite. O pai desse menino era médico e tinha em casa algumas vacas; então o menino pediu à mãe para mandar diariamente 2 garrafas de leite, até que um dia, o pai deu de presente às irmãs uma vaca com seu bezerrinho. (MENON, 2000, p. 263-264)

O cenário dos primeiros meses em Sorocaba daria às irmãs de Tutzing condições de efetivar a abertura de uma escola que atendesse à formação de crianças através de aulas particulares. Assim, em 1º de agosto, abria-se a escola (curso primário) com dez alunos, aproveitando os esforços paralelos de D. Adalberto Swiersen, OSB. Não há, contudo, registros desse momento no arquivo institucional, mas essa referência é encontrada em revistas da congregação e nos depoimentos da religiosa. Em 1906, o priorado contava com 13 religiosas, no momento em que chegava a Sorocaba a prioressa madre Plácida Schaffener. Em 10 de outubro, as religiosas conseguem mudar-se para o mosteiro de São Bento.

O mosteiro de São Bento fora cedido às irmãs pelo período de três anos, ou até que conseguissem uma sede própria. D. Miguel pressentira o crescimento da escola, e sentiu a impossibilidade de uma instalação conveniente no local em que se encontrava. Entendera-se com D. Duarte, arcebispo de São Paulo, acerca de uma grande casa pertencente à cúria Metropolitana de São Paulo. Em 1907, D. Miguel Kruse auxiliou as irmãs na compra dessa casa, um antigo solar. Ali

estivera instalado o Colégio Diocesano. Em 1900, fora um hospital, atendendo ao grande surto de febre amarela da época. Mais tarde, com os padres agostinianos, tornou-se Colégio Nossa Senhora da Consolação (entre 1900 e 1906). A Arquidiocese de São Paulo também o ocupou como casa de férias dos seminaristas. A 18 de janeiro de 1908, o solar passava a ser propriedade das irmãs, e a 4 de julho fez-se a mudança. A reforma da casa, porém, pesou extraordinariamente sobre a comunidade, e a situação difícil prolongou-se até 1910, quando já fora decidida a transferência das irmãs para Botucatu (o que, entretanto, não aconteceu).

Na referida linha do tempo, há algumas informações sobre essa mudança do mosteiro para a área atual, no Largo do Rosário. A mudança, como se disse, ocorreu no dia 4 de julho de 1908. Pela descrição, as religiosas foram recebidas no local, “(...) com ruidosa alegria. Na igreja sem banco, somente caiada, havia duas imagens de Nossa Senhora: da Consolação (atualmente no Capítulo) e a do Rosário (na nova Igreja)”. (BASSINI, 2012, p. 2) Ao que parece, tudo ali era muito simples, o que requeria muito trabalho:

Quando as irmãs chegaram ao Largo do Rosário, o terreno adjacente para o lado do Rio Sorocaba, era o “fim da cidade”. Uma rua, agora inexistente, paralela à atual Rua Padre José Manoel, se interpunha entre a agora Casa das irmãs e a antiga igreja do Rosário.” (IRMÃ MARIA E. BASSINI, Depoimento em 2013).

Há uma cena, descrita na frisa, que merece ser reproduzida, por ser peculiar: no dia 31 de dezembro de 1908, as irmãs surpreenderam-se com a presença de índios no Largo. Era costume virem os indígenas, nessa oportunidade, saudar as autoridades com suas danças típicas.

A história da escola se mistura com a história do priorado e da cidade, principalmente em sua gênese e em sua articulação temporal. Os primeiros anos foram de adequação em todos os sentidos – econômico, social e cultural. As religiosas representavam uma instituição e vieram ao Brasil com a finalidade de construir bases institucionais a partir de um referente alemão. Há poucos elementos nas fontes de que se possam inferir as impressões pessoais das religiosas nesse momento de fundação institucional. Nas observações e leituras,

é possível compreender, todavia, que mantiveram a fé e o trabalho para que o priorado e a escola se firmassem a despeito das dificuldades.

5.2 O contexto histórico e educacional brasileiro no começo do século XX

O século XX é lembrado tanto pelo avanço que promoveu, como pelas tragédias que enfrentou, o Brasil havia se tornado uma república desde 1889, embasado em ideias positivistas e liberais, o governo republicano separou Igreja e Estado, inaugurando uma forma de governo laico. A oligarquia cafeeira tomara conta das instituições políticas durante toda a primeira fase da república, até 1930, ano do movimento revolucionário que colocou no poder um político de orientação nacionalista-populista, dando início a uma nova fase da história do país. Getúlio Vargas permaneceu no poder entre 1930 e 1945 (FAUSTO, 2012), com uma política econômica nacionalista, estatizante e centralizadora. Outrossim, fortaleceu o papel do executivo federal e promoveu várias alterações institucionais.

As condições sociais, políticas e econômicas no Brasil sofreram grandes rupturas. Com o fim da escravidão e a chegada de imigrantes de várias regiões da Europa e da Ásia, a sociedade aos poucos se tornaria assalariada, a economia lentamente modificaria o modelo agrário-exportador, diversificando as atividades e iniciando a industrialização. Cresceu o interesse político em torno da questão educacional. A Igreja era uma instituição preponderante e influente na educação das pessoas. Com o Estado laico, a constituição republicana (1891) retirou do currículo da escola pública o ensino religioso. Isso até que uma lei do Governo Vargas (Decreto 19.941, de 30/04/1931) fizesse com que fosse restabelecido.

No contexto internacional, a expansão capitalista recrudesceu as relações entre as principais potências econômicas. Os avanços e progressos promovidos pelas inovações tecnológicas imprimiram uma luta insana por matérias primas e novos mercados, fazendo eclodir, entre 1914 e 1918, a I Guerra Mundial. O curto período entre guerras assistiu ao aparecimento de regimes totalitários de esquerda (socialismo russo) e de extrema direita (regimes nazifascistas). Nesse cenário o Colégio Santa Escolástica foi instituído e se consolidou como instituição escolar confessional e tradicional, com um número considerável de alunos e

alunas. O campo educacional brasileiro nesse momento foi palco de debates e lutas. A hegemonia da concepção tradicional e elitista passou a ser questionada por inúmeros intelectuais que defendiam uma reforma laica e pública para esse campo social. Independentemente desse movimento as escolas confessionais mantiveram-se em grande parte na preferência das famílias em relação à escola para seus filhos e filhas.

As propostas do Colégio e os interesses da população estiveram de tal forma afinados que, as discussões em torno da universalidade da escola pública, da laicidade de ensino e da co-educação, intensificadas nas décadas de 30, 40 e 50, passaram ao largo do seu cotidiano. (BOSCHETTI, s/d. p. 6)

O relacionamento com a sociedade circundante, as apropriações que o relacionamento educativo proporcionou entre as religiosas, os alunos e alunas e os pais e responsáveis que contratavam ou solicitavam o serviço educacional, tudo isso deu à instituição as condições de manutenção de seu projeto formativo. Este sofreria mudanças e alterações, mas elas seriam sempre lentas, pensadas e estruturadas a partir de um ideal a conservar, sem perder de vista a finalidade missionária beneditina e cristã de educação.

A pedagogia tradicional foi assim chamada pelo movimento renovador, no final do século XIX, com a finalidade de marcar seu espaço de atuação, fazendo a crítica aos modelos educativos que se formularam desde a Antiguidade, como vimos no capítulo III. Na proposta da pedagogia tradicional, observando a ideia de que pedagogia é a teoria da prática educativa (SAVIANI, 2006), há que se levar em consideração a relação professor-aluno ou educador-educando. Nessa concepção a prática é subordinada pela teoria, e a grande preocupação está centrada no ensino, cabendo ao professor transmitir o conhecimento de forma lógica e gradativa.

Pautando-se pela centralidade da instrução (formação intelectual), pensavam a escola como uma agência centrada no professor, cuja tarefa é transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade segundo uma gradação lógica, cabendo aos alunos assimilar os conteúdos que lhes são transmitidos. Nesse contexto a prática era determinada pela teoria, que a moldava fornecendo-lhe tanto o conteúdo como a forma de transmissão pelo professor, com a consequente assimilação pelo aluno. Assim, a expressão

“concepção tradicional” subsume correntes pedagógicas que se formularam desde a Antigüidade, tendo em comum uma visão filosófica essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização. (SAVIANI, 2006, p. 2-9)

Os debates que ocorreram durante parte da década de 1920 e até 1932, ano do lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, defenderam mudanças para a educação, nas quais devia haver um deslocamento do ensino para a aprendizagem, do professor para o aluno, de modo a permitir à prática pedagógica subordinar a teoria:

Pautando-se na centralidade do educando, concebem a escola como um espaço aberto à iniciativa dos alunos que, interagindo entre si e com o professor, realizam a própria aprendizagem, construindo seus conhecimentos. Ao professor cabe o papel de acompanhar os alunos auxiliando-os em seu próprio processo de aprendizagem. O eixo do trabalho pedagógico desloca-se, portanto, da compreensão intelectual para a atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade. Tais pedagogias configuram-se como uma teoria da educação que estabelece o primado da prática sobre a teoria. A prática determina a teoria. (*Idem*, p. 2)

Os debates e propostas modernizadoras não aparecem como preocupação de gestão do Colégio Santa Escolástica, nem mesmo nas atas de reuniões pedagógicas, que, na maioria das vezes, discutiam procedimentos burocráticos prevendo datas de provas, festas, solenidades, e repassando as orientações e determinações feitas pelos inspetores por ocasião de suas visitas.

A legislação educacional era rigidamente seguida. Há variadas referências nas atas sobre procedimentos que seguiam as orientações exigidas pelas instruções públicas, como, por exemplo, aplicação de provas e exames finais que seguiam as normatizações (datas e mecanismos de retenção), e sempre tinham a presença de inspetores federais. A proposta renovadora acabaria sendo assimilada gradativamente pelas instituições escolares a partir da década de 1950, com outras nuances, orientações e denominações, e seu desenvolvimento



desembocaria nas atuais pedagogias de ideal pragmático (cujo lema é “aprender a aprender”).

Até 1950, no entanto, é possível afirmar que o Colégio Santa Escolástica ofereceu um currículo que tinha uma grande quantidade de conteúdos. Além disso, observou atentamente os preceitos morais do cristianismo e da filosofia beneditina ao executar sua missão educativa, tanto para os educandos do ensino privado quanto do ensino filantrópico. As professoras, todas religiosas, eram as responsáveis por aplicar os conteúdos de forma sistemática. As provas e os trabalhos eram valorizados e indispensáveis para a promoção dos educandos. O regimento escolar era rigoroso em vários aspectos e procedimentos. E toda essa forma de educar era considerada conveniente por aqueles que procuravam pelo atendimento institucional: “Os pais queriam aquela escola, com aquele projeto educativo/formativo para seus filhos e filhas a ponto das crianças de uma mesma família e por gerações serem matriculadas ano após ano.” (BOSCHETTI, s/d, p. 6)

5.3 O Colégio Santa Escolástica: uma escola de tradição

O processo de instituição corresponde à conversão de uma instância organizacional em instituição de existência. (...) A instituição educativa, como um complexo organizado e um todo interativo e comunicacional, projetando e permitindo o discernimento da orientação e da coerência, da participação e da responsabilização dos membros (cuja ação se traduz em produtos educacionais), desafia à construção de uma teoria social e antropológica da produção educativa. (MAGALHÃES, 2004, p. 38-39)

As respostas e as ações das religiosas no espaço sorocabano e em seu ambiente social, entre os anos de 1905 e 1910, visavam organizar o espaço para estabelecerem-se práticas pedagógicas e missionárias. Para isso, definiam-se quais as condutas a adotar. No início, as religiosas tencionavam abrir “um pensionato para moças, mas logo percebeu-se ser viável abrir uma escola. Não havia escola particular na região”. (IRMÃ MARIA E. BASSINI. Depoimento em 2013)

No ano de 1908, fundaram-se o internato e o semi-internato. Não há outros dados no arquivo sobre essas fundações, nem mesmo o número de seus

atendimentos. Por ser uma cidade que exercia então uma influência regional, talvez as religiosas tenham percebido essa necessidade. Os anos de 1909 e 1910 são descritos como de intensas dificuldades, visíveis no fato de a madre Melania Vollmer vir da casa-mãe com o propósito de fechar a casa de Sorocaba, o que, não obstante, não aconteceu, em razão do auxílio de autoridades religiosas do mosteiro de São Bento em São Paulo:

O fraco conhecimento da língua portuguesa e dos costumes do país também pesaram sobre a nova fundação. Epidemias que assolaram a cidade, especialmente a de tifo (1905-1913), bem como a gripe espanhola (1918), atingiram duramente as irmãs mal acostumadas ao clima tropical. Sem dúvida, porém, a situação financeira trouxe, ano por ano, grande preocupação. A situação chegou ao auge em 1910, quando foi decidido o fechamento da casa, o que não ocorreu pela intercessão do Sr. Abade D. Miguel Kruse, que prometeu ajuda financeira ao Colégio Santa Escolástica. (IRMÃ MARIA E. BASSINI, Depoimento em 2013)

Os primeiros cinco anos foram de adaptação ao espaço sorocabano e brasileiro. As religiosas mudaram-se três vezes até adequarem o espaço do priorado e da escola ao local definitivo. O atendimento educativo aconteceu desde a chegada em 1905, mas o funcionamento escolar seria realizado formalmente a partir de 1º de agosto de 1906, com a criação do curso primário, para dez crianças. As religiosas contaram com o apoio do clero de Sorocaba e São Paulo e de famílias abastadas da cidade, para que pudessem consolidar suas bases institucionais. Organizaram duas formas de atendimento: o internato e o semi-internato. O internato atendia meninas; a outra modalidade atendia meninos e meninas. Nos apontamentos da religiosa Maria Elvira, encontram-se algumas informações desse período: o curso primário, aberto em 1906, contava no início com dez crianças, terminando o ano com quinze alunos. Em fevereiro de 1907, iniciaram-se as aulas com dezoito meninas e cinco meninos, divididos em três classes. Em 1909, o Colégio Santa Escolástica contava com três classes de meninas e uma de menino. Em 1910, é fundado o curso de música, que permaneceu atendendo à modalidade até 1986. Boschetti (s/d, p. 6) comenta que “o Conservatório Musical era uma atividade paralela às famílias, que pretendiam estudo de piano, violino e flauta doce para seus filhos”. Sobre o horário de

funcionamento da escola tem-se a informação de que, por muito tempo, foi das 11h às 15h 30min, como era costume no país. O semi-internato iniciava as atividades às 8h. As disciplinas oferecidas “seguiram o currículo normal da escola pública, acrescentando ensino religioso, canto e trabalhos manuais (bordado)”. (s/d, p. 6) As professoras eram todas religiosas.

Apesar das condições difíceis, os anos que se estenderam de 1910 a 1920 foram ampliando as demandas e os atendimentos do Colégio Santa Escolástica. A cidade enfrentou doenças, como o tifo e a gripe espanhola, e as religiosas ajudaram as autoridades nas duas ocasiões, prestando auxílio no atendimento aos doentes. O Colégio Santa Escolástica abrigaria, a partir de 1911, o Externato São Miguel, que promoveu a alfabetização de domésticas e operárias (no período noturno) gratuitamente até 1965 – ano em que, em razão da grande ampliação do prédio, não houve mais condições de atendimento noturno.

Em 1913, o Externato São Miguel passou a atender, gratuitamente no período diurno, a classes de ensino primário para meninas pobres. Os trabalhos do externato para meninas carentes, nesse período, continuaram até 1973, ano em que ocorreu a fusão do Externato São Miguel com o Colégio. Com a fusão, as crianças atendidas pelo externato tornaram-se alunas do Colégio Santa Escolástica. Em 1914, foi criado o jardim da infância (que atendia a faixa etária de quatro a cinco anos).

O Colégio, em 1918, conseguiu o registro oficial no cadastro de escolas particulares da região, tornando-se a primeira instituição privada de ensino de Sorocaba. Na década de 1910, o Colégio estruturou o atendimento primário desde o jardim da infância até a quarta série; criou um conservatório musical, e organizou uma instituição paralela para o atendimento gratuito de mulheres operárias, domésticas e meninas carentes. Adquiriu status de escola particular em 1918, reconhecido por um cadastramento público. Em relação ao número de pessoas atendidas, consultados os livros de matrículas de 1920, é possível afirmar que aqueles que pagavam mensalidades eram por volta de 168 meninas e 68 meninos. O externato do período noturno atendia 72 mulheres, e o diurno 116 meninas. A organização curricular era a mesma para as duas instituições, e o corpo docente era composto integralmente por religiosas. (Nos livros de matrículas não é possível identificar quais e quantas eram as alunas internas.)

Nas décadas de 1920 e 1930, as religiosas precisaram ampliar as dependências do Colégio. Em 1924, foi criada a Escola de Comércio. Pela manhã, o curso era oferecido às moças e, à noite, aos rapazes. A Escola de Comércio foi encerrada em 1934 para a criação do ginásio. Em 1927, foi necessária uma pequena reforma de ampliação. Em um dos textos sobre o colégio cedido pela Irmã Maria Elvira, encontra-se a informação de que foi preciso pensar em retirar “do pátio as vacas, galinhas e abelhas” (ANAIS, 1927, p. 16) para a reforma. No arquivo digitalizado (Anexo C), encontra-se um convite com data de 10 de fevereiro de 1927, para a festa de inauguração do novo prédio do colégio – que, aliás, não tem a estrutura arquitetônica atual. Na verdade, a reforma ocorreu internamente, transformando áreas que havia no mesmo prédio em salas de aula.

De 1930 a 1940, após trinta e cinco anos de trabalho, o Colégio havia se firmado como uma instituição educativa na região de Sorocaba. O número de alunos e alunas aumentou consideravelmente. Os livros de matrículas de 1930 mostram que o Colégio atendeu, naquele ano, 282 alunas, 263 alunos. O Externato São Miguel atendeu 146 alunas (diurno) e 90 alunas (noturno); ou seja, aproximadamente 780 pessoas matriculadas. Em 1940, o Colégio atendia 292 alunas e 241 alunos, enquanto o Externato São Miguel atendia 195 alunas (diurno) e 142 (noturno) – totalizando 870 pessoas. Em 1934, foi criado o ginásio para meninas. Para que fosse possível atender essa etapa, foi extinta a Escola de Comércio.

Nesse mesmo ano, foi feita nova reforma: seis novas salas para as alunas internas e uma para o ensino de piano. Em 1944, havia 120 internas. Na década de 1940, o Colégio Santa Escolástica comemora o número de mil alunos. No início da década, seria suprimido o semi-internato, devido à demanda de outras modalidades. Em 1944, foi criada a Escola Normal Livre, curso que durou até 1995. Nessa época, pela primeira vez uma brasileira – irmã Tarcísia de Souza Nogueira – tornar-se-ia a diretora pedagógica da instituição (em 1942). Ela permaneceria na direção até 1948, e retornaria ao posto em 1950, permanecendo daí até 1956. A indicação de uma brasileira para a direção teve, possivelmente, relação com a situação da congregação alemã no Brasil nos anos de guerra. Irmã Cecília relata que, nessa época, quando era estudante no Colégio, as religiosas

alemãs foram impedidas de virem ao Brasil após o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha.

Os cargos de diretora foram ocupados pelas priorosas entre os anos de 1905 e 1937. A partir de 1937, a situação se modificou. A primeira priorosa e diretora foi madre Alfonsa Kellenberger (1905). Depois, madre Plácida Schaffner (1906 a 1910), madre Melania Vollmer (1911 a 1920), madre Ermentrudis Hellmann (1921 a 1927) e madre Melania Vollmer (1930 a 1936). A denominação *madre* era dada em referência a condição de priorosa. A partir de 1937, as religiosas ocuparam a direção da escola sem responder pelo priorado: irmã Eangytha Dirnhofer (1937 a 1941), irmã Tarcísia de Souza Nogueira (1942 a 1948), irmã Mechthildis Dengg (1949) e irmã Tarcísia de Souza Nogueira (1950 a 1956). (A relação de todas as diretoras do Colégio Santa Escolástica segue no Anexo C).

A história institucional do Colégio Santa Escolástica durante esse primeiro meio século de existência estabeleceu com a comunidade e a região de Sorocaba um contato promissor, que demonstra o reconhecimento social pelo trabalho desenvolvido pelas religiosas. Os estudos sobre o Colégio apontam para o caráter elitista da instituição,

(...) imprimindo um caráter rapidamente assimilado pela população: o rigor educativo trazido pela Regra de São Bento – ideário do trabalho beneditino e a formação das meninas das “melhores famílias” enquanto futuras educadoras e futuras senhoras da sociedade, construindo uma face elitista reconhecida por todos e mantida, não sem certo orgulho, pela coletividade. (BOSCHETTI, s/d, p. 5).

Para além da face elitista, o trabalho missionário educativo realizado pelas religiosas de Tutzing contemplou mulheres operárias e domésticas, além de meninas carentes. Essa face filantrópica há que ser trazida com a finalidade de demonstrar que o respeito e reconhecimento à instituição por parte da sociedade também se dava em relação a esse outro lado institucional.

O recorte temporal aqui adotado tem como fundamentação e apoio os estudos de Demerval Saviani sobre as concepções pedagógicas no Brasil. Os estudos de Saviani demonstram a perspectiva tradicional norteando, por um longo tempo, a educação brasileira. No período que vai da fundação do Colégio Santa

Escolástica em 1905 até o final da década de 1940, a concepção tradicional, apesar do debate em torno das propostas de renovação pedagógica, permanece sendo o referente para muitas instituições escolares. O Colégio, em seu meio século de existência, organizou seu trabalho educativo a partir de princípios cristãos, muito próximos ao humanismo cristão, como já discutido acima. O currículo adotado pela instituição, desde a fundação, seguiu as mesmas disciplinas que eram ministradas nas escolas públicas, acrescido de ensino religioso. O corpo docente, nesse período, era todo ele composto por religiosas.

O Colégio Santa Escolástica, nas cinco primeiras décadas de sua história, adquiriu os elementos fundantes de sua identidade tradicional. As relações educativas ali concretizadas propiciaram a construção de subjetividades a partir de uma lógica formativa que desembocou numa determinada cultura escolar.

Os depoimentos das religiosas, sugerem como eram as aulas, a escola, as professoras, as provas e, igualmente, como era organizado o ambiente escolar. As apropriações que os sujeitos fazem a partir da relação educativa proposta pela instituição escolar são fundamentais para compreender a história institucional. Assim: “A identidade dos sujeitos, suas memórias, destinos e projetos, como a memória e a representação da instituição, cruzam-se e fecundam-se mutuamente enquanto construção histórica.” (MAGALHÃES, 2004, p. 59)

5.4 A cultura escolar, memórias, reminiscências e tradição

Sobre “o que mais gostava no Colégio”, são constantes nas falas dos entrevistados as considerações; “... de participar da missa, de desfilar com o uniforme de gala, do uniforme de saia pregueada com suspensório... dos botões que iam aumentando de acordo com a série em que estava, da ordem da limpeza...” ou ainda: “...o Colégio me ajudou na minha formação profissional, na fé que tenho hoje, na continuidade dos modos de casa, de ter regras e não sentir dificuldade em ser disciplinada.” Genericamente, para muitos ex-alunos o Colégio significou a segurança da tradição. (BOSCHETTI, p. 6)

As instituições escolares, ao transmitir cultura, também criam cultura. Essa produção é parte significativa da relação educativa. As apropriações dos sujeitos que viveram as ações de uma instituição escolar fundamentam as características investigadas, que compõem as condições em que a identidade institucional se

desenvolveu. A lembrança dos mestres e professores, mesmo em um tempo no qual sua autoridade deveria ser respeitada em qualquer situação, traz sempre lembranças que denotam vínculo e respeito. Os depoimentos das religiosas demonstram precisão nas lembranças. Os nomes das professoras por elas citados estão nas atas de provas e em outros registros escolares. Ao falar das professoras, são comuns observações sobre o rigor de algumas delas, bem como a deferência por outras.

Durante todo o curso, minhas professoras foram irmãs (religiosas). Lembro-me de todas. Irmã Estanislá de alfabetização. Leocádia Mendes (irmã Therezinha), de português. Irmã Evangelista Cremer, de história. Irmã Judite Bassini (diretora e professora). Irmã Edmunda Montenegro, de geografia. Irmã Assumpta Schneider, de inglês e religião. Irmã Mechtildes Deng (irmã Gabriela), ciências, religião e latim). Irmã Myrthes Levanszich, de francês. Irmã Tarcísia Nogueira, de português e diretora. Irmã Eangytha Dirnhorf, de matemática e diretora. Irmã Myrthes, ginástica. No conservatório, as professoras madre Betha Welhen (diretora), irmã Mathilde Regiani, irmã Ancila Casoni, irmã Régis Latorre (piano), irmã Sigtrud (violino). (IRMÃ CECÍLIA TORRES, Depoimento em 2013)

Todas religiosas (irmãs): irmã Eangytha, irmã Edmunda, irmã Evangelista, irmã Assunta Schneider, irmã Tarcísia, irmã Gabriela, irmã Myrthes, irmã Ruth. As disciplinas que cursou durante este período em que fez o ginásio (hoje fundamental): português, francês, inglês, história geral, história do Brasil, geografia, matemática, educação física, trabalhos manuais (bordado). (IRMÃ MARIA ELVIRA. Depoimento em 2013)

As lembranças dos nomes das professoras e as disciplinas que aplicavam, após setenta anos, trazem a inferência de que a relação educativa ocorria de forma significativa, e que a permanência das docentes no trabalho educativo era por um período razoável. Algumas professoras citadas aparecem em vários documentos e atas entre as décadas de 1920 e 1950. As disciplinas denotam um currículo escolar formal, com o conhecimento sendo aplicado a partir de uma visão fragmentada. Os métodos e as práticas avaliativas de ensino e aprendizagem, descritos pelas religiosas, corroboram a concepção pedagógica tradicional adotada na instituição escolar. Os mecanismos visavam a avaliar se os conteúdos aplicados haviam sido aprendidos. Os depoimentos e fontes escritas

se aproximam da explanação de Magalhães (2004, p. 68): “Enquanto objeto epistêmico, as práticas interpretam-se a partir de uma hermenêutica e estão informadas com base em artefatos, registros verbais e escritos; é o que as dá a conhecer enquanto processo e construção.” Nesse sentido:

Aulas explicadas e com muitos exercícios e tarefas. Tínhamos período integral com parada para o almoço. Português (por exemplo) leitura, ditado, cópia, gramática. Português, Matemática, Geografia, História, Religião, Música, Trabalhos Manuais, Ginástica. No 4º ano recebia diploma após exame que encaminhava para o Curso de Admissão. Era uma revisão completa do Primário com livros próprios. Ano de muita aprendizagem, especialmente. Português, muita leitura e aprofundamento na língua. Matemática, área, perímetro, juros, tabuada, muito exercícios. Geografia, livro próprio e mapas. Tínhamos um museu bem montado para Ciências com um esqueleto completo. No final do ano, havia exposição de trabalhos manuais feitos pelas alunas. Tínhamos provas de 2 em 2 meses, em papel próprio e a média das 4 provas era a média final. Provas organizadas sobre a matéria dada. Programa elaborado e extensivo. A aprendizagem era levada a sério. Tudo bem explanado, línguas, artesanato. Coral que se apresentava até na Secretaria da Educação em São Paulo. Tínhamos muito contato com as irmãs (religiosas) que estavam sempre conosco, nas aulas, nos recreios. Normalmente, o Inspetor vinha em visita e era amigo do Colégio. O Colégio tem o Registro n. 1 em Sorocaba. A 1ª escola organizada. (IRMÃ MARIA CECÍLIA. Depoimento em 2013)

A matéria era explicada pela professora. As alunas podiam fazer perguntas e pedir explicações extras. Havia bastante dever de casa: composições (pelo menos uma por semana, corrigida e devolvida), exercícios de gramática; resolução de problemas de matemática, física, química; memorização de matérias expositivas (geografia, história, etc.); questionários, pesquisas. O dever de casa era controlado: o desempenho entrava na nota do boletim. Havia chamadas orais: a aluna devia expor, sem auxílio de lembrete, dissertações inteiras. Havia 4 períodos de provas: abril, junho, setembro e dezembro. Não havia recuperação. Havia 2ª época em fevereiro). As provas eram supervisionadas por um inspetor designado pela Secretaria de Educação. Vinha de São Paulo. Não se podia iniciar a prova antes de o inspetor assistir o sorteio da prova. A prova para sorteio era elaborada em 10 pontos (abril), 15 pontos (junho) 20 pontos em setembro e dezembro. Cada ponto compunha-se de 3 questões: a 1ª uma dissertação com valor 5, e 2 questões menores (em perguntas) com valor 2,5 cada. A aluna tinha 60 minutos para responder. No fim do ano havia exame oral. Cada prova, também oral, apresentava 3 assuntos diferentes para expor. (IRMÃ MARIA E. BASSINI, Depoimento em 2013)

As práticas pedagógicas descritas demonstram um ensino centrado na transmissão do professor. Com aplicação teórica e atividades práticas através de exercícios, o conteúdo era revisado e cobrado nas atividades que valiam nota. Havia grande quantidade de atividades realizadas fora do período de aula. O material didático era composto por livros, mas havia classes como a de ciências que possuíam laboratório (que a ex-aluna chamou de museu). Parte desse material didático que compunha as salas de aulas aparece em algumas fotos. Saviani, ao analisar as reformas políticas que redundaram na criação dos grupos escolares, no final do século XIX, apresenta a proposta pedagógica que foi elaborada a partir do que se fazia nos países desenvolvidos, entre eles, a Alemanha. Há uma grande similaridade entre essas propostas e o que era executado no Colégio Santa Escolástica nas primeiras décadas de trabalho educativo:

a) Simplicidade, análise e progressividade – O ensino deve começar pelos elementos mais simples. O esforço pedagógico exige a análise da matéria ensinada, de modo a decompô-la num certo número de elementos que serão individualmente fáceis de assimilar. O espírito do aluno, progressivamente vai-se enriquecendo à medida que adquire os novos conhecimentos gradualmente dispostos.

b) Formalismo – O ensino chega ao encadeamento de aspectos rigorosamente lógicos. O ensino esforça-se por ser dedutivo.

c) Memorização – A decomposição do conteúdo do ensino em elementos facilita a memorização. A medida do conhecimento do aluno é dada pela sua capacidade de repetir o que foi ensinado pelo professor.

d) Autoridade – A escola elabora um sistema de prêmios e castigos, de sanções apropriadas visando garantir que a organização pedagógica se funde sempre na autoridade do professor.

e) Emulação – A ideia de dever, a necessidade de aprovação e o sentimento do mérito são desenvolvidos para manter a atividade escolar, e completam, desse modo, o princípio de autoridade.

f) Intuição – O ensino deve partir de uma percepção sensível. O princípio da intuição exige o oferecimento de dados sensíveis à observação e à percepção do aluno. Desenvolvem-se, então, todos os processos de ilustração com objetos, animais ou suas figuras. (SAVIANI, 2008, p. 172-173)

Outro dado referido no depoimento das ex-alunas era a presença de inspetores de departamentos do governo que cuidavam da educação. Nos livros de atas encontram-se as visitas regulares dos inspetores federais. Por ocasião dos exames finais, quando aconteciam provas orais, a presença dessa autoridade era fundamental: sem ela, o processo avaliativo não podia ocorrer. Esse controle contribuía para que as instituições fossem observadas em seus procedimentos. Há no acervo um grande volume dessas provas e avaliações, principalmente da década de 1940, o que demonstra que, no governo de Vargas, o controle era mais efetivo e rigoroso.

As duas ex-alunas relatam que o colégio era mais feminino. Os meninos permaneciam na instituição do jardim da infância até o 4º ano. No período em que elas estudaram, as classes não eram mistas. Irmã Cecília disse que possuía vários amigos e colegas meninos, e que, apesar de não se encontrarem nos intervalos e no interior da escola, na saída era comum terem a companhia dos meninos, com quem então conversavam, sem que isso constituísse um problema. Nos relatos, diz que era uma prática do período as salas serem separadas por sexo. Os livros de matrícula também estão assim organizados: separados por sexo até a década de 1960, e demonstram que os meninos frequentavam o Colégio até o 4º ano do ensino primário.

Instrumento importante das práticas educativas, os materiais didáticos e livros não foram encontrados entre as fontes; mas os relatos fazem com que a narrativa possa contribuir com as informações sobre esse aspecto:

A Livraria São Luiz tinha todo o material usado no Colégio. O que não tinha livro, era feito no caderno. Usávamos o que havia na época. Tínhamos muito bons de leitura, especialmente para leitura ofereciam temas para a vida.
(IRMÃ CECÍLIA TORRES, Depoimento em 2013)

Muita coisa era explicada e anotada no caderno. Lembro-me apenas, como professora já, ter usado o livro “Páginas Floridas” de Silveira Bueno, o Geografia de Moisés Gicovate, e o de Religião do Padre Negromonte.
(IRMÃ MARIA ELVIRA, Depoimento em 2013)



É possível inferir, também, que havia poucos livros e que quando existiam eram para as disciplinas das humanidades. As disciplinas da área das exatas eram ensinadas através de exercícios de raciocínio lógico, praticados exaustivamente. As humanidades eram aplicadas através da memorização de pontos e questões. Esses procedimentos pedagógicos centram no professor toda a importância de um transmissor, responsável por trazer os conteúdos a partir de seus apontamentos. Nos depoimentos, é possível perceber a admiração que se tinha pelo conhecimento transmitido pelas professoras. Nesse sentido, as professoras eram, de fato, autoridades sobre o tema que desenvolviam e explicavam.

O Colégio Santa Escolástica possui, para a maioria dos ex-alunos, uma aura de austeridade, silêncio, introspecção e reflexão. É comum, entretanto, encontrar nos depoimentos histórias de castigos em quartos escuros, quando os alunos ou alunas não cumpriam o regulamento. No acervo foi encontrado um regulamento, possivelmente da década de 1930 ou 1940. O documento possui nove páginas e um lembrete aos “vigilantes”, colado na contracapa. Possui 5 partes: Generalidades, Deveres da Professora Responsável no Ginásio, O Internato, Regulamento Obrigatório para todas as alunas do Ginásio Santa Escolástica. O regulamento era um guia de procedimentos que as religiosas adotavam para que as envolvidas na tarefa educativa tivessem um discurso e uma ação coerentes em relação às alunas e alunos. Na parte que corresponde às generalidades, encontram-se os procedimentos gerais de organização da escola; por exemplo, o número 1 traz essas instruções: “As mães que cuidam da portaria, devem tocar o sino. O 1º sinal às 7,25 hs. com o sino da casa no corredor e no quintal. Ao toque do 2º sinal, todas as Mães já devem estar na classe onde darão aula.” (REGULAMENTO, p. 4)

Os outros 5 artigos tratam de procedimentos sobre as filas, atrasos de alunas e as condições em que as alunas podem sair fora do horário. O artigo 6 trata do *castigar*, e possui nove subitens (designados como máximas), nos quais estão os procedimentos e aconselhamentos sobre o porquê e o modo de castigar. Na introdução dessa parte há a observação: “Todas as professoras queiram sempre lembrar as seguintes máximas: a) um castigo nunca deverá prejudicar a ordem geral ou a disciplina, nunca estorvar uma ou mais Irmãs na sua esfera de

trabalho.” (REGULAMENTO, p. 4) Entre os aconselhamentos está a máxima de que um castigo nunca deve ser feito na “excitação” e nunca mostrar “sarcasmo”, já que, no ímpeto, a tendência é a professora perder a autoridade. Não castigar com exercícios religiosos, pois orar jamais deve ser para a criança um castigo. As outras recomendações tratam de como proceder: não deixar as alunas castigadas nas salas de aula depois do período, já que nesse procedimento quem acabará sendo castigada é a professora que terá que ficar acompanhando a aluna. “O melhor, o mais ideal é restringir o castigo a um mínimo.” (REGULAMENTO, p. 8)

Do mesmo modo, deveria haver o ensino pelo exemplo: “No mais, deve cada professora considerar como dever seu, o não fazer ela mesma, ao menos não na presença das crianças, aquilo que ela apresentou às mesmas como proibido.” (REGULAMENTO, p. 9) As práticas ali contidas seriam vistas hoje como extremamente autoritárias. A rigorosidade das atitudes em relação à educação é um misto de cuidado excessivo e de responsabilidade por aqueles e aquelas que ficavam sob os cuidados das mães. A rigorosidade, no entanto, não significava que o controle era inteiramente mantido. As histórias dos escapes, nos relatos, também são notórias e engraçadas. A revista de 1955, ano do jubileu do Colégio, traz uma dessas histórias, aqui reproduzida por ilustrar os escapes que os alunos usavam para fugir da severidade das religiosas.

Entre as muitas peripécias da vida escolar no colégio, recordo-me de um castigo que recebi da Madre Ermentrudes ou Hildegardis (1925), que me levou arrastado para o célebre quarto escuro (que não mais existe) que era uma das sanções penais para os estudantes faltosos ao regulamento. Ali fiquei algumas horas. A madre bondosa, devido a suas múltiplas ocupações esqueceu-se do prisioneiro. E, quando à tardinha se lembrou, correu triste exclamando: “Coitado do Gualberto!” Abriu o quarto escuro. Qual não foi sua surpresa – estava vazio. Eu havia fugido, conseguindo abrir o trinco de 2 metros de altura com uma vassoura rodo. Alcançara a Igreja onde D. Adalberto rezava, e ganhara a rua gostosa, mas mentirosamente, pois, interpelado pelo bondoso padre, dissera-lhe que ia até minha casa buscar o lanche que havia esquecido. –Vai com Deus, meu filho, exclamou o piedoso padre. Dois dias perambulei pelas cercanias do colégio, até Lazineiro Ribeiro, enviado da paz da Madre, me levou para pedir perdão. E ela, como sempre – perdoou. Que Deus a tenha no seu santo reino, são as nossas preces... Dr. Gualberto Moreira (médico e ex-prefeito da cidade de Sorocaba. (REVISTA ORA ET LABORA, 1955, p. 36)



A relação do institucional com a comunidade pode ser extraída por ocasião das festividades e comemorações dos alunos que envolviam familiares. Há um vasto material imagético, que traz a participação do Colégio em desfiles cívicos, procissões e outros eventos com formaturas e primeira eucaristia. Há também os relatos das religiosas sobre a organização dessas celebrações. A relação entre a congregação mantenedora do Colégio com a sociedade sorocabana foi sempre cordial e discreta:

Publicamente o disciplinamento se materializava, quando, em procissões e desfiles, a ordem, a elegância e a disciplina das “meninas do colégio” eram vistas por todos com respeito e admiração. (...) Um certo “encantamento” envolveu muito tempo a prática educativa do Santa Escolástica” (BOSCHETTI, s/d, p. 6)

Relatam as irmãs:

Comemora-se até hoje a festa de Santa Escolástica. A 1ª eucaristia feita no Colégio. Vinham Beneditinos que também preparavam (Dom Engilberto, Dom Menoldo) Festa da Criança, dos Pais, das Mães, das Madres, da Páscoa, do Natal. Festa das ex-alunas. Hoje fazem dias de Carnaval, Formaturas (dos grandes com baile). O Sr. Bispo Dom Aguirre estava muitas vezes presente nas festividades da Comunidade. (IRMÃ CECÍLIA TORRES. Depoimento em 2013)

As formaturas muito bem preparadas pelas alunas e pelo colégio. Festejava-se a formatura do Curso Normal, do “Ginásio”, do “Primário” e do Jardim da Infância: todas com muita solenidade. Havia o “Dia das Madres”, 12 de setembro. Como todas as Irmãs tinham o nome de Maria (Maria Edmunda, Maria Tarcísia, etc) não era festejado pelas alunas o dia do nome (onomástico) mas fazia-se uma grande festa no dia de Maria. O Conservatório (Curso de Música (Piano) oferecia 2 festas por ano: canto (orfeão), danças, teatro, jograis, abertas a todos os convidados das alunas. Apreciadas! Havia, anualmente, exposição de trabalhos manuais (bordado especialmente) do Curso Primário e Ginásial incluindo os trabalhos das alunas internas. Muito apreciada. Nas festas de formatura eram convidados especiais, as autoridades da cidade. (IRMÃ MARIA ELVIRA. Depoimento em 2013)

O trabalho pedagógico desenvolvido nas primeiras décadas do século XX pelo Colégio permitiu um arcabouço de experiências em território sorocabano e brasileiro. As religiosas europeias que aqui se instalaram tinham um valioso

cabedal de conhecimento em relação ao fazer educativo europeu. No entanto, precisaram adaptar-se às circunstâncias locais a partir de seus princípios e toda essa experiência tornou-se uma “pedagogia total” – que serviria de base para a renovação constante através do tempo.

Síntese de uma pedagogia total, compreendendo diversos eixos (do local ao universal; do pessoal/individual ao grupal/comunitário; do formativo ao (in) formativo; do agente ao sujeito, pela interação; da investigação e da ação; do normativo ao espontâneo; do currículo rígido ao currículo aberto; de uma norma a uma ética e a uma estética de reflexão e de ação; da transmissão pedagógica à (re)criação, estética de recepção e fruição, apropriação), que a pedagogia institucional representa uma via de renovação fundamental. (MAGALHÃES, 2004, p. 52)

Entre 1905 e 1950, a institucionalização do Colégio Santa Escolástica foi sendo construída em função de circunstâncias históricas que as religiosas encontraram e promoveram. Ao se instalar na cidade no começo do século XX, revitalizaram elas o vínculo que Sorocaba possuía com a ordem beneditina desde a fundação, no século XVII. A presença das missionárias em Sorocaba permitiu que a instituição escolar se organizasse a partir de fundamentos elaborados há pelo menos quinze séculos, já que as religiosas representavam instituições que se ligavam ao campo educativo havia centenas de anos. A consciência do legado que carregavam e a missão que deveriam cumprir para que o mesmo se concretizasse no espaço brasileiro e sorocabano foram fecundas e promissoras. Passados os primeiros anos de dificuldade, e a partir do apoio do clero e da sociedade sorocabana, as religiosas de Tutzing erigiram uma autêntica e duradoura instituição escolar: o Colégio Santa Escolástica. Durante as primeiras décadas, a escola foi adquirindo as características que compuseram sua identidade (*escola das madres, escola das meninas*) para chegar ao século XXI como *escola tradicional*.

Ao longo dos primeiros cinquenta anos, atendeu modalidades diversas: internato, semi-internato, jardim de infância, primário, escola de comércio, ginásio e curso de normal. Educou mulheres operárias, mulheres domésticas, meninas carentes e, indistintamente, meninos e meninas. Seres humanos de um tempo para um tempo. O Colégio assistiu a todas as inovações pelas quais o campo

educativo brasileiro passou no século XX, e adaptou-se a elas, legal e institucionalmente. Mas, segue defendendo alguns princípios da pedagogia tradicional, principalmente o ideal formativo de que a educação deve ser um meio para que os homens possam viver em plenitude. Eis aí um ideal ainda fortemente presente. Efetivamente, em uma das entrevistas realizadas, observamos à entrevistada que o Colégio Santa Escolástica impressiona hoje por ter conseguido permanecer ativo, com um número grande de alunos, e ter resistido à concorrência de escolas modernas, com forte apelo de mídia. Irmã Cecília refletiu e, em seguida, fez uma síntese do trabalho das missionárias em Sorocaba:

A Educação existe para formar os seres humanos em sua plenitude, ela deve ocupar-se da verdade científica e dos valores humanísticos que fortaleçam a ética e a bondade. Todo o resto virá às pessoas se elas acreditarem que podem fazer o bem usando a ciência como caminho para transformar o mundo num lugar melhor, para construir a obra divina, é nesse trabalho que está a força e o alicerce das religiosas que sempre cuidaram do Colégio. (IRMÃ CECÍLIA TORRES, Depoimento em 2013)

Do ponto de vista ideológico prevalece a busca pelo desenvolvimento integral preparando-se integralmente o educando. Diferenciais principais: tradição e formação moral. O Colégio Santa Escolástica tem uma identidade construída historicamente a partir de uma condição filosófica estruturada numa base conservadora que estabelece o diálogo com as circunstâncias contemporâneas realizando o trabalho educativo para aqueles que procuram pela formação institucional.

Os princípios humanistas cristãos fazem parte da identidade histórica institucional por ação dos sujeitos que tornam possível articular esses fundamentos no trabalho educativo empreendido pelo Colégio Santa Escolástica, escola que representa a tradição beneditina em educar.



Fig. 9
Acervo do Colégio Santa Escolástica (sem data)

Nos desfiles cívicos do sete de setembro pelas ruas centrais da cidade as “meninas” do Colégio Santa Escolástica eram sempre esperadas. A organização e a disciplina eram características apreciadas por aqueles que assistiam aos desfiles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições escolares representam o ensejo, os ideais, o projeto de pessoas que, há um tempo e diante de determinadas circunstâncias, erigiram um lugar para desenvolver seu projeto educativo. No caso do Colégio Santa Escolástica, a ação originária de sua história foi e continua sendo realizada por uma comunidade de religiosas beneditinas. Ao nos aproximarmos da materialidade do objeto – o Colégio –, inúmeros caminhos poderiam ser trilhados para construir a narrativa de sua história. No entanto, havia algumas representações sociais que condicionavam e compunham a identidade institucional: *colégio feminino, escola das madres, escola tradicional*.

O Colégio Santa Escolástica sempre atendeu a um número grande de meninos, mas nas décadas iniciais de sua existência a escola atendia a uma maioria de meninas (havia ainda a modalidade de internato, no qual apenas as mulheres eram recebidas). Quanto à *escola das madres*, essa característica ainda é mantida, mas pouquíssimas religiosas participam das atividades escolares, diferente dos primeiros tempos em que todas as atividades eram executadas por religiosas. O número reduzido de freiras faz com que, na maioria das vezes, elas estejam nos bastidores institucionais, desempenhando funções administrativas. O arquétipo de escola tradicional, no entanto, é uma permanência que fundamenta as representações sociais e se apresenta como qualidade central na contemporaneidade institucional.

A tradição, segundo Hobsbawn e Ranger (1984), inventou-se em algum lugar do passado, e segue sendo referente desde que isso seja fundamental para os padrões e valores contemporâneos. Isso, no entanto, não é uma circunstância da instituição investigada. A modernidade se fez atual desde a fundação da escola em 1905. Por que uma instituição escolar assimila na modernidade a qualidade de ser tradicional? Confrontando os aspectos que a modernidade oferece ao período em que a pesquisa se apropria do objeto, de 1905 a 1950, é possível compreender que as religiosas tinham, num primeiro momento, o compromisso missionário beneditino de organizar no espaço sorocabano um priorado da congregação. As percepções sobre as necessidades locais e o auxílio

do clero, naquele momento, levaram à fundação da escola. Para alguns estudiosos da história da educação em Sorocaba o feito das religiosas, de alguma forma, liga-se às estratégias da Igreja Católica para fortalecer-se diante dos avanços da modernidade capitalista. Na perspectiva das fontes, o exercício missionário e religioso foi o fundamento do trabalho de institucionalização do priorado e da instituição escolar.

A investigação foi, aos poucos, delineando apropriações que remetiam ao passado. A Congregação das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing, fundadora do Colégio Santa Escolástica, é parte de uma ordem religiosa medieval. A ordem de São Bento surgiu no século VI e todos os beneditinos e beneditinas seguem sua regra, elaborada por Bento. Em seu desenvolvimento histórico, a ordem beneditina se apropriou do conhecimento antigo clássico, preservando-o, aprendendo com ele e a partir dele desenvolvendo as chamadas *artes liberais*, uma pedagogia que, num primeiro momento, serviu de base para as escolas monacais. Mas, a expansão do formato educativo ali fundamentado influenciou toda a história da educação ocidental, repercutindo no ensino e na aprendizagem de toda uma civilização.

Por paradoxal que possa parecer, o passado é uma perspectiva que fundamenta e dá sentido ao fazer educativo das religiosas, projetando a tradição que o Colégio Santa Escolástica emana. Essa projeção é encontrada em inúmeras formas: nos símbolos que remetem ao passado, imagens dos santos que compõem a decoração do ambiente escolar, a presença das religiosas com suas vestimentas. A organização da vida escolar, como se observou, experimentou toda uma rigidez em torno dos horários e a exigência de comprometimento com os estudos. O regulamento da vida beneditina se faz sentir nas situações escolares. O espírito de cultura trazido pelos princípios beneditinos norteia o trabalho educativo ali efetivado: "(...) desenvolvimento do combate à mediocridade, do clima sério de trabalho, da competência de cada educador, do aprofundamento de todos os aspectos do ser humano: físico, afetivo, intelectual, social e religioso." (BOSCHETTI, s/d, p. 7).

As evidências dos princípios beneditinos, no período investigado, se apresentam em muitos aspectos nos depoimentos das freiras e nas referências encontradas nas fontes. A institucionalização se efetiva na modernidade, se

relaciona com o contexto, mas estabelece um diálogo restrito e conservador com as inovações e articulações propostas pelo novo. Uma das características da modernidade é a das *descontinuidades* (GIDDENS, 1991), rupturas, incertezas e superficialidade. A consciência da tradição explica essa postura em cuidar e reverenciar elementos do passado diante de circunstâncias históricas nas quais as concepções e os princípios valorativos estão sendo questionados.

Entre 1905 e 1950, o Colégio manteve as características de ensino baseadas na concepção pedagógica tradicional. As alterações e mudanças no ambiente escolar foram de organização de cursos e modalidades, adequando o atendimento segundo as normatizações do Estado brasileiro e as demandas da cidade de Sorocaba. Manteve desde sempre o curso primário, atendeu às modalidades de semi-internato (até 1940) e internato para meninas. A partir de 1910, criou o curso de música. A partir de 1911, instituiu o Externato São Miguel (noturno e diurno), destinado ao ensino gratuito de mulheres e meninas carentes. Em 1914, organizou o atendimento ao jardim de infância. Em 1918, obteve o registro no cadastro de escolas particulares. Entre 1924 e 1934, manteve uma escola de comércio. A partir de 1934, criou o ginásio para meninas, e, em 1944, organizou a escola normal.

Durante esse tempo, o número de matriculados cresceu ano após ano, o que deixa evidente que o projeto institucional das religiosas alemãs, em que pese a quaisquer críticas ao conservadorismo e rigorosidade, atendia aos interesses e ideais formativos daqueles que procuravam pelo trabalho educativo da escola. A modernidade trouxe essas alterações de ordem organizacional, mas o sentido e os valores essenciais da formação humanista cristã se mantiveram. Os argumentos da Pedagogia Renovadora, difundidos nas décadas de 1920 e 1930, em muitos aspectos talvez tenham sido posteriormente assimilados, mas a ação formativa continua defendendo a tradição humanista cristã. Esta, vale recordar, possui uma finalidade moral de salvação, ou como diria Saviani (2008), pautada por uma finalidade sobrenatural.

Os métodos e práticas pedagógicas tradicionais que apoiaram as religiosas em seu fazer educativo colocavam no centro da relação educativa a professora (religiosa), que tinha a responsabilidade de transmitir o conteúdo, o conhecimento elaborado e constitutivo das ciências (formalizadas no passado). A visão sobre as

crianças é a de que elas representavam o novo e deveriam ser progressivamente preparadas para o enfrentamento posterior, para o mundo que herdariam. Diferente das propostas atuais, em que se defende que as crianças tenham um mundo próprio, a concepção da educação tradicional propõe que as crianças herdam um mundo das gerações passadas. Por essa razão, cabe às gerações de adultos apresentar seu mundo a elas, e cuidar moralmente, com grande zelo, de seus anos formativos, munindo-as de condições de realizar o novo – o novo mundo. Essa consciência sobre a responsabilidade do devir perde-se em algum momento das novas propostas pedagógicas. O professor, no método tradicional, é o responsável por transmitir o que foi elaborado no passado sob o crivo da ciência e da moral. A teoria é a base do ensino, e o professor deve saber o que ensina (deve ter autoridade sobre o assunto que terá de desenvolver). Nas modernas pedagogias a aprendizagem, o fazer, deve ser privilegiado pelo professor que pode ensinar qualquer coisa: “Sob influência da psicologia moderna e das doutrinas pragmáticas, a pedagogia tornou-se uma ciência do ensino em geral, ao ponto de se desligar completamente da matéria a ensinar.” (ARENDT, 1957, p. 6).

Para a pedagogia tradicional, cabe à educação transmitir o conhecimento científico já existente, e nesse sentido privilegiar o ensino, a transmissão do saber. Para as pedagogias novas e modernizantes, é mais importante que o educando adquira o método científico, apropriando-se do mecanismo do fazer. As duas formas de realizar o ato educativo se relacionam a contextos diferentes. A pedagogia tradicional traz para a educação a formação humanista, que reconhece o valor do passado, conservando-o. Ao longo da modernidade, essa visão formativa foi desvalorizada intencionalmente, para que o novo pudesse realizar seu projeto. O legado das propostas pragmáticas, diferente da concepção tradicional, fundamenta-se na aprendizagem contínua, permanente a partir de um presente fragmentado sem a reponsabilidade de deixar um legado e sem finalidade aparente.

O contato com as religiosas permitiu o encontro no presente com as memórias do passado. As impressões ao ler o que as religiosas relataram sobre o tempo em que foram alunas, sobre a educação, sobre os princípios filosóficos do humanismo cristão e sobre a regra beneditina, permitem compreender que elas

estão a serviço de uma causa maior que a educação. As condições do passado e a consciência do peso da tradição são vividas. Não há qualquer sinal de vaidade nesse legado do cristianismo e da ordem beneditina. As religiosas, ao tratar do Colégio, sabem dos limites institucionais e temporais. A consciência temporal sempre chama a atenção, talvez em função dos costumes e obrigações que a regra beneditina impõe à vida religiosa.

É perceptível que o trabalho e a oração são conjugados e fundamentais; mas cada coisa a seu tempo, e com um propósito missionário. A declaração de irmã Hilde aproxima-se da síntese missionária beneditina sobre o trabalho educativo: “Com paciência, despertamos os talentos escondidos, conduzindo-os progressiva e constantemente a uma autonomia. Como educadoras da fé, estamos dispostas a nos retirarmos, no tempo devido” (IRMÃ HILDE MARTIN, Depoimento em 2014).

A educação deve oferecer conhecimento às pessoas, deve ser *integral*, como tantas vezes irmã Cecília recordou, oferecendo conhecimento intelectual e moral, para que, quando deixarem a escola, as pessoas consigam ter autonomia diante do mundo. O peso da tradição se revela aí, pois a responsabilidade pela formação integral das pessoas é um compromisso do trabalho educativo e missionário beneditino. Não há nostalgia em relação a esse fazer educativo: em determinado momento os alunos devem seguir sozinhos e a escola deve prepará-los para tal.

A concepção educacional das religiosas de Tutzing traz um respeito profundo pelo passado e uma responsabilidade no tratamento com o educando – traços conservadores que foram espontaneamente acolhidos pela cidade de Sorocaba, favorecendo a defesa de uma postura tradicional em relação ao trabalho educativo. O passado não tem a mesma importância para as concepções atuais em educação, e a tradição é vista, muitas vezes, como uma condição inadequada para a modernidade. Hannah Arendt trata dessa questão ao analisar, num texto de 1957, a crise da educação nos EUA.

A verdadeira dificuldade da educação moderna reside, pois, no facto de, para lá de todas as considerações da moda sobre um novo conservadorismo, ser hoje extremamente difícil garantir esse mínimo de conservação e de atitude de conservação, sem a qual a educação não é simplesmente possível. E há boas razões para

isso. A crise de autoridade na educação está intimamente ligada com a crise da tradição, isto é, com a crise da nossa atitude face a tudo o que é passado. Para o educador, este aspecto é especialmente difícil, uma vez que é a ele que compete estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige de si um extraordinário respeito pelo passado. (ARENDT, 1957, p. 12)

O monumento que a ordem beneditina vem construindo há quinze séculos, por obra de pessoas, incluindo o trabalho das religiosas em Sorocaba, foi chamado pelos contemporâneos e estudiosos do campo educativo de *tradicional*. No âmbito acadêmico, essa conceituação pode ser vista como uma crítica à educação conservadora que a Igreja Católica, com seu poder, imprimiu por muitos séculos. O cristianismo, como bem expressa Franco Cambi (1999) realizou uma “revolução” educativa através das pessoas que acreditaram em seu projeto e fomentaram outros tantos. O projeto educativo cristão deu as bases para a criação da Europa e contribuiu significativamente com a cultura da civilização ocidental. É esse monumento que recebe o nome de tradição. No centro dessa tradição encontram-se os elementos constitutivos de uma finalidade formativa que tem como pressuposto a visão universal de homem, conservadora e sobrenatural. Mas, uma finalidade que segue orientando o desejo de construção de um mundo que possa efetivamente cuidar das novas gerações, resgatando o ideal clássico encontrado na síntese de Políbio (geógrafo e historiador grego), de que educar é permitir que se seja digno dos antepassados.





Figura 10 – Vista parcial interna do Colégio Santa Escolástica
Acervo digital da instituição

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. *Memória Histórica Sobre Sorocaba (ii)*. Separata do nº 61 da Revista histórica. São Paulo: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba. 1965.
- ALMEIDA, V.S.; *Educação em Hannah Arendt. Entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ANAIS DO PRIORADO DE SOROCABA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS BENEDITINAS MISSIONÁRIAS DE TUTZING EM SOROCABA. Livro 1, 1927-1990.
- ARENDT, Hannah. *A Crise na Educação*. (1957). Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOSCHETTI, V. R. *Ora Et Labora: A educação feminina em Sorocaba na perspectiva beneditina*. Texto digital disponível: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo04/V%C3%83%C6%92%C3%82%C2%A2nia%20Regina%20Boschetti%20-%20Texto.pdf> Acesso em dezembro de 2016.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHRUN, S.G.L. *Formação de Professores da Educação Infantil do Paraná: Políticas e Legislações Educacionais (1961-1996)*. Dissertação Mestrado em Educação. Universidade Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.
- CONDE, Antonio Linage. *Os Beneditinos e sua História*. Madrid, 07/04/1998. Documento disponível em: <http://www.hottopos.com/notand2/linage.htm>. Acesso em dezembro de 2016.
- DEL PRIORE, M. *A Mulher na História do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.
- DEL PRIORE, M. (org.); *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2012.

- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GILES, T.R. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.
- GIOVANNINI, L.; SGARBOSSA, M. *Um Santo para Cada Dia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- GOMES, C. S. *Mulheres Plurais: A Educação Feminina à Luz da Missão Educativa da Igreja Católica*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.
- HOBSBAWN, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.
- LARROYO, F. *História Geral da Pedagogia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.
- LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Athayde). *Humanismo Pedagógico*. Estudos de Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: Stella Editora, 1944.
- MAGALHÃES, J. P. *Tecendo Nexos – História das Instituições Educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MAGNO, São Gregório. *Vida e Milagres de São Bento*. Livro Segundo dos Diálogos. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1977.
- MANOEL, I. A. *Igreja e Educação Feminina 1859-1919*. Uma Face do Conservadorismo. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- MARITAIN, J. *Humanismo Integral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.
- _____. *Rumos da Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968.
- MENON, O. N. *A Educação Escolarizada em Sorocaba Entre o Império e a República*. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.
- NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1974.
- NASCIMENTO, Maria I. Moura et alii. (orgs.) *Instituições Escolares no Brasil – conceito e reconstrução histórica*. Campinas, 2007 Autores Associados.
- NUNES, Rui Afonso da C. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

- PINSK, Jaime; BASSANEZI, Carla. (org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- REGRA DE SÃO BENTO. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.
- REGRA DE SÃO BENTO. Juiz de Fora: Mosteiro de Santa Cruz, 1997.
- REGULAMENTO. Sorocaba: Colégio Santa Escolástica, s/d.
- REVISTA ORA ET LABORA (1905-1955). Sorocaba: Colégio Santa Escolástica, 1955.
- REVISTA BENEDITINAS PARA A MISSÃO (1885-1985). Sorocaba: Priorado de Sorocaba das Congregação das Irmãs Missionários de Tutzing, 1985.
- RIBEIRO NETO, F. B. *O Humanismo Cristão no Século XXI*. São Paulo: PUC, 2016.
- SAVIANI, Demerval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, Demerval. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*. 2006. Texto digital disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_036.html
- SEVERINO, Antônio J. *A Busca do Sentido da Formação Humana: Tarefa da Filosofia da Educação*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030/29828>.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1975.
- ZAMBONI, F. *Contra a Escola*. Ensaio sobre literatura, ensino e Educação Liberal. Campinas: Vide Editorial, 2016.
- ZAMITH, D. Joaquim OSB. *São Bento e sua Regra*. Considerações Introdutórias. Revista Cult. Disponível em: <http://www.estudosmonasticos.com.br/percurso-da-vida-crista-e-monastica/percurso-monastico-beneditino/comentarios-da-regra-de-sao-bento-livros/190-sao-bento-e-sua-regra-consideracoes-introdutorias--dom-joaquim-osb.html>, Acesso em dezembro de 2016.

Anexo A – Frisa Temporal



Beneditas Missionárias de Tutzing

Lei imperial assinada por D. Pedro II proibia a entrada de noviços nas ordens religiosas e a vinda de religiosos estrangeiros para o Brasil.

Em Sorocaba, com a morte do último monge beneditino Frei Barauna, em 1893, cerraram-se as portas do Mosteiro de São Bento, por 20 anos.

Com a proclamação da República foi suspensa a lei imperial. Dom Gerardo von Caloen, Bispo Titular de Fócea, Abade da Abadia Nullius de Monte Serrat no Rio de Janeiro e Prelado do Rio Branco, Amazonas – hoje Roraima – fez vir de Tutzing, Baviera – Alemanha – as Beneditas Missionárias, que se estabeleceram em Pernambuco em 1903. Lutaram com sérias dificuldades financeiras. D. Miguel Kruse, prior em S.P., ofereceu-lhes, então, o Mosteiro em Sorocaba, para a fundação de uma escola.

A 28 de setembro, a Priora Geral, Madre Birgitta Korff, a priora Me. Alfonsa Kellenberger e Me. Lioba Schledorn foram festivamente recebidas em Sorocaba. Hospedaram-se numa casa fronteiriça ao S. Bento. Alojaram-se depois na residência da Família Vergueiro, à Praça Frei Barauna. A nova fundação teve ampla assistência do Pe. Luiz Augusto Scicluna, capelão de S. Clara.

- S. Escolástica conta com 13 Irmãs.
- Chega a Sorocaba como Priora Me. Plácida.
- A 10 de outubro, graças aos esforços do Pe. Scicluna, procedidos os necessários reparos, as Irmãs estabelecem-se no Mosteiro de S. Bento.

A 1º de agosto, com 10 alunos, abre-se a nova escola (curso primário), graças a propaganda feita por D. Adalberto Swiersen, OSB

D. Miguel Kruse, recém eleito Abade de S. Paulo, auxilia as Irmãs na compra do antigo solar dos Lopes de Oliveira no Largo do Rosário. Tendo sido Colégio Diocesano viveu, em 1900, como hospital, dias de grande luto, no surto da febre amarela. Com os P. Agostinianos tornou-se Colégio N.S. da Consolação. No tempo do Cardeal Leme, teólogo, e de D. Aguirre, seminarista, foi casa de férias do Seminário Maior de S. P.

4 de julho. As Irmãs mudam-se para o Largo do Rosário, recebidas com ruidosa alegria. Na igreja sem banco somente caiada, havia 2 imagens de N. Sra.: a da Consolação (atualmente no Capítulo) e a do Rosário (hoje na nova igreja). O coro era inatingível. Na noite de 31 de dezembro as Irmãs surpreenderam-se com a presença de índios no Largo. Era costume virem, neste dia, saudar com suas danças as autoridades locais.

A crônica deste ano refere-se sentidamente à abstenção da Eucaristia por semanas inteiras. Por vezes, suportavam o pesado jejum de então, até às 11h para poderem comungar.

Grave crise financeira põe em risco a nova fundação. Irmã Melânia Vollmer vem de sua Mãe com a finalidade de fechar a casa. Muita oração e vontade expressa de Deus bastaram a plantinha a fenececer.

Fundação do Noviciado.

Grandeção da Ir. Henrique deste. A cidade i

Fundação do Curso de Música.

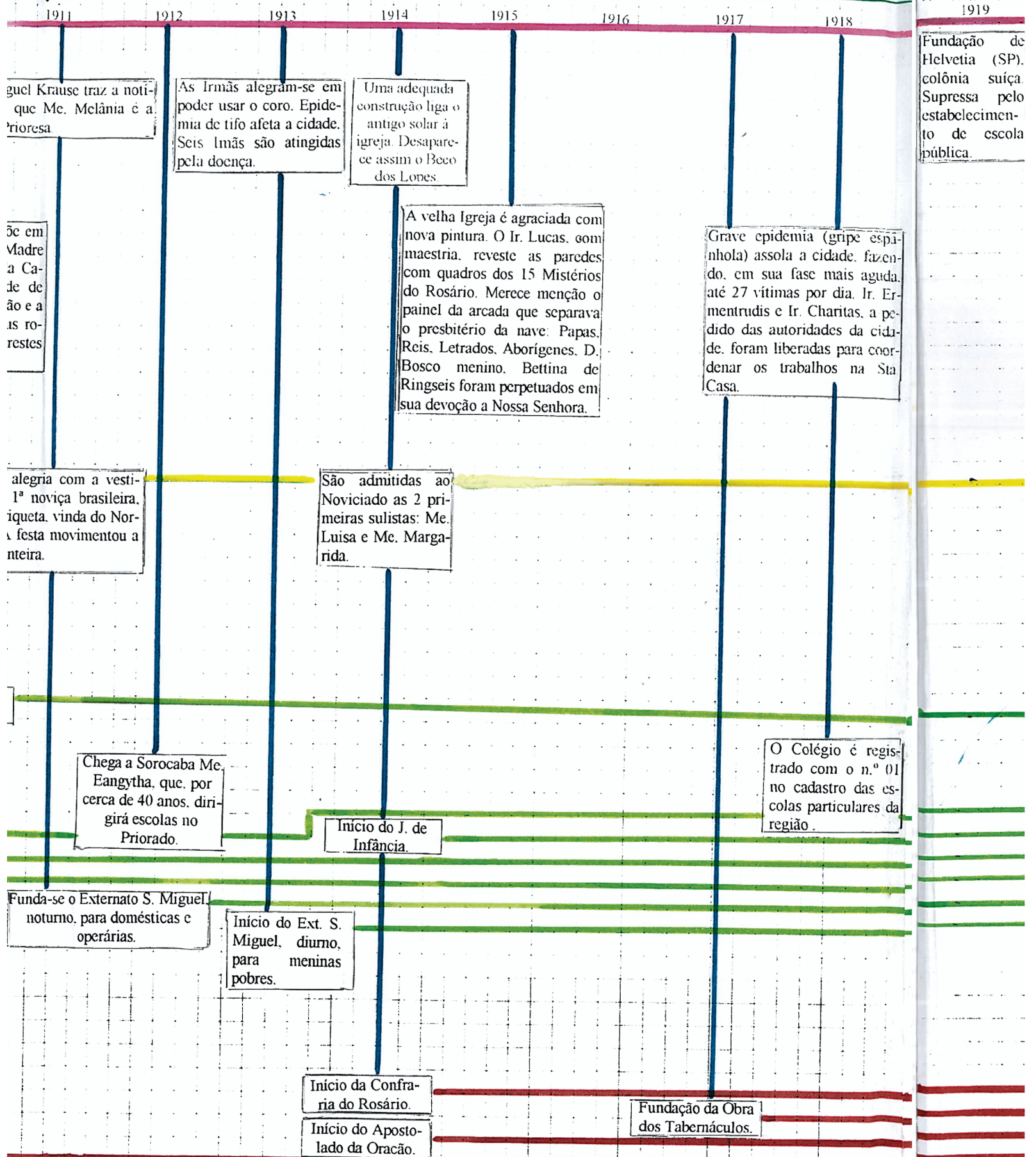
Funda-se o Internato e o Semi-internato

Funda-se a Congregação Mariana

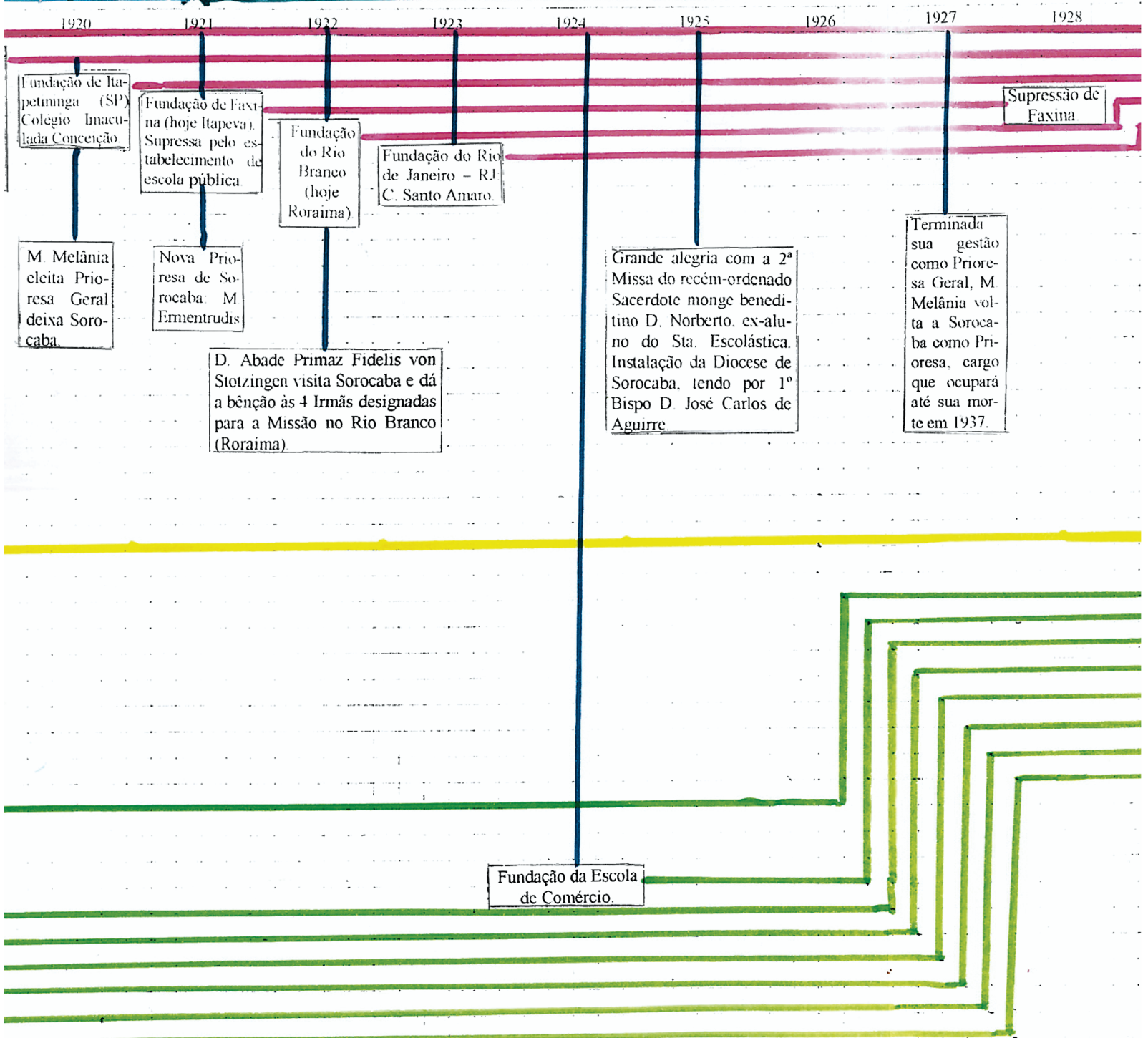
Casa do Priorado de Sorocaba

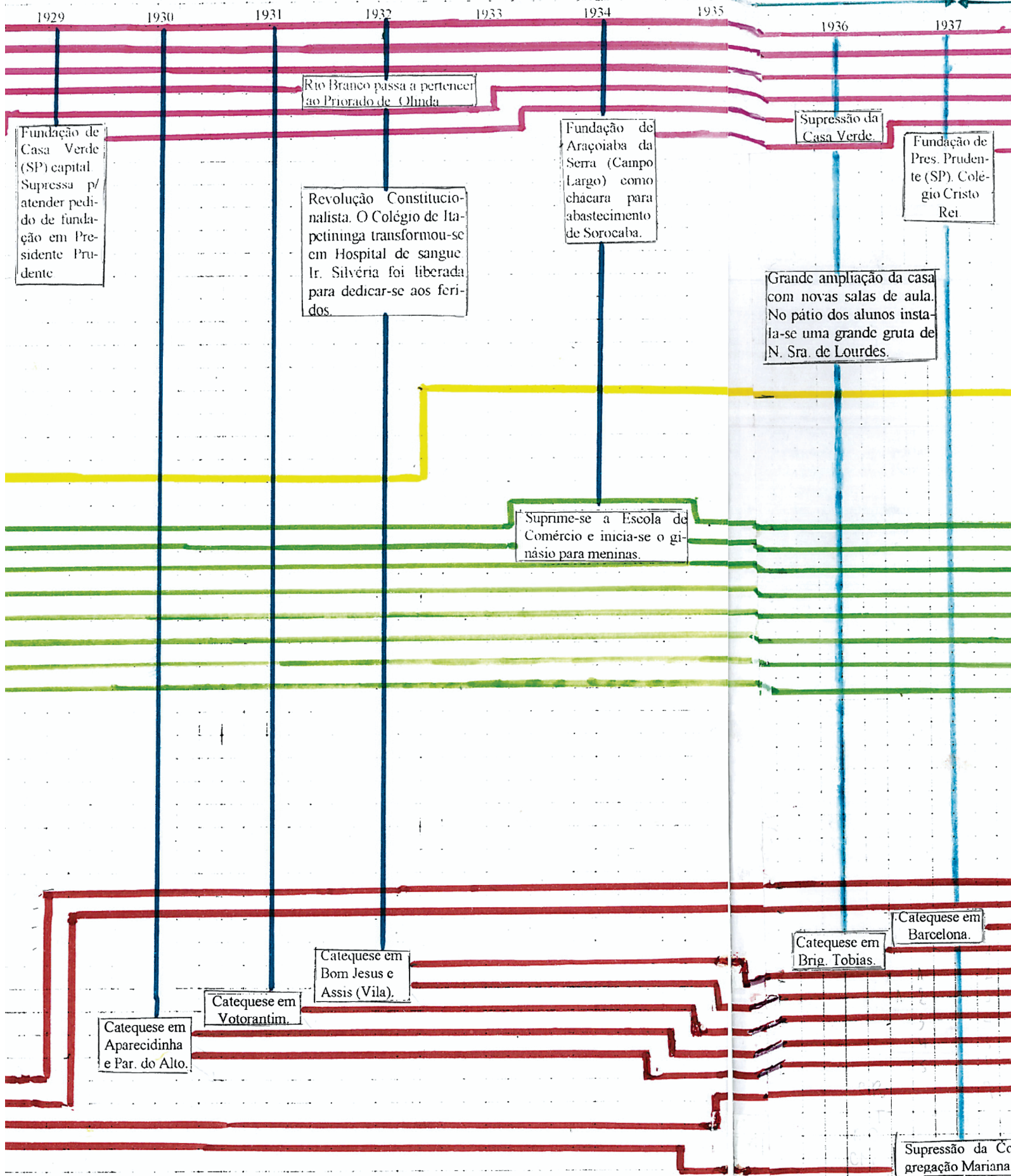
De 1905 a 2000

Prezada Aparecida
Não me preocupei em fazer uma coisa bonita, mas, algo que provavelmente lhe vai ajudar em suas formações.
Abraço de
J. Magalhães



Gestão de Madre Ermentruds Hellman





Gestão de Madre Estefania Gaechter

Gestão de Madre Hedwig Peltz

1938

1939

1940

1941

1942

1943

1944

1945

1946

Supressão de
Helvecia

Fundação do Ju-
venato

Fundação da Escola
Normal.

Supressão do
semi-internato.

Assistência espiritual ao Asilo
dos Velhinhos

Início dos Centros da Ação
Católica.

Catequese na
Catedral.

Gestão de Madre Blandina Koller

Gestão de Madre Fidelis Fröhli

1947 1948 1949 1950 1951 1953 1954 1955 1956

Fundação de Seara (SC) para assistência a Seminário Menor. Supressa para fundação de Peritiba.

Supressão de Seara. Fundação de Peritiba (SC) - e Regina Páeis para Assistência a Seminário Menor Hospital.

Emissão da 1ª Irmã brasileira para a África: Cristina.

Entrega da Catequese Tobias a

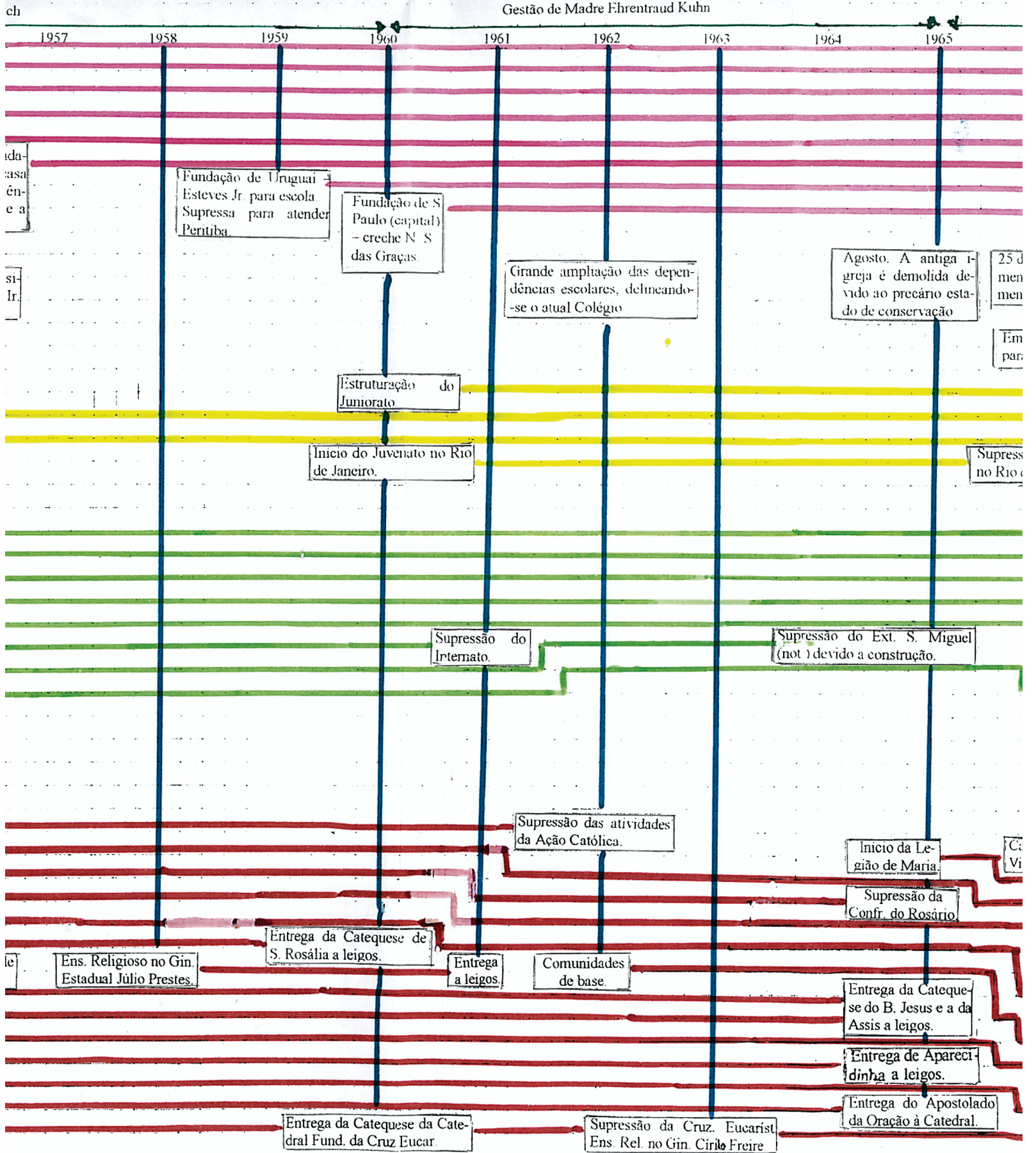
Catequese em Sta. Rosália e em Sta. Rita.

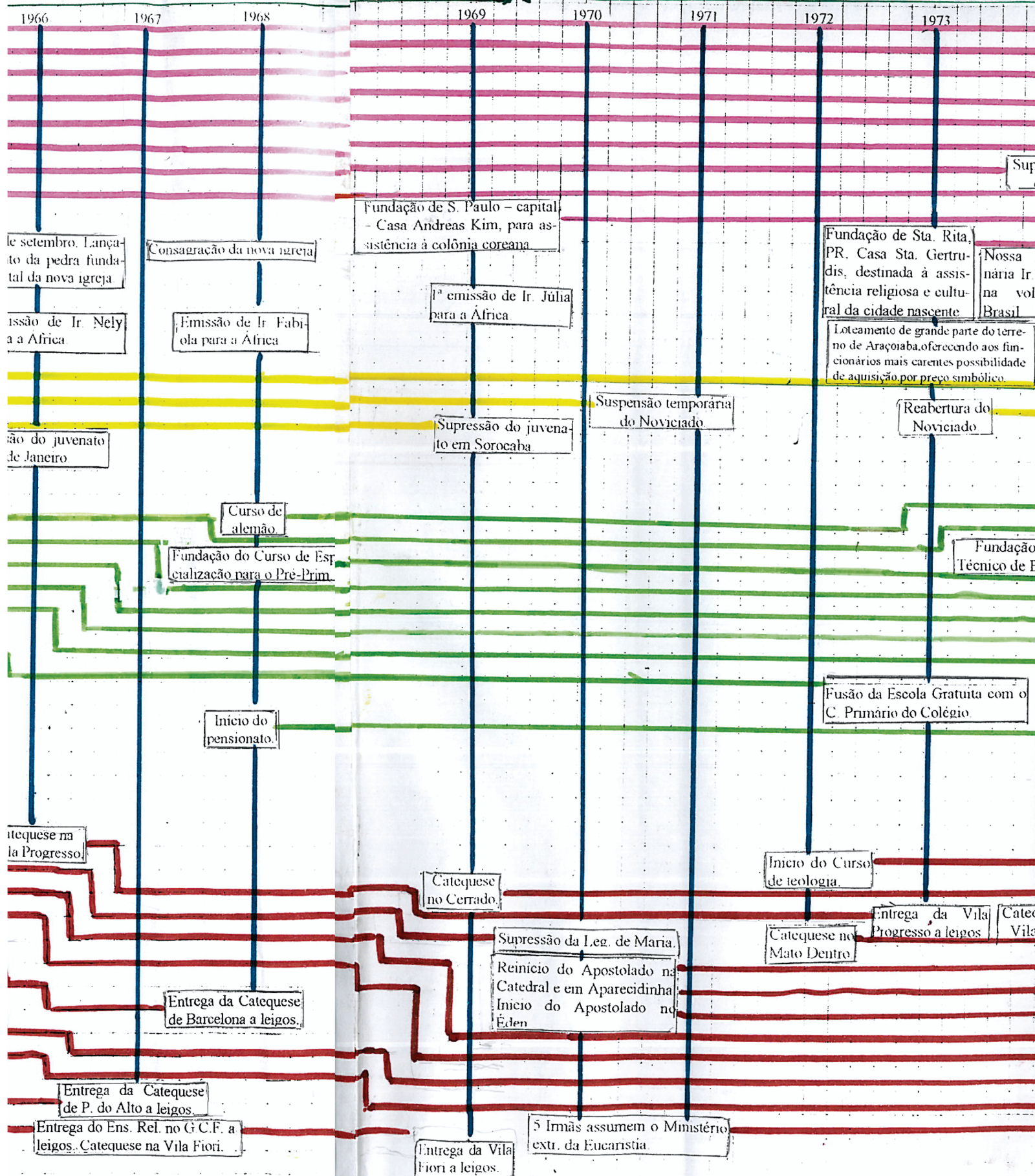
Entrega da catequese d Sta. Rita a leigos.

Entrega da Catequese de Votor a outras Relig.

Assistência espiritual aos encarcerados.

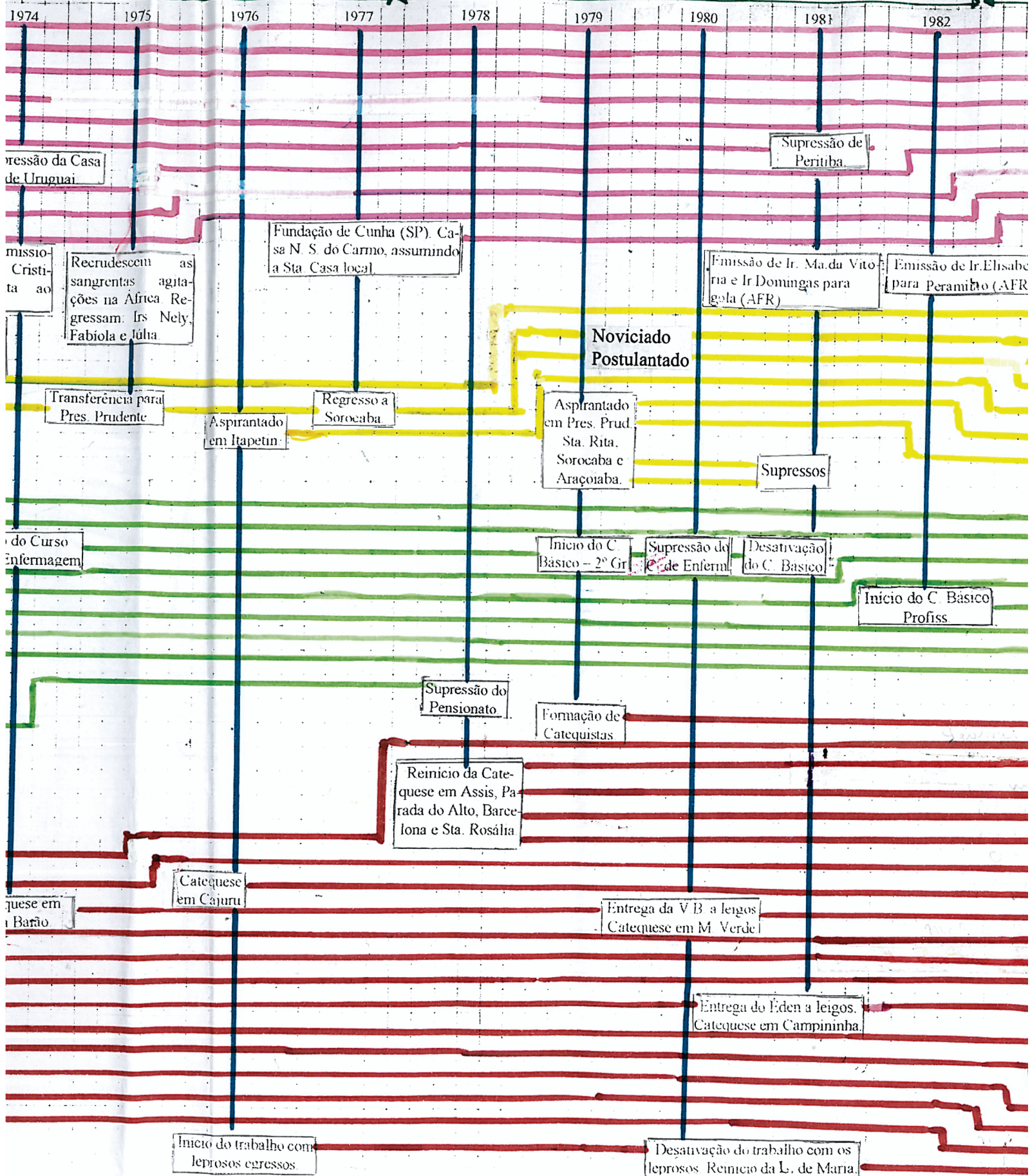
Gestão de Madre Ehrentraud Kuhn



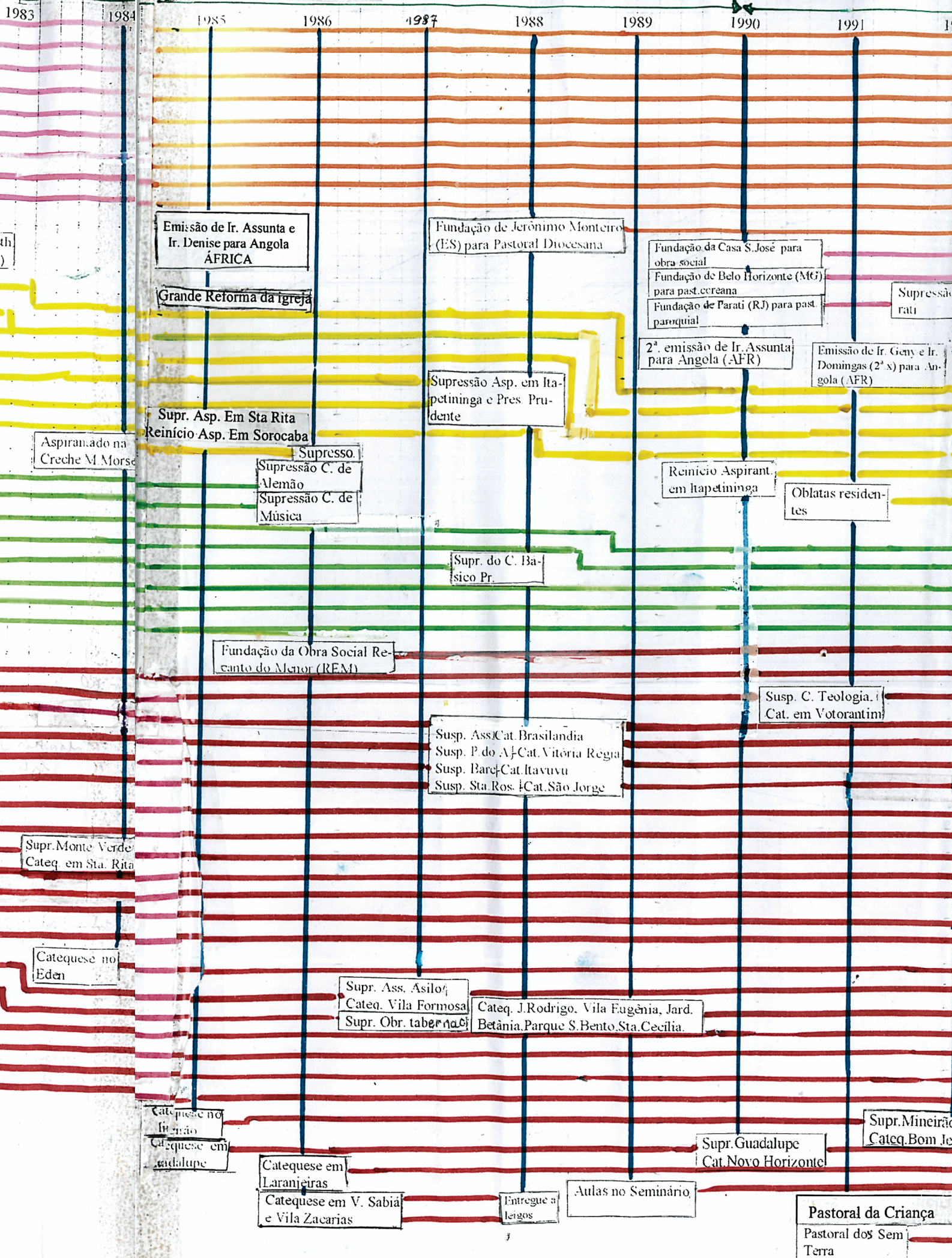


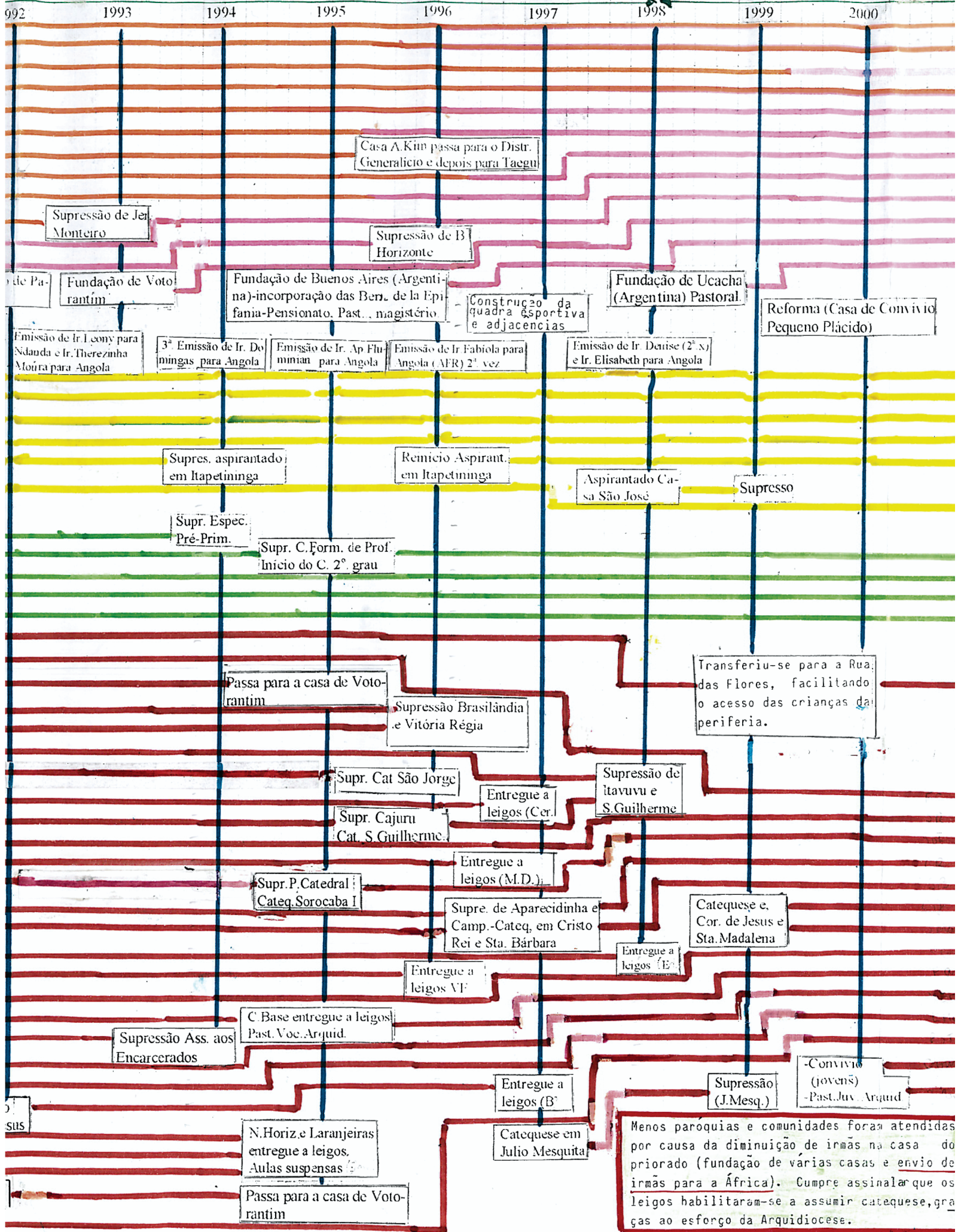
armo de Sant Anna

Gestão de Madre Judith Bassim



Gestão de Madre Elisabeth Busbach





2001	2002	2003	2004	2005	2006	Gestão de Madre Iracema Gomes da Silva
SOROCABA		16 Irmãs, 05 Jun., Novigas, Post. - (Atividades: vide abaixo), Oblatos				
ITAPETININGA		15 Irmãs - Pré-Esc., 1º grau, Ens. Médio, Casa de Prom. (Obr Soc), Apost. Oblatos				
RIO DE JANEIRO		17 Irmãs - Pré-Esc., 1º grau, Ed. Jovens e Adultos (Obra Social), Apost. Ens. Médio				
ARAÇOIABA DA SERRA		05 Irmãs, 01 Oblata res. - Hospedaria, Apostulado, Oblatos				
PRESIDENTE PRUDENTE		10 Irmãs, 01 Jun. - Pré-Esc., 1º grau, Ens. Médio, C da Criança (Obr Soc), Apost. Obl.				
CRECHE MARIETA MORSE		06 Irmãs, 01 Jun., 01 Oblata res. - Creche, Maternal, Apostulado				
SANTA RITA D'OESTE		05 Irmãs - Pré-Esc., Apost. Escolar, Apost. Paroquial, Posto de Saúde				
CUNHA		06 Irmãs - Hospital, Pastoral da Criança (Obra Social), Apostulado				
CASA SÃO JOSÉ - S.P.		05 Irmãs - Recanto da Criança (Obra Social), Apostulado, Magistério				
VOTORANTIM		04 Irmãs - Pastoral Paroquial, Pastoral da Saúde, Apostulado				
BUENOS AIRES (Argent)		05 Irmãs - Pensionato, Cursos de Aprof. Teológico-Bíblico-Litúrgico, Pastoral				
UCACHA (Argentina)		03 Irmãs - Pastoral Paroquial, Pastoral da Saúde, Apostulado				

A estatística reflete a situação do Priorado até o ano de 2000.

A partir de 2006 dirige o Priorado Madre Iracema Gomes da Silva, reeleita em fins de 2010.

Em 2002 foi fundada a casa de Los Toldos na Argentina e supressa a de Ucacha.

Juniorato

Noviciado

Postulantado

Aspirantado em Sorocaba

Aspirantado em Itapetininga

Oblatas Residentes

Ensino Médio (antigo 2º grau)

Ensino Fund.de 1º grau-5ª a 8ª série

Ensino Fund.de 1º grau-CA, 1ª a 4ª série

Pré-Escola

REM (Recanto Esperança do Menor)-Obra Social

Formação de Catequistas

Catequese em Santa Rita

Catequese em Sorocaba I

Catequese em Cristo Rei

Catequese em Santa Bárbara

Catequese em Coração de Jesus

Catequese em Santa Madalena

Catequese em Santa Cecília

Pastoral Vocacional Arquidiocesana

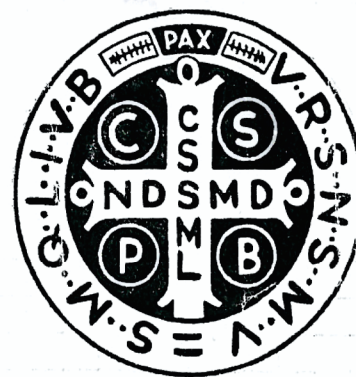
Ministério Extraordinário da Eucaristia

Legião de Maria

Pastoral dos Sem Terra

Casa de Convívio (para jovens)

Pastoral da Juventude-Arquidiocesana



Apostulado externo que engloba catequese e promoção humana em larga escala.

Ir Walburga para Roma

Ir. Anita para Roma e Portugal

Ir. Aparecida Crepaldi para Roma

Ir Maria José para Roma e Portugal

Ir Clara para Roma

Ir Rosa Maria para Portugal e Bulgária

Ir Iraci para Alemanha

Outras emissões posteriores: Ir Josefa para a África em 1905.

Missões Temporárias

Anexo B – Prólogo e Sumário da Regra de São Bento



<http://www.osb.org.br/regra.html#PRÓLOGO DA REGRA>
Regra do glorioso Patriarca São Bento

Tradução e Notas de Dom João Evangelista Enout, OSB.

Prólogo

CAPÍTULO 1: Dos gêneros de monges

CAPÍTULO 2 - Como deve ser o Abade

CAPÍTULO 3 - Da convocação dos irmãos a conselho

CAPÍTULO 4 - Quais são os instrumentos das boas obras

CAPÍTULO 5 - Da obediência

CAPÍTULO 6 - Do silêncio

CAPÍTULO 7 - Da humildade

CAPÍTULO 8 - Dos Ofícios Divinos durante a noite

CAPÍTULO 9 - Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas

CAPÍTULO 10 - Como será celebrado no verão o louvor divino

CAPÍTULO 11 - Como serão celebradas as Vigílias aos domingos

CAPÍTULO 12 - Como será realizada a solenidade das matinas

CAPÍTULO 13 - Como serão realizadas as matinas em dia comum

CAPÍTULO 14 - Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos

CAPÍTULO 15 - Em quais épocas será dito o Aleluia

CAPÍTULO 16 - Como serão celebrados os ofícios durante o dia

CAPÍTULO 17 - Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas

CAPÍTULO 18 - Em que ordem os mesmos salmos devem ser ditos

CAPÍTULO 19 - Da maneira de salmodiar

CAPÍTULO 20 - Da reverência na oração

CAPÍTULO 21 - Dos decanos do mosteiro

CAPÍTULO 22 - Como devem dormir os monges

CAPÍTULO 23 - Da excomunhão pelas faltas

CAPÍTULO 24 - Qual deve ser o modo de proceder-se à excomunhão

CAPÍTULO 25 - Das faltas mais graves

CAPÍTULO 26 - Dos que sem autorização se juntam aos excomungados

CAPÍTULO 27 - Como deve o Abade ser solícito para com os excomungados

CAPÍTULO 28 - Daqueles que muitas vezes corrigidos não quiserem emendar-se

CAPÍTULO 29 - Se devem ser novamente recebidos os irmãos que saem do

mosteiro

CAPÍTULO 30 - De que maneira serão corrigidos os de menor idade

CAPÍTULO 31 - Como deve ser o Celeireiro do mosteiro

CAPÍTULO 32 - Das ferramentas e objetos do mosteiro

CAPÍTULO 33 - Se os monges devem possuir alguma coisa de próprio

CAPÍTULO 34 - Se todos devem receber igualmente o necessário

CAPÍTULO 35 - Dos semanários da cozinha

CAPÍTULO 36 - Dos irmãos enfermos

CAPÍTULO 37 - Dos velhos e das crianças

CAPÍTULO 38 - Do leitor semanário

CAPÍTULO 39 - Da medida da comida

CAPÍTULO 40 - Da medida da bebida

CAPÍTULO 41 - A que horas convém fazer as refeições

CAPÍTULO 42 - Que ninguém fale depois das Completas

CAPÍTULO 43 - Dos que chegam tarde ao Ofício Divino ou à mesa
CAPÍTULO 44 - Como devem fazer satisfação os que tiverem sido excomungados
CAPÍTULO 45 - Dos que erram no oratório
CAPÍTULO 46 - Daqueles que cometem faltas em quaisquer outras coisas
CAPÍTULO 47 - Como deve ser dado o sinal para o Ofício Divino
CAPÍTULO 48 - Do trabalho manual cotidiano
CAPÍTULO 49 - Da observância da Quaresma
CAPÍTULO 50 - Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem
CAPÍTULO 51 - Dos irmãos que partem para não muito longe
CAPÍTULO 52 - Do oratório do mosteiro
CAPÍTULO 53 - Da recepção dos hóspedes
CAPÍTULO 54 - Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa
CAPÍTULO 55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos
CAPÍTULO 56 - Da mesa do Abade
CAPÍTULO 57 - Dos artistas do mosteiro
CAPÍTULO 58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos
CAPÍTULO 59 - Dos filhos dos nobres ou dos pobres que são oferecidos
CAPÍTULO 60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro
CAPÍTULO 61 - Dos monges peregrinos como devem ser recebidos
CAPÍTULO 62 - Dos sacerdotes do mosteiro
CAPÍTULO 63 - Da ordem na comunidade
CAPÍTULO 64 - Da ordenação do Abade
CAPÍTULO 65 - Do Prior do mosteiro
CAPÍTULO 66 - Dos porteiros do mosteiro
CAPÍTULO 67 - Dos irmãos mandados em viagem
CAPÍTULO 68 - Se são ordenadas a um irmão coisas impossíveis
CAPÍTULO 69 - No mosteiro não presuma um defender o outro
CAPÍTULO 70 - Não presuma alguém bater em outrem a próprio arbítrio
CAPÍTULO 71 - Que sejam obedientes uns aos outros
CAPÍTULO 72 - Do bom zelo que os monges devem ter
CAPÍTULO 73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra

PRÓLOGO DA REGRA

^[1] Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, ^[2] para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. ^[3] A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.

^[4] Antes de tudo, quando encetares algo de bom, pede-lhe com oração muito insistente que seja por ele plenamente realizado, ^[5] a fim de que nunca venha a entristecer-se, por causa das nossas más ações, aquele que já se dignou contar-nos no número de seus filhos; ^[6] assim, pois, devemos obedecer-lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como pai irado, a deserdar seus

filhos,^[7] nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que o não quiseram seguir para a glória.

^[8] Levantemo-nos então finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: "Já é hora de nos levantarmos do sono".^[9] E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos, ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias:^[10] "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações",^[11] e de novo: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas".^[12] E que diz? – "Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor."^[13] Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam".

^[14] E procurando o Senhor o seu operário na multidão do povo, ao qual clama estas coisas, diz ainda:^[15] "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?"^[16] Se, ouvindo, responderes: "Eu", dir-te-á Deus:^[17] "Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a".^[18] E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: "Eis-me aqui".^[19] Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos?^[20] Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida.

^[21] Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhem os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino.^[22] Se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá.^[23] Mas, com o profeta, interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: "Senhor, quem habitará na vossa tenda e descansará na vossa montanha santa?"^[24] Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda,^[25] dizendo: "É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça;^[26] aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua,^[27] que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo".^[28] É aquele que quando o maligno diabo tenta persuadi-lo de alguma coisa, repelindo-o das vistas do seu coração, a ele e suas sugestões, redu-lo a nada, agarra os seus pensamentos ainda ao nascer e quebra-os de encontro ao Cristo.^[29] São aqueles que, temendo o Senhor, não se tornam orgulhosos por causa de sua boa observância, mas, julgando que mesmo as coisas boas que têm em si não as puderam por si, mas foram feitas pelo Senhor,^[30] glorificam Aquele que neles opera, dizendo com o profeta: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dai Glória".^[31] Como, aliás, o Apóstolo Paulo não atribuía a si próprio coisa alguma de sua pregação, quando dizia: "Pela graça de Deus sou o que sou"^[32] e ainda: "Quem se glorifica, que se glorifique no Senhor".

^[33] Eis porque no Evangelho diz o Senhor: "Àquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, compará-lo-ei ao homem sábio que edificou sua casa sobre a pedra,^[34] cresceram os rios, sopraram os ventos e investiram contra a casa; e ela não ruiu porque estava fundada sobre pedra".^[35] Em conclusão espera o Senhor todos os dias que nos empenhemos em responder com atos às suas santas exortações.^[36] Por essa razão, os dias desta vida nos são prolongados como tréguas para a emenda dos nossos vícios,^[37] conforme diz o Apóstolo: "Então ignoras que a paciência de Deus te conduz à



penitência?".^[38] Pois diz o bom Senhor: "Não quero a morte do pecador, mas sim que se converta e viva".

^[39] Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar: a nós compete cumprir com a obrigação do morador!

^[40] Portanto, é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos;^[41] e em tudo aquilo que nossa natureza tiver menores possibilidades, roguemos ao Senhor que ordene a sua graça que nos preste auxílio.^[42] E, se, fugindo das penas do inferno, queremos chegar à vida eterna,^[43] enquanto é tempo, e ainda estamos neste corpo e é possível realizar todas essas coisas no decorrer desta vida de luz,^[44] cumpre correr e agir, agora, de forma que nos aproveite para sempre.

^[45] Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor.^[46] Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado.^[47] Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade^[48] não fuja logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início.^[49] Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus.^[50] De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser co-herdeiros de seu reino. Amém.



Anexo C – Arquivos Digitalizados





PROGRAMMA

PRIMEIRA PARTE

- W. Kramer** 1.—Ouverture, piano a 6 mãos: Lucy Carvalho, Lucia di Pino e Olga Pusch.
- 2.— Saudação.
- Z. Autuori** 3.—Gavotte all'antica, Solo de Violino, prof. Mario Cacace.
- Ed. Schuitz** 4.—Dança dos marinheiros, 2 pianos a 8 mãos: Nair Lage, Orzulina Mesquita, M. Aparecida Mascarenhas, Ivette Tunis.
- Halm-Meyer** 5.—O Sino de Inaisfaer, Melodrama. Traducção do Allemão — Ignez Pannunzio.
- H. Wieniawski** 6.—Kuiawiak 1.º, Mazurka de Concerto, Solo de Violino, prof. Mario Cacace.
- 7.—Distribuição solemne dos Diplomas á turma de Guarda-Livros de 1926, formados pela Escola de Commercio deste Collegio.
- Dvorak-Willhemi** 8.—Humoreske, Solo de Violino, prof. Mario Cacace.





SEGUNDA PARTE

Tirindelli

9. — **Pasquinade**, Solo de Violino,
prof. Mario Cacace.

MARIA VIRGO

⋯⋯⋯) **Drama em 4 Actos** (⋯⋯⋯)

PERSONAGENS

Maria	}	<i>Donzellas</i>	Ignéz Pannunzio
Miriam			Olga Pusch
Saphira			Lia da Silva
Salonith			M. Conceição Telles
Recha			Almerinda Ferreira
Esther			Leocadia Nendes
Tirza	}	<i>do</i>	Odila Ortiz
Sobe			Ivette Tunis
Sacerdote			Anna de Almeida
Locusta			Victoria T. Sacker
Lucifer			Maria de Almeida
O Anjo Bom			Marina Pires
		Anjos.	Demonios.

Lack

10.—(No 1.º Intervallo) : **Impromptu**,—Mazurka, piano a 2 mãos
Lucia de Pino.

H. Wieuxtemps

11.—(No 2.º Intervallo): **La Chasse**
(A Caça), prof. Mario Cacace.

12.—Quadro Vivo : **A Annunciação.**

U. I O. G. D.



Collegio Santa Escolastica

|| SOROCABA ||

|| PAX ! ||

ENTRADA E PROGRAMMA

Para a festa de inauguração
do Novo predio do Collegio em

10 DE FEVEREIRO DE 1927

com o valioso concurso do Vio-
linista prof.

MARIO CACACE

Por meio deste convidamos a V. S.
realçar com sua presença a dita fes-
ta, que terá começo ás 13 horas.

A PRIOREZA

M. Ermentrudis Hellmann, O. S. B.

Pede-se o obsequio de não trazer creanças de menor
idade.

Foste, sobretudo, Irmã sincera, sempre pronta a nos ajudar.

Tu nos amarás de verdade, porque era possuída pelo Deus Amor!

Teu coração, puro como o lírio, exalava uma bondade imensa, comunicativa, que tornava felizes aqueles que te encontravam...

Ir. Liobalda, ao contemplar-te entre rosas, no meio de nossa igreja, sentimos a tua MENSAGEM, a nos repetir:

“MINHAS IRMÃS, SOU FELIZ, porque procurei humildade, fui fiel ao AMOR DE DEUS, E AMEI TODOS OS HOMENS COMO IRMÃOS”.

IR. LIOBALDA, tua vida se resumiu em ser aqui, uma pequena violeta de perfume delicadíssimo, de bondade e de humildade.

Ali o lírio, de inefável brancura. E mais além, uma rosa quente do amor de Deus e dos homens. Aquece-nos, e a toda terra, com teu exemplo e auxílio! Ensina-nos a ser puras, neste mundo de pecados. Fala-nos da humildade, quando o orgulho quiser apoderar-se de nós.

Ir. Liobalda, reza por nós.

R.I.P.



Ir. Tarcísia de Souza Nogueira, falecida em 09/09/1969 em Sorocaba

“Meu Deus, graças vos dou”. Assim está resumida a vida de Ir. Tarcísia, na pequena lápide que identifica a urna onde repousam seus restos mortais, na cripta do convento de Sta. Escolástica, em Sorocaba.

Nascida a 8 de maio de 1899 em Recife, Pernambuco, foi lhe dado o nome de Aracy. Era filha do Dr. Francisco de Souza Nogueira, advogado e jornalista. Através da mãe, D. Eponina, descendia da família Medeiros de Albuquerque, cuja inclinação pelas Belas Artes era notável. Na pintura é destaque na família, o nome de D. Lucília.

Não contava Aracy 3 anos, quando perdeu o pai. O falecimento prematuro do chefe da família motivou a volta de D. Eponina, com os 4 filhos, para casa de seus pais. O avô Dr. Alcebíades Dracon de Albuquerque Lima, que havia sido desembargador no Império, muito alegrou em alfabetizar a pequena, meiga e inteligente Aracy.

Aos 8 anos incompletos, ingressou no colégio das damas da Instituição Cristã, subúrbio de Recife, reforçando na escola, os princípios cristãos recebidos na família. Três anos mais tarde, em 1910, necessitando, o avô, ser operado da vista no Rio de Janeiro, veio para o sul com toda a família, instalando-se em São Paulo. Aí frequentou Aracy, por 6 anos, o externato das

Irmãs de São José. A pedido da mãe, por 4 anos, cursou escola normal Estadual, diplomando-se. Foi sempre estimada pelos professores e colegas por sua capacidade de comunicação. Preferiu o magistério particular, para melhor se dedicar às Letras e as Artes. Em 1921 foi, por seis meses, assídua aluna de desenho artístico, orientada pelo professor Pedro Alexandrino e em seguida, por 3 anos foi aluna do artista alemão Jorge Fisher Elpons.

Esmerou-se também na confecção de delicados trabalhos manuais. Foi assim que freqüentou a conhecida família dos Pereira da Silva. Sabia dar sentido a seu trabalho e a seu magistério, colocando neles religiosidade que a envolvia. Um de seus alunos hoje abade do Mosteiro de São Bento em São Paulo, D. Joaquim de Arruda Zamith, foi por ela preparado cuidadosamente, para primeira eucaristia.

De 1918 a 1922 visitava com freqüência a Igreja de São Bento, admirando a pintura. Reconheceu que a arte e a religião harmonizavam-se, servindo ao culto divino. O desejo de tornar-se religiosa, vislumbrado em criança e esquecido durante a adolescência, renasceu nela. Colocando-se sob a orientação de Schelhorn O.S.B conheceu a vida beneditina.

Em 1924 fez-se zelosa oblata de São Bento.

Cresceu nela o amor pela liturgia. Encontrou eco na leitura de D. Columba Marmion e na do boletim Paroquial Litúrgico da Bélgica. Comunicou então à mãe a resolução de entrar na Abadia de Santa Maria. A mãe opôs-se terminantemente. Voltou-se para Nossa Senhora e São José, colocando-se filialmente em suas mãos. Adoeceu neste tempo o primogênito da família. Aracy ajudou a mãe, durante 4 anos, no tratamento do doente que veio a falecer em 1929.

Persistia o ideal de tornar-se religiosa, voltando-se agora para as Beneditinas Missionárias de Tutzing, apresentada que fora por D. Domingos à Madre Melânia, Priora de Sorocaba. A mãe já não se sentiu tão só, pois um dos irmãos mais novos de Aracy casara-se.

Desta vez o pedido de entrada foi atendido, concretizando-se no dia 30 de junho de 1931. Já havia declarado sua aversão pelo magistério. Sonhava realizar seu ideal de dedicar-se à arte no silêncio de uma vida recolhida. Encarregaram-na, entretanto, de uma classe de meninos que não colaborava com a meiguice da nova professora. Veio visitá-la D. Domingos, já abade do Mosteiro de São Paulo.

Declarou-lhe a postulante não poder continuar no Convento. "Enganei-me" disse-lhe ela. E ele respondeu: "Sim, volte para casa. Eu também me enganei. Pensei que tivesse maior amor a Deus". Bastou, a resposta de Aracy foi imediata e veemente. "Oh. Não. Eu fico". Ficou. Sacrificou seus talentos. Obedeceu e nunca mais manifestou o desejo de dedicar-se a outra atividade.

Recebeu o hábito a 5 de Fevereiro de 1933, sendo-lhe dado, agora, o nome de Ir. Tarcísia. A 10 de Fevereiro de 1934, emitiu os primeiros votos. Tornara-se uma dedicada e eficiente professora. Certamente não se sentia, diante das alunas, dos pais de alunas e das autoridades, tão à vontade como diante de uma tela, pincel a mão, mas fez de seu magistério um grande campo de apostolado, coração sempre voltado para o serviço da Igreja.

Em 1942 assumiu a direção do Colégio Sta. Escolástica em Sorocaba, formou a Escola Normal que diplomou centenas de professoras. Amiga e conselheira, orientou as normalistas com dedicação para a árdua tarefa do magistério. Estimaram-na sobre maneira. Sem dúvida, porém, foi como exímia professora de Português, que ela se salientou. Seu lastro de cultura neste setor, foi de veras notável.

Como professora de Religião, procurou transmitir a vasta bagagem cultural de que dispunha, mas voltou os olhos e o coração, especialmente, pela vivência cristã de seus alunos. Exerceu direção de escola também em Presidente Prudente e magistério em Santo Amaro, Rio de Janeiro. Realizou-se no exercício de Professora de Desenho Pedagógico.

Embora tivesse desejado ser contemplativa, possuía um profundo e ativo espírito missionário. Encaminhava suas alunas para catequese nas paróquias. Manifestou o desejo de exercer apostolado externo. Os pobres também ocuparam lugar de destaque em seu coração. Não tendo tido maiores oportunidades de lidar com eles diretamente, fê-lo indiretamente fundando e animando grupos de senhoras da sociedade para confecção de roupas a serem distribuídas aos necessitados.

Beneficiou-os, sobretudo, com sua carinhosa dedicação, em nossas escolas para carentes, especialmente as que funcionavam à noite, para adultos.

A operários de nossas construções ensinou, pacientemente, as primeiras letras, junto ao pão de verdades da religião e da moral cristã.

O que mais marcou, entretanto, a vida de Ir. Tarcísia, foi seu amor pela vida Beneditina.

Traduziu para a Comunidade, do francês para o português, a vida de D. Columba Marmion mas mais do que traduzir o livro, traduzia em suas atitudes os ensinamentos de seu grande mestre.

Assim, também, nas pinturas de quadros de São Bento e Sta. Escolástica, colocou muito de sua própria atitude exterior, reflexo de uma rica vida interior.

Conquistou, com sua singeleza, a simpatia das coirmãs e a confiança das Superiores.

Sua sensibilidade de artista suportou com galhardia os embates inevitáveis da vida comum.

Mais que isso, tudo fez para harmonizar-se com as Coirmãs menos artisticamente dotadas.

Muito lhe custaram as inúmeras traduções exigidas ao pé da letra, desejosa ela de dar-lhes forma mais poeticamente adequada.

Serviçal e bem disposta estava sempre ao lado de quem dela necessitasse. Para as festas da comunidade, Ir. Tarcísia sempre contribuiu com versos, poesias, peças teatrais, pequenas pinturas ou grande painéis. Além de contribuição literária ou artística, presente estava ela para os mais simples trabalhos necessários: limpar, tirar o pó, arrumar cadeiras.

Em comunidade, muitas vezes, dramatizava suas próprias produções, com admirável naturalidade. Sabia ajudar, também, com uma oportuna boa palavra uma coirmã necessitada. Sempre alegre e bem humorada sabia suportar todo e qualquer contratempo.

Amava, sobretudo, a oração litúrgica e venerava, com especial carinho, o "grande São José" ao qual diariamente, de braços abertos, pedia proteção. Entre outros exemplos, podemos destacar o seguinte: no Rio de Janeiro, mais precisamente no Alto da Boa Vista (Tijuca) onde o colégio Santo Amaro tinha uma pequena casa de férias, ergue-se um pedestal com a estátua de São José, numa larga escada externa que conduz a uma bela elevação no fundo do quintal. É o testemunho de uma graça alcançada. A comunidade sofria com sério problema relativo à casa de férias. Ir. Tarcísia prometeu erguer, em honra de São José, uma gruta com pedras que ela mesmo carregaria. Ganha a causa, foi necessário convencê-la de erigir uma bela coluna que suportaria seu grande protetor. Hoje ele nos fala daquela alma simples que fora Ir. Tarcísia. Grande também era o seu amor a Nossa Senhora. No Rio esmerou-se como diretora espiritual de um "praesidium" da Legião de Maria.

Ir. Tarcísia pouco falava de seu passado e sua família. Conta uma Irmã como nossa Irmã Tarcísia teria voltado de São Paulo sem ser atendida por seu irmão, o Dr. Francisco de Souza Nogueira Filho, juiz da 1ª vara de São Paulo, que vedara a entrada ao palácio da Justiça, da solicitante, irmã do magistrado em questão.

De muitas maneiras encontrou Ir. Tarcísia, pela vida, o amor de Deus expresso em alguma cruz.

Fora uma criança fraca e doentia. Já no convento, durante 20 anos, crises de asma fizeram-na passar dias de intenso sofrimento. Era penoso vê-la lutar contra impiedoso mal.

Fim de 1968. O Santo Amaro preparava-se para a festa de Natal. Ir. Tarcísia iniciou sua preparação, para seu natal na eternidade. Os sintomas do câncer que a vitimaria tornavam-se cada vez mais convincentes. A mãe, a quem devotara carinho, e da qual recebera inúmeros protestos de arrependimento pelo ato de impedi-la a entrar na vida religiosa, nos já longínquos anos da juventude, também falecera de câncer. "Vou morrer como minha mãe. Vão ver". disse ela a uma Irmã. Manifestou o desejo de terminar seus dias em Sorocaba.

O mal se agravou subitamente. Atendida sua petição, veio para Sorocaba em janeiro de 1969, uma vez diagnosticado câncer no estado avançado.

Esperando conseguir estacionar o mal, os médicos prescreveram aplicações de cobalto. Semanalmente ia Ir. Tarcísia à São Paulo, hospedando-se às vezes, na casa de sua prima Laura de Albuquerque a quem sempre dedicara grande amizade. Seu silencioso abandono, sua inesgotável paciência, sua docilidade em submeter-se aos prolongados e penosos tratamentos, comoveu a todos.

Em junho, a nova cruz veio provar-lhe que o Senhor a considerava alma de "escol". Problemas de vesícula levaram-na à cirurgia. As forças hauridas da vivência de sua vocação, da perseverança na oração, do exercício contínuo da busca da vontade de Deus, manifestavam-se agora em fidelidade a toda prova.

A obediência e a humildade que nortearam toda a vida, desabrocharam em calma e consciente entrega às mãos de Deus.

A participação ao exercício de comunidade, tão fielmente praticada a vida inteira, só foi alterada ao entrar, definitivamente, na enfermaria.

A 5 de Setembro, primeira sexta-feira do mês, a Unção dos Enfermos e o Viático. Quis a presença das junioristas. Segurando a vela acesa diante do sacerdote e da comunidade, renovou os votos. Comovida ouviu o "Suscipe". Já havia pedido, dias antes, o canto da "Salve Regina" e do Magnificat. Desejou voar para o céu no dia 8 de Setembro, festa de Nossa Senhora. Foi para ela grande sacrifício não poder comungar naquele dia. No dia seguinte comungaria definitivamente das alegrias no céu.

9 de Setembro de 1969, 20:45h. Quase inesperadamente, placidamente, voou nossa querida Irmã para a pátria celeste. Na manhã seguinte foi levada à igreja onde cantaram o "Réquiem". A notícia de seu falecimento espalhou-se rapidamente pela cidade. Ex-alunos e, especialmente, ex-alunas que acompanharam consternados o desenvolvimento da doença, vieram trazer-lhe o último adeus, assim como parentes, conhecidos, professores e alunos da escola.

Nos degraus do altar, o círio Pascal simbolizava a Ressurreição de Cristo, daquela que por Cristo morrera cada dia um pouco, como a semente lançada à terra.

Às 15:30h a igreja estava repleta. O Sr. Bispo D. José Melhado de Campos, D. Joaquim de Arruda Zamith O.S.B. então o Prior do Mosteiro de São Paulo e D. José Weber O.S.B., capelão, concelebraram a Missa de corpo presente. O Aleluia e o magnificat precederam na saída de Ir. Tarcísia rumo ao cemitério, onde D. Tadeu Strunck e D. José Weber fizeram-se presentes.

Ir. Tarcísia nossa fiel coirmã na terra, é hoje nossa meiga intercessora no céu.

VIDA E MORTE DE NOSSA QUERIDA IRMÃ CECÍLIA TORRES

*18.06.1928

+06.03.2016



Enquanto celebrávamos a liturgia do Domingo Laetare, nossa querida Ir. Cecília entrou na alegria sem fim na vida eterna. Nasceu no dia 18.06.1928, em Sorocaba, sendo a primeira filha do casal Antônio Torres e Brígida Rios. Foi batizada no dia 20 de agosto de 1928, recebendo o nome de Marinha. Sua irmã mais nova morreu jovem num acidente. Sua mãe ficou viúva cedo e sustentou a família como costureira. Marinha cresceu no meio dos irmãos mais novos de sua mãe. Como criança e adolescente passou muito tempo na casa de sua tia Lourdes, casada com o médico, Dr. Nilton.

Ir. Cecília teve seu primeiro contato com as Irmãs Beneditinas, quando entrou na classe de alfabetização do Colégio, com cinco anos e meio, em 1934. Nesse ano fez também, aqui, sua primeira Eucaristia.

Aos 13 anos teve suas primeiras experiências missionárias, acompanhando nossas Irmãs veteranas Mathilde, Evangelista, Edmunda e Zita na catequese, nos bairros. Deus deu a Ir. Cecília um dom especial para a música. Assim, com 15 anos, começou a ajudar a Ir. Mathilde para dar aula de piano no nosso conservatório.

Com 17 anos já veio morar em nosso Colégio no Rio de Janeiro, iniciando sua carreira como professora e, mais tarde, diretora. Foi lá que ela se formou em Pedagogia, Teologia para leigos e um curso extensivo de Canto Gregoriano, naquela época antes do Concílio Vaticano II, praticando diariamente em nossos conventos. Participou com entusiasmo da Ação Católica estudantil e diz que deve muito a D. Hélder Câmara, com o qual trabalhou no diretório nacional da mesma.

Em 1954, ela entrou no nosso noviciado, emitindo os primeiros votos religiosos em 07 de julho de 1956 e os votos perpétuos em 10 de fevereiro de 1960, em Sorocaba. Após algum tempo no Jardim de Infância, em Presidente Prudente, voltou para o Rio de Janeiro, onde começou o curso de Magistério no Colégio sob a sua orientação. Foi também no Rio de Janeiro, como diretora, que elaborou junto com o corpo docente os princípios filosóficos do nosso Ensino e os promulgou na primeira agenda escolar em uso em nossos colégios.

Com o Concílio chegou a mudança da liturgia para o vernáculo. Ir. Cecília tinha assimilado muito bem o estilo do Canto Gregoriano; assim, adaptou-o perfeitamente às músicas do nosso Ofício atual, com pouquíssimas exceções, compostas por ela.

De 1977 a 1983, Ir. Cecília foi Superiora da comunidade no Rio de Janeiro. Em 1990 foi eleita Priora. Foi durante sua gestão que a Congregação se estendeu até a Argentina. Fundou também a Comunidade de Votorantim, onde ela residiu de 1998 até 2009, quando foi fechada a comunidade. Já na idade madura, Ir. Cecília ainda contribuiu com vários trabalhos pastorais, por exemplo, como conselheira espiritual de uma Equipe de Nossa Senhora, um grupo de casais à procura de crescimento espiritual, até o ano de 2013.

Em três Capítulos Gerais, isto é, assembleias da nossa Congregação internacional, em Roma, nos anos de 1970, 1982 e 1994, Ir. Cecília representou nosso Priorado, especialmente o Capítulo de 1982 foi decisivo porque nele foram elaboradas nossas atuais Constituições.

Os seus últimos anos, Ir. Cecília passou-os em Sorocaba. Muitas pessoas ainda procuraram seu conselho.

Em 2013, infelizmente, teve uma fratura complicada no joelho esquerdo. Depois de mais ou menos recuperado, continuou a participar da vida da comunidade, com andador ou na cadeira de roda. No final de 2015, devido a fortes dores, foram feitos vários exames que finalmente detectaram doença maligna já generalizada. Foi cuidada, em parte, em nossa enfermaria e em parte no hospital, onde chegou a falecer, ontem, às 07h30.

Por tudo o que Deus realizou através de nossa querida Ir. Cecília, somos muito gratas e vamos louvar o Senhor. Confiamos na sua intercessão pelo nosso Priorado e pela nossa Congregação.

Priora e Irmãs da Comunidade do Colégio Santa Escolástica
Sorocaba, 07 de março de 2016.





PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Certificado de Registro de Professores

Certifico que a Sra. // MARINHA TORRES //
está inscrita, sob o n. 8976, no Registro permanente de Profes-
sores em estabelecimento de ensino particular deste Departamento,
de acordo com o artigo 3º do decreto n. 65, de 21 de Julho de 1936,
para lecionar as materias

// DO CURSO PRIMÁRIO //

*Fez prova de nacionalidade brasileira juntando certidão de nascimento e
anexou atestado de boa conduta. //*



Distrito Federal, 29 de maio de 1947

R. Laurier Bassil

Secretário Geral de Educação e Cultura

O Professor *Marinha Torres*



1 - Marinha Jones (Ir. Cecília Torres ass)

Nasc. 18.6.1928

2 - Estudou: 1934 - 1942

(Primário e Ginásio)

Como Benedictina 1954-1959

Trabalhou - Religiosa Professora 54-59

3 - Durante todo curso minhas Professoras foram as Irs. 71-77/

Lembro-me de todas elas.

Diretora

Ir. Estanislau - alfabetização

Leocadia Mendes (Ir. Thelinda) Português

Ir. Evangelista Crenier (História)

Ir. Judite Basini (Diretora e Professora)

Ir. Edmunda Montenegro (Geografia)

Ir. Assumpta Schneider (Inglês - Religião)

Ir. Mechtilde Deng (Ir. Gabriela) Ciências - Religião - Latim

Ir. Myrthes Levanogich - Francês

Ir. Tarcina Nogueira Português (Diretora)

Ir. Eangytha Dinhofer - Matemática (Diretora)

Professora - Ir. Cecília Torres - História - Música no Ginásio e no Conservatório
a princípio Alfabetização - 4º ano Primário

Ir. Myrthes - Ginástica

(5) 5 - Aulas explicadas e com muitos exercícios e tarefas.

Tínhamos período integral com parada para almoço.

Português (p.ex) leitura, ditado, cópia, gramática...

4 - Português, Matemática, Geografia, História, Religião,

Música, Trabalhos Manuais, Ginástica

4º ano recebia Diploma após exame (ENEM!) que encaminhava para o Curso de Admissão. Era uma revisão completa do Primário com livros próprios. Ano de muita aprendizagem especialmente

Português: muita leitura e aprofundamento na língua

Matemática: área, perímetro, furos, tabuada, muito exercício.

Geografia: livro próprio, mapas

Em 1944 deu início Curso Normal (Magistério Primário)

com Inspetor, Prof. Rui Nunes, Prof. Milton Marinho Martins

Ir. Mathilde Regiani e Ir. Lucila Casotti

para Música.

Tínhamos um Museu bem montado para Ciências - com um esqueleto completo.



6- Em 1961 começou a construção do Prédio Novo.

O Prédio da frente, entrada pela Souza Pereira 300, ne têm estarem as 4 salas do Primário e mais 2 salas (5.^a e 6.^a séries) deixando exata estava a sala da Cartilha e recreio tendo à esquerda o Conservatório musical com as Profess. Madie Bértha Wphle (diretora) Ir. Mathilde Regiani, Ir. Anuella Casoni, Ir. Regis Latore, Ir. Siegrid Irish etc. (violino) Outras: piano Ir. Cecília Torres deu piano para 15 alunos. (2 anos)

Havia exposição no final do ano dos trabalhos manuais feitos pelas alunas.

* No prédio 2.^o andar 2 salas (acima da 5.^a e 6.^a séries) estavam 7.^a e 8.^a séries uma sala no decorrer do corredor para Desenho, com carteiras especiais. Cada uma tinha como ter seu modelo a desenhar. Sei de alunos que ganharam a vida (p.ex. para clichês)

No andar a esquadra havia um salão de festas. Havia apresentações de festas dos pequenos - dos grandes, de música (piano e violino)

Mais tarde, no final do recreio foi feito um grande salão (com palco) e o do 2.^o andar ficou dormitório necessário para 120 internas (alunas que vinham de outras cidades).

À ao lado do dormitório havia um quarto com varanda e banheiro para quem precisasse. Os devidos complementos de higiene tinham próximo ao dormitório e ao salão de estudos para as internas.

No corredor de entrada (salas de 1.^a a 6.^a série havia o refeitório e cozinha para as internas e Irmãs.

Continuando o corredor da entrada à esquerda havia uma escada para o andar de cima, espaço em função da Escola com a secretaria e a sala museu que servia também para aula de Ciências. Havia uma área para recreio das internas e uma sala para alguma aprendizagem das internas.

Ná entrada à direita, caminho para Igreja e morada das Irmãs

7- O Colégio era mais feminino. O jardim da Infância recebia meninos que ficavam até o 2.^o ano. Mais tarde até o 4.^o ano e atualmente o todo curso misto: Do Berçário, Curso Infantil, Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio



8 - Tínhamos provas de 2 em 2 meses em papel próprio e a média das 4 provas era a média final.

Provas organizadas sobre a matéria dada

Programa elaborado e extensivo.

A aprendizagem era levada a sério.

A Livraria São Luiz tinha todo material usado no Colégio.

O que não tinha livro era feito em caderno.

9 - Usávamos o que havia na época. Tínhamos muitos livros de leitura, especialmente para leitura que ofereciam temas para vida.

10 - Comemora-se até hoje a festa de São Escolástica.

1ª Eucaristia feita no Colégio. Vinham os Beneditinos que também preparavam. (Dom Engelberto - Dom Meinardo).

Festa da criança, dos pais, das mães, das mães, da Páscoa, do NATAL, festa das ex-alunas.

Hoje fazem dias de carnaval, formaturas (dos grandes com baile) Hoje temos também um bom número de alunos em regime integral.

11 - Normalmente o Inspetor vinha em visita e era amigo do Colégio. O Colégio tem o Registro no 1 em Sorocaba.

A 1ª Escola organizada.

O Sr Bispo D. Aguirre estava muitas vezes presente nas festividades da Comunidade.

12 - O Colégio até 1943 tinha horário integral. Tendo bem explanado, línguas, artesanato, o coral que se apresentou até no Secretaria de Educação em SPauls.

14 - Tínhamos muito contato com as Irmãs que estavam sempre em contato conosco, nas aulas, nos recreios.

O Colégio aproveitou as salas que havia no fundo da antiga Igreja do Rosário, ainda em condições de uso e foi aberto um Curso Primário "Externato São Miguel" para alunos carentes de recurso e desejo de aprender. Foram vários anos e os bem capacitados passavam para o Colégio. Ainda encontrei em Votorantim^{ma} que fez o Primário S. Miguel e muito grata pela formação que recebeu. Vinham alunos de todas as idades e de várias zonas da cidade.

Recebíamos também várias cartas de agradecimento, cartões postais.

TRADICIONAL

NOVA

CRITICA

Prof. Transmissor de conteúdos
Aluno: Passivo. Assimila conteúdo

Facilitador-Orientador
Ativo! Centro do processo

Educador: direciona-conduz processo
Pessoa concreta. Determina e é determinada pelo social, político, econômico e individual (História!)

Obj. Educacionais: Baseado em documentos legais. Sequência lógica dos conteúdos.

Obedecem desenvolvim. Definidos a partir das necessidades concretas do contexto hist.-social

Conteúdos Programáticos: Quantidade de conhecimentos. Organizados em disciplinas. Cultura Universal.

Selecionada a partir dos interesses do aluno
Desenv. psicológico.

Selecion. a, partir da cultura dominante (ciências, filosofia, arte, história...)

Metodologia : Aulas centradas no Prof.: expositivas. Exerc. fixação!

Centrada no aluno. Grupos, pesquisas, jogos, criatividade, experiênc.

Papéis do Prof-do aluno-Articulação entre eles

Avaliação: Aspectos cognitivos. memorização. av. pº Professor!

Asp. afetivos (atitudes)
Auto-avaliaç. Ver desenvolvimento do aluno.

Preocupada com a superação do estágio do senso comum pº consc. crítica

ALUNO EDUCADO domina o conteúdo cultural universal transmitido pela escola

Aprende a aprender

domina solidamente os conteúdos e percebe-se determinado, capaz de operar conscientem. mudanças da/na realidade.

ESCOLA: Privilégio das camadas + favorecidas. Autoritária.

Democrática. Chance pº todos.

Importante e deve ser de boa qualidade. Pº todas as camadas do povo.

ORGANIZAÇÃO: Funções definidas. Rígida.

Funções se confundem. afrouxamento das normas disciplinares.

Representações. Diálogo. Estrutura questionável.

SANTA ESCOLASTICA: 91 anos de existência-mantém sim uma tradição na organização, mas aberto à atualização. Adaptou-se ao Sistema DIDÁTICO ETAPA. INFORMÁTICA para toda a ESCOLA-INGLÊS para toda a ESCOLA-ESPANHOL a partir da 5ª série. Ballet. Karatê. Exposições. Jornal da Escola. Alunos editaram já mais de um livro que podem ser vistos na Biblioteca. Excursões... Visitas pedagógicas... Formação religiosa. Promoção humana, mantendo há 11 anos crianças e adolescentes carentes.

ALFABETIZAÇÃO : com escolha dos Profs. método silábico, lentamente a partir da pré-escola. No final do Pré III recebem seu 1º livro. Contato com as palavras desde o Pré-escola

FILOSOFIA: Humano cristã. Seus princípios se acham na Agenda escolar.

Procura-se desenvolver integralmente o aluno, dentro do espírito de família, de cultura e missionário. Aprende a ver o mundo em largos horizontes, senão corre o risco de não sair do próprio ninho.



EDUCAÇÃO

Falar em Educação não é só partir de Escola.

É um processo contínuo que exige o despertar para tudo que está ao nosso redor, aprender a lidar com a vida.

Já São Bento colocou em sua Regra que ao discutir alguma situação a resolver chamasse também os jovens que certamente teriam algo a propor. Saber levar em consideração o ponto de vista do outro. Ter boa percepção de tudo o que nos toca.

Há os que percebem todas as manifestações do que acontece e aparece perto de si e há os que nada lhe chama a atenção.

Importante poder dialogar, poder concordar e discordar, saber escolher programas que enriqueçam seus conhecimentos,

Educação é uma ARTE a conquistar, deixar enriquecer-se interiormente, saber pesquisar, muita leitura, saber ser responsável ao que assume, contribuir a manter ambiente sadio. Trabalhar para o desenvolvimento material, espiritual, técnico, científico. do grupo ao qual faz parte (família, colegas, esporte, catequese, amigos, grupos).

Se você é formador: cumprir sua missão educacional, ética, formar pessoas éticas, dar conhecimentos sólidos.

Tudo vai atingir à pessoa e a sociedade

Pais, Professores, Empresários sintam o compromisso que assumiram. Importante dar limites - ter limites

Tudo que você aprende e vai aprendendo lhe dá uma cultura que lhe permite transmitir e progredir em seu viver, em seus relacionamentos

Educar-se não tem limite. Seja sempre atento ao que recebe e ao que transmite (positivo? negativo? onde aplicar?)

Fr. Cecília Torres - OSB

Marinha Torres

O Prof. Dr. Alceu A. Lima nos deixa pontos essenciais para a ciência e arte na Educação. Foi grande Educador no falar, escrever e sobretudo viver.

Como já falei anteriormente Educação é processo contínuo, e o que é muito importante, nos primeiros doze anos é que a aprendizagem e aquisição de conhecimentos são um grande fator de "tomada de posse" da criança.

É que a família transmite e de suma importância para o cabedal de conhecimento e formação da personalidade.

Oportunidades oferecidas, diálogos que despertem o saber, a curiosidade, o experimentar o que é possível em cada idade.

Pessoa → per-sona! É que cada um traz em si para transmitir, o que cada um conquista através das possibilidades que o atingem das oportunidades que lhe são oferecidas.

Contatos com a natureza: plantas, jardins,

(ter oportunidade de conhecer o maior Jardim Botânico (Rio J.) onde D. João VI plantou a PALMA MATÊR, a mãe - e foi derrubada por tempestade... agora já há em várias cidades!

Jardins Zoológicos com suas variedades de animais e culturas.

Aprender é inserir-se em uma tradição plural que lhe oferece um leque de escolha que se adapte aos seus dons.

A medida que se cresce recebe-se conhecimentos através de revistas, livros, cursos especiais (taquígrafia, línguas, artesanato, micro-dactilografia, individual e ou grupo de música, grupos de Jazeja, encontros de crianças, catequese, de jovens, lidar com aparelhos TV, celular, .. comunicações com outras crianças, parques, praças, shoppings, supermercados, museus. Enfim, das opções de conversas, brincadeiras, passeios...

A criança precisa de contatos e cuidados paternais onde hajam trocas de ideias, afeto e até manifestações de agressividade (que deve ser entendida, e aprender a pedir desculpas, perdão!)

Escola é o novo ambiente (que não substitui a família mas oferece meios de desenvolvimento, encaminha à plenitude da pessoa, a ser pessoa bem formada e encaminhada para querer ser alguém que desempenhe algo de valor na vida. Escola onde não se desenvolvem talentos e capacidades. Não se desabrochar com os vários impulsos dos colegas, dos professores, dos eventos propostos, programas, Escolha de amigos.

Importante a escolha de Escola, sua Filosofia.

Estado deve oferecer vaga para todos que procuram e infelizmente não acontece pois há pais que não conseguem.

① Colégio que estudei ofereceu-me Educação Integral (em horário integral) com verdadeiro ambiente formativo: intelectual, Letras, Línguas, Artístico, Esportivo, Religioso. E acontece até agora. Ambiente sadio, disciplina consistente,

J. Cecília Torres, D.S.P

A REGRA DE SÃO BENTO E O TRABALHO NA ESCOLA

Não é à toa que numa das primeira página da “Regra de São Bento” (RB), escrita mais ou menos faz 1500 anos, se fala de escola, embora seja “escola do serviço do Senhor” (prólogo 45). São Bento foi um grande pedagogo e aprendi dele muito para minha vida de professora. Por exemplo diz do abade que dirige a comunidade de monges, que “se esforce por ser mais amado que temido” (RB 64,15); sem dúvida, professora amada tende a ter bons resultados. E ainda, “um (dos membros da comunidade) não seja mais amado que outro” pelo abade (RB 2,17), quer dizer, não é para cultivar preferências, processo prejudicial à aprendizagem. O mesmo princípio aparece em RB 3 que manda ouvir o conselho de todos, também dos mais jovens – Deus pode se manifestar por qualquer um – o que significa não excluir ninguém. Não é nada fácil lidar com pessoas com temperamentos diferentes e capacidades diferentes, sejam membros de uma comunidade religiosa ou de uma turma de alunos. Aí pode aprender de São Bento que pede para se adaptar a todos, “a este com carinho, àquele com repreensões, a outro com persuasões segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um” (RB 2,31s). em tudo valha a “discrissão, mãe das virtudes,... assim que haja o que os fortes desejam e que os fracos não fujam” (RB 64,19)

14 de julho de 2014

Perguntas 1a 6 (dados pessoais)

Sou Sr. Hilde Martins, nasci em 23 de maio de 1938 em Augsburg, Baviera, Alemanha. Estudei na universidade de Munique teologia e letras (alemão), recebendo depois do estágio pedagógico a licenciatura plena. Com 25 anos ingressei na Congregação das Benedictinas Missionárias de Tutzing, Alemanha. Após o noviciado, onde trabalhei em vários setores da casa, fiz os votos religiosos em 24 de outubro de 1966, e em seguida lectionei por cinco anos na escola de ensino fundamental e médio das Irmãs. Depois dos votos definitivos em 1971 fui enviada para o Brasil, chegando em Sorocaba em 21 de novembro de 1971.

7- Quais os motivos a trouxeram ao Brasil? E por que o Brasil? Desde a minha juventude eu quis ser missionária, então estava desejosa de ir para um priorado fora da Alemanha. Minhas superiores viram a necessidade de ter uma teóloga no priorado de Sorocaba e me sugeriram este serviço.

8- Quais trabalhos desempenhou na Ordem Benedictina?

De 1972-1981 trabalhei como professora de religião, no Colégio Santa Escolástica e, a partir de 1977, em Itapetininga. Colaborei na formação bíblica das nossas jovens formandas, dei aula em vários cursos de teologia para leigos, e tive atividades pastorais em comunidades rurais em Sorocaba e Quareí. (As duas últimas ocupações me acompanharam durante toda a minha vida em diversos lugares do Brasil.)

9- Acha que a Educação e a Formação de Seres Humanos se relaciona com a missão religiosa beneditina a partir de que ideais? Nossa missão é anunciar o evangelho de Jesus Cristo, em primeiro lugar por nosso exemplo. Disse Jesus: "Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância." (João 10, 10) Para ter vida em plenitude é necessário uma boa educação, que

ajude a desenvolver todas as dimensões da pessoa humana, inclusive a espiritual. Formando crianças e adolescentes nos valores do evangelho, nós contribuimos para uma sociedade solidária e fraterna — o que Jesus chama o Reino de Deus.

10- Quais motivos fizeram com que a Ordem Beneditina de Tutzinger se fixasse em Sorocaba?

Foram vários motivos, mais ou menos acidentais, que trouxeram as Irmãs para Sorocaba. Para que ficassem, apesar de obstáculos iniciais, ao meu ver contribuiu muito a aceitação pelos sorocabanos e a estima deles pela pedagogia das Irmãs — inicialmente todas alemãs — que com firmeza e amor souberam dar aos educandos uma sólida base humana, intelectual e religiosa.

H. Hilde Martin OSB

Texto de Alceu Amoroso Lima - Princípios gerais (aqui indicados resumidos)

1- Educação, um meio, não um fim

A educação é um meio para o ser humano desenvolver suas potencialidades e assim ser feliz.

RB Prólogo 15-17: "«Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dizes felizes?» Se... responderes: «Eu», Deus te dirá: «Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal, afasta-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a.»"

C IV.5: "Com paciência, despertamos os talentos escondidos, conduzindo-os progressiva e constantemente a uma autonomia. Como educadores da fé, estamos dispostos a nos retirarmos, no tempo devido."

2- Educação, uma ciência e uma arte

Educação - é preciso saber como levar o ser humano à plenitude de sua humanidade e dominar a arte da prática educacional.

RB 2,31: O abade/mestre "saiba que coisa difícil... recebeu: servir os temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele... com repreensões, a outros com persuasões segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos..."

RB 64,13: "Lembre-se que não deve esmagar o caniso já rachado."

RB 4,70-71.75: "...venerar os mais velhos, amar os mais moços, ... eis aí os instrumentos da arte espiritual."

C V.2.: "Colaboramos na libertação e no desenvolvimento integral da pessoa."

3- Educação: indivíduo $\xleftarrow[\text{para}]{\text{prepara}}$ comunidade

Toda educação é um processo comunitário, que, ao mesmo tempo, necessita da disciplina do indivíduo.

Para viver em comunidade: RB 72, 5-7: O zelo bom: "Tolerem com paciência suas fraquezas quer do corpo quer do caráter; rivalizem em prestar mútua obediência; ninguém procure aquilo que julga útil para si, mas, principalmente, o que o é para o outro."

C/N 504 "Trabalhamos pela justiça, paz e solidariedade fraterna, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais humana."

C/N. 504.2: "Esforçamo-nos em promover o respeito pela dignidade da pessoa humana e trabalhamos pela defesa dos direitos humanos."

4- Momentos capitais de uma educação integral $\begin{cases} \text{técnica} \\ \text{ação} \\ \text{ciência} \\ \text{sabedoria} \end{cases}$

Todas as dimensões da personalidade devem ser desenvolvidas, sendo a "sabedoria" ^{seja} ou ^{outra} dimensão espiritual de suma importância.

RB 57, 1 "Se há artistas no mosteiro, que executem suas artes com toda a humildade."

RB 53, 22: "Seja a casa de Deus sabiamente administrada por monges (pessoas) sábias."

RB 64, 2: "Aquele que deve ser ordenado (ou receber um cargo) seja eleito pelo mérito da vida e pela doutrina da sabedoria, ainda que seja o último na ordem da comunidade" (Quem chegar por último)

C V, 2, (ver item 2); C I, 5: "Somos desafiados a suscitar o sentido de Deus na nossa sociedade contemporânea e fazer com que outros despertem para a salvação integral do mundo, oferecida por Deus em Jesus Cristo."

5- Família, Estado, Igreja — escola: grupo subsidiário

A escola nunca vai poder substituir a família, mas nós nos esforçamos para subsidiá-la, dando todo o nosso amor aos "pais novos", aos pequenos nos quais Jesus está presente (Mt 25, 40)

RB 30, 1: "Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias."

RB 63, 10: "Honrem os pais novos aos pais velhos que eles, e os pais velhos amem aos irmãos pais novos."

C/N. 502: "Abertas a todas as atividades compatíveis com nossa vida beneditina de comunidade e oração, assumimos diversas

C/N 504: "trabalhamos pela física, física e socialmente, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais humana."

C/N. 504.2: "Esforçamo-nos em promover o respeito pela dignidade da pessoa humana e trabalhamos pela defesa dos direitos humanos."

4- Momentos capitais de uma educação integral

técnica
ação
ciência
sabedoria

Todas as dimensões da personalidade devem ser desenvolvidas, sendo a "sabedoria" ou ^{seja} a dimensão espiritual de suma importância.

RB 57,1: "Se há artistas no mosteiro, que executem suas artes com toda a humildade."

RB 53,22: "Seja a casa de Deus sabiamente administrada por monges (pessoas) sábias."

RB 64,2: "Aquele que deve ser ordenado (ou receber um cargo) seja eleito pelo mérito da vida e pela doutrina da sabedoria, ainda que seja o último na ordem da comunidade" (Quem chegare por último)

C V,2, (ver item 2); C I,5: "Somos desafiados a suscitar o sentido de Deus na nossa sociedade contemporânea e fazer com que outros despertem para a salvação integral do mundo, oferecida por Deus em Jesus Cristo."

5- Família, Estado, Igreja — escola: grupo subsidiário

A escola nunca vai poder substituir a família, mas nós nos esforçamos para subsidiá-la, dando todo o nosso amor aos "meus novos", aos pequenos nos quais Jesus está presente (Mt 25,40)

RB 30,1: "Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias."

RB 63,10: "Honrem os mais moços os mais velhos que eles, e os mais velhos amem aos irmãos mais moços."

C/N. 502: "Abertas a todas as atividades compatíveis com nossa vida beneditina de comunidade e oração, assumimos diversas formas de compromissos apostólicos, tais como educação...

18/8/2014

Fr. Hilde Martin OSB



Sandra Papi

1) Maria Elvira Bassini
nascimento: 12/12/1921

2) X Estive ligada ao Colégio Santa Escolástica de

- 1937 a 1941 - como aluna e como membro do noviciado.
- 1943 a 1947 - exercendo magistério fundamental.
- • 1952 a 1955 - exercendo magistério e direção da escola (setor administrativo e pedagógico) → 1958 a 1966 - magistério e direção da escola
- 1979 a 1985 - exercendo direção geral da escola.
- 1988 a 1991 - exercendo direção geral da escola.

3) Professoras (todas Irmãs)

I. Bangytha, I. Edmunda, I. Evangelista,
I. Assumpta Schneider, I. Francisca
I. Gabriela, I. Myrthes, I. Ruth

4) Português, Francês, Inglês

História Geral, História do Brasil, Geografia
Matemática, Física, Química, Biologia
Religião, Educação Física, Trabalhos manuais

(bordado)

5) A matéria era explicada pela professora. As alunas podiam fazer perguntas e pedir explicações extras. Havia bastante dever de casa: Composições (pelo menos uma por semana, corrigida e devolvida) exercícios de gramática; resolução de problemas de matemática, física, química; memorizações de matérias expositivas (geografia, história etc); questionários, pesquisas.

O dever de casa era controlado: o desempenho entrava na nota do boletim.

Havia chamadas orais: a aluna devia expor, sem auxílio de lembrete, dissertações inteiras.

6)

O prédio era bem funcional, não exigindo esforços das alunas, para maiores locomoções

para os locais usados: sala de aula, salas especiais, instalações sanitárias, refeitório. Poucas escadas necessárias.

7) Classes femininas (no meu tempo. Até após 1980 - mais ou menos - é que o colégio adotou sistema misto).

8) Havia 4 períodos de provas: abril, junho, setembro e dezembro. Não havia recuperações. Havia 2ª época em fevereiro). As provas eram supervisionadas por um inspetor designado pela Secretaria de Educação. Vinha de São Paulo. Não se podia iniciar a prova antes de o inspetor assistir o sorteio da prova.

A prova, para sorteios, era elaborada em 10 pontos (abril), 15 pontos (em junho) 20 pontos em setembro e em dezembro. Cada ponto compunha-se de 3 questões: a 1ª, uma dissertação com valor 5 e 2 questões menores (em perguntas) com valor 2,5 cada. A aluna tinha 60 minutos para responder. No fim do ano havia exame oral. Cada prova, também oral, apresentava 3 assuntos diferentes para expor.

9) Muita coisa era explicada e anotada no caderno. Lembra-me apenas, como professora já, ter usado o "Páguas Floridas de Silveira Bueno", o Geografia de Moisés Gicovate, o Religião do Padre Negro Monte.

10) Formaturas muito bem preparadas pelas alunas e pelo colégio. Festegava-se a formatura do Curso Normal, do "giniário", do "primário" e do Jardim da Infância: todas com muita solenidade.

Havia o "Dia das Mães", 12 de setembro. Como todas as Irmãs tinham o nome de Maria (Maria Edmunda, Maria Francisca etc) não era festejado pelas alunas o dia do nome (onomástico) mas fazia-se uma grande festa no dia de Maria. O Conservatório (Curso de Música (Piano) oferecia 2 festas por ano: canto (orfeão) danças, teatro, jogos, abertas a todos os convidados das alunas. Apreciadas!

Havia, anualmente, exposição dos trabalhos manuais (bordados especialmente) do Curso Primário e Quinário, incluindo os trabalhos das alunas internas. Muito apreciada.

11) Nas festas de formatura eram convidadas especiais, as autoridades da cidade.

12) O Colégio ofereceu, à parte Curso de Técnico de Enfermagem (especializado), Curso de Comércio (especializado), Curso de Alemão.

Bem eficiente era o conservatório (piano e violino). As provas de fim de ano eram assistidas por professoras de São Paulo.

13 -

14 - O ambiente do Colégio fazia jus ao "Espírito de Família" característico dos beneditinos. As alunas tinham convívio "de amizade" com todos os elementos do Colégio. Em suas dificuldades pessoais podiam recorrer a qualquer irmã ou professora. Os funcionários eram respeitados e queridos: verdadeiros amigos.

M^a Aparecida
Feliz Pádua

Em que períodos (anos) a senhora esteve ligada à história do Colégio Sta. Escolástica?

1. Estive ligada ao Colégio Santa Escolástica de

- 1937 a 1941 - como aluna e como membro do noviciado.
- 1943 a 1947 - exercendo magistério fundamental.
- 1952 a 1955 - exercendo magistério e direção da escola (setor administrativo e pedagógico)
- 1979 a 1985 - exercendo direção geral da escola.
- 1988 a 1991 - exercendo direção geral da escola.

Qual sua formação profissional?

2. Formação profissional:

- Curso Superior de Geografia
- Curso Superior de História
- Setor lingüístico de Letras Clássicas
- Exame de suficiência em Português
- Cursos de extensão universitária.

Quais as atividades pedagógicas a senhora desenvolveu no Colégio Sta. Escolástica?

3. Lecionei Geografia - Curso fundamental e médio

- Lecionei História - Curso fundamental e médio
- Lecionei Português - Curso fundamental.
- Lecionei Religião - Curso fundamental e médio.
- Lecionei O S P B e Educação Cívica - Curso fundamental.
- Lecionei Sociologia Educacional - Curso Normal
- Exerci Direção Geral de Escola.

No período em que a senhora trabalhou no Colégio, se lembra da organização do curso normal?

4. O curso normal foi fundado em 1944. Diz a crônica, "após lutas e dificuldades chegou a aprovação oficial para Escola Normal. Livre Santa Escolástica".

Em 1968, consta, no arquivo, a Fundação do Curso de Especialização para Pré-Primário (como 4º ano Normal). A maioria das alunas, após o 3º do curso normal, prestava vestibular, acumulando, para o ano seguinte, 4º magistério e 1º ano universitário. Consta que venciam bem o exercício de 2 cursos.

Em 1994 suprimia-se o curso de Especialização para o Pré-primário e em 1995 o curso normal (Curso de Formação de Professores) para dar início ao curso do então 2º grau.

Imã Maria Elvira OB.

Naquele tempo não se exigia Curso Superior de Pedagogia, para registro de direção de escola.